

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

MARINA SOARES FARIAS CARVALHO

**DISCURSOS SOBRE MULHERES NO WEBJORNALISMO
PIAUIENSE**

LINHA DE PESQUISA: PROCESSOS E PRÁTICAS EM JORNALISMO

**TERESINA - PI
2018**

MARINA SOARES FARIAS CARVALHO

**DISCURSOS SOBRE MULHERES NO WEBJORNALISMO
PIAUIENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Piauí, como requisito para obtenção do grau de Mestra em Comunicação, sob orientação da professora Dra. Cristiane Portela de Carvalho.

TERESINA-PI
2018

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do
Piauí Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

C331d Carvalho, Marina Soares Farias.

Discursos sobre mulheres no webjornalismo piauiense
/ Marina Soares Farias Carvalho. – 2018.

142 f.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) –
Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

“Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cristiane Portela de Carvalho”.


CDD 070

MARINA SOARES FARIAS CARVALHO

DISCURSOS SOBRE MULHERES NO WEBJORNALISMO DOS PORTAIS DE
NOTÍCIAS PIAUIENSES CIDADE VERDE E G1 PI

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
da Universidade Federal do Piauí, em
cumprimento às exigências para obtenção do
título de Mestre em Comunicação


PROFA. DRA. CRISTIANE PORTELA DE CARVALHO
Presidente


PROF. DR. RAFAEL RODRIGUES DA COSTA
Examinador


PROF. DR. PAULO FERNANDO DE CARVALHO LOPES
Examinador

RESUMO

CARVALHO, Marina Soares Farias. **Discursos sobre mulheres no webjornalismo piauiense**. 2018. 142 f. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

A presente dissertação investiga os discursos sobre mulheres no webjornalismo piauiense. O objetivo geral é analisar as construções discursivas das notícias jornalísticas que trazem as mulheres como tema central, veiculadas de outubro de 2016 a janeiro de 2017, nos portais de notícias piauienses Cidade Verde e G1/PI. Os objetivos específicos são: - analisar como as mulheres ganham voz, ou são silenciadas, nos discursos jornalísticos dos portais; - mostrar que as mulheres não podem ser classificadas apenas pelo determinante biológico, mas que o feminino é uma construção social; - entender os silenciamentos discursivos dos portais em torno de questões/temas relevantes da atuação social feminina. Para tanto, os fundamentos teóricos do trabalho envolvem os seguintes estudos: sobre mulheres, propostos por autores como Bourdieu (2002), Lipovetsky (2000) e Teles (1999); sobre gênero, de acordo com pensadores como Scott (1995), Butler (2003) e Beauvoir (1980); sobre webjornalismo - jornalismo praticado na internet – na perspectiva de autores como Castells (2003), Dalmonte (2009), Machado e Palácios (2003), Seixas (2003), dentre outros. Em termos metodológicos, a pesquisa adota a Análise de Discurso Crítica (ADC), em três níveis (prática social, prática discursiva e texto), segundo Fairclough (2001). Infere-se, portanto, que as matérias analisadas apresentam discursos sobre mulheres envolvendo as mais diversas esferas sociais. Quando se encontram em posição social de destaque, elas são apresentadas como protagonistas de sua própria história e possuem voz própria nas construções discursivas. As demais mulheres são silenciadas ou apresentadas por outras vozes.

PALAVRAS-CHAVE: Discursos. Mulheres. Portais de notícias. Webjornalismo.

ABSTRACT

CARVALHO, Marina Soares Farias. **Speeches on women in the webjournalism Piauiense**. 2018. 142 f. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

This dissertation investigates the discourses about women in Piauían webjournalism. The general objective is to analyze the discursive constructions of journalistic subjects that bring women as the central theme, published from October 2016 to January 2017, at the news portals Piauiense Cidade Verde and G1 / PI. The operational objectives are: - to analyze how women gain a voice, or are silenced, in the journalistic discourses of the portals; - show that women can not be classified only by the biological determinant, but that the feminine is a social construction; - understand the discursive silences of the portals around issues / themes relevant to the female social performance. For this, the theoretical foundations of the work involve the following studies: on women, proposed by authors like Bourdieu (2002), Lipovetsky (2000) and Teles (1999); on gender, according to thinkers such as Scott (1995), Butler (2003) and Beauvoir (1980); (2003), Dalmonte (2009), Machado and Palácios (2003), and Seixas (2003), among others. In methodological terms, the research adopts Critical Discourse Analysis (ADC), in three levels (social practice, discursive practice and text), according to Fairclough (2001). It is inferred, therefore, that the analyzed articles present discourses about women involving the most diverse social spheres. When they are in a prominent social position, they are presented as protagonists of their own history and have their own voice in the discursive constructions. The other women are silenced or presented by other voices.

KEYWORDS: Speeches. Women. News portal. Webjournalism.

Dedico esta pesquisa àqueles que sempre me incentivaram a estudar: meus pais, Maria Helena e Juarez, e meu marido Benoni Júnior. Dedico também ao meu filho Benício, que hoje me inspira a estudar ainda mais. Vocês são minha maior motivação!

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser meu guia e me dar forças para persistir com os meus sonhos.

A minha querida orientadora, Profa. Dra. Cristiane Portela de Carvalho, pelos muitos ensinamentos e incentivo dentro e fora da sala de aula, pela amizade e paciência e, especialmente, por ter aliviado minhas angústias durante esta caminhada.

Ao Prof. Dr. Paulo Fernando de Carvalho Lopes, por ter sido o primeiro professor a me tirar da zona de conforto, por todos os ensinamentos e orientações.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPI, pelo conhecimento compartilhado.

Aos meus colegas de turma, por todo incentivo, pelas angústias partilhadas e conhecimentos compartilhados ao longo do Mestrado.

Aos colegas do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Comunicação (Nepec), em especial ao Prof. Dr. Laerte Magalhães, por me ajudar no estudo da ADC.

A Profª. Pós - Doutora Juliana Fernandes Teixeira, pelo conhecimento repassado e pelas experiências compartilhadas.

A Profª. Dra. Clarissa Carvalho, pelas dicas preciosas.

E a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização desta pesquisa, o meu muito obrigada!

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

	p.
Figura 01 - Modelo tridimensional do discurso	49
Quadro 01 - Notícias que compõem o <i>corpus</i> da pesquisa	72
Figura 02 - Patrícia Leal consegue eleger 10 dos 13 vereadores de Altos	74
Figura 03 - Margarete defende PEC estadual e diz que servidor não será prejudicado	76
Figura 04 - No Piauí, vereadora doará salário de R\$ 5,1 mil para instituições sociais	79
Figura 05 - Me realizei por poder mudar a visão dos alunos', diz professora trans do PI	81
Figura 06 - Candidatas perdem Enem, mesmo chegando ao local uma hora antes	84
Figura 07 – Delegada Vilma Alves, titular da Delegacia da Mulher do Centro	86
Figura 08 – Dona Elisângela chora ao falar da situação da filha	93
Figura 09 – Karem Rafaela encontra-se em estado vegetativo em hospital de Teresina	94

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	p. 09
2	MULHERES, GÊNEROS E DISCURSOS	p. 16
2.1	História social das mulheres	p. 16
2.1.1	As mulheres no Brasil	p.20
2.2	Estudos de gênero: principais abordagens	p.24
2.2.1	Feminismos: a luta por direitos humanos, civis e respeito às diferenças	p.30
3	MÍDIA, MULHERES E DISCURSOS	p.40
3.1	Mídia e discursos	p.41
3.2	Análise de Discurso Crítica (ADC)	p.43
3.2.1	Histórico sobre a ADC	p.44
3.2.2	Principais conceitos da ADC	p.47
3.2.2.1	Discurso	p.47
3.2.2.2	Discurso e prática social	p.48
3.2.2.3	Ideologia, hegemonia e poder	p.53
4	MULHERES NO CONTEXTO DO WEBJORNALISMO	p.58
4.1	Os portais de notícias	p.63
5	PERCURSOS METODOLÓGICOS	p.67
5.1	Categorias utilizadas nas análises	p.68
5.2	Corpus da pesquisa	p.71
5.2.1	Notícias selecionadas nos portais Cidade Verde e G1/PI	p.71
6	AS CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS SOBRE MULHERES NO WEBJORNALISMO PIAUIENSE	p.73
6.1	Mulheres e Política	p.74
6.2	Mulheres e Educação	p. 80
6.3	Mulheres e Violência	p.85
6.4	Mulheres e Saúde	p.91
6.5	Mulheres e Crime	p.95
7	Considerações finais	p.99
	REFERÊNCIAS	p.103
	ANEXOS	p.111

1 INTRODUÇÃO

Se a função da fêmea não basta para definir a mulher, se nos recusarmos também explicá-la pelo “eterno feminino” e se, no entanto, admitimos, ainda que provisoriamente, que há mulheres na terra, teremos que formular a pergunta: que é uma mulher? (BEAUVOIR, 1980, p. 09).

A presença das mulheres na mídia acontece de diferentes formas: como tema principal das notícias, como produtoras de mensagens midiáticas, compondo cenários (o que inclui a exploração do corpo feminino pela propaganda) ou ainda como receptoras de mensagens. Por meio de matérias jornalísticas a mídia mostra fatos envolvendo as mulheres nos mais diversos contextos sociais.

Em cada contexto, a participação feminina na mídia pode adquirir faces distintas, por exemplo, a mulher pode aparecer com voz própria ou por meio da fala de outros. E assim por diante. Para cada uma das possibilidades de participação na mídia, as subdivisões e bifurcações possíveis são múltiplas.

Neste sentido, a mídia é responsável pela dinamicidade ou, algumas vezes, estaticidade dos comportamentos sociais. A prática discursiva no jornalismo envolve processos de produção, distribuição e consumo textual, e a natureza desses processos varia entre diferentes tipos de discursos de acordo com os atores sociais.

Seja nos meios de comunicação tradicionais (impressos, rádio, TV) ou nos digitais, é importante conhecer e entender como são construídos os discursos nas notícias que trazem as mulheres como tema central, pois, o discurso é socialmente constitutivo e contribui para a formação de todas as dimensões da estrutura social. E mais, "o discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado" (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

A mídia, por meio de seus discursos, tem a capacidade de legitimar, silenciar e retratar as mulheres de diversas maneiras. As análises das construções discursivas permitem entender como isso vem sendo feito ao longo da história das mulheres. Muitas vezes, os meios de comunicação contribuem para reforçar o domínio masculino na sociedade, ou seja, garantem o domínio patriarcal. Bourdieu (2012) reforça que a mídia sempre designou papéis menores às mulheres em todos os âmbitos e assuntos. Isso

favorece a hegemonia masculina. Esta visão é legitimada pelas práticas sociais que incorporam o preconceito contra as mulheres.

De acordo com Savietto (2015), a maioria das pesquisas, que tem como foco estudar a presença das mulheres na mídia, preocupa-se com os estereótipos. Isto desperta a crítica das feministas, que apresentam três problemas principais nas notícias sobre mulheres, a saber: a ausência das mulheres em conteúdos importantes, reforçando a situação marginal das mulheres; o fato de que, quando há notícias sobre mulheres, essas costumam centrar-se em sua maioria em atributos sexuais, ressaltando o papel sexual das mulheres e retratando-as como menos inteligentes e menos capazes ou ainda reforçando o papel tradicional de mães e esposas; e a falta de acesso das mulheres à tomada de decisões em empresas de notícias. É importante ressaltar também que as mulheres têm ocupado espaços menos importantes na política em todo o mundo e que quando atingem sucesso ou uma posição política de destaque elas tendem a sofrer insultos e humilhações baseadas no gênero. As feministas travam uma luta árdua no sentido de mudar esta condição social das mulheres. O Capítulo 2 desta dissertação mostra que conquistas neste sentido já foram alcançadas, mas que ainda faltam muitas outras.

Diante disso, este trabalho tem como **objetivo geral** analisar as construções discursivas das matérias jornalísticas que trazem as mulheres como tema central, nos portais de notícias piauienses Cidade Verde e G1/PI, para entender como essas mulheres são mostradas para a sociedade. Os **objetivos específicos** são: - analisar como as mulheres ganham voz, ou são silenciadas, nos discursos jornalísticos dos portais; - mostrar que as mulheres não podem ser classificadas apenas pelo determinante biológico, mas que o feminino é uma construção social; - entender os silenciamentos discursivos dos portais em torno de questões/temas relevantes da atuação social feminina.

Parte-se, assim, das seguintes **hipóteses**: - os portais Cidade Verde e G1/PI mostram as mulheres nas diversas esferas sociais, mas o enfoque recai prioritariamente na ótica da atuação política e no contexto da violência social; - as mulheres são classificadas pelos portais na perspectiva biológica; - os discursos, nas matérias jornalísticas que trazem a mulher como tema central, contêm evidências de que os portais dão voz às mulheres que possuem uma ocupação social de destaque, enquanto as demais são retratadas a partir do que outras vozes falam sobre elas.

Estudar as práticas discursivas na mídia é de significativa importância no atual

cenário social, pois a comunicação mediada pela tecnologia apresenta-se como elemento fundamental na formação de ideias. Considerando que os discursos são “locais” privilegiados para as disputas hegemônicas e que as relações sociais estão cada vez mais mediadas e midiaticizadas é importante analisar os discursos que circulam na mídia. Os portais de notícias piauienses Cidade Verde e G1/PI são os observáveis deste trabalho, portanto, são os locais de coleta e seleção do que é dito e/ou silenciado sobre as mulheres. A opção por estudar os discursos jornalísticos sobre as mulheres em portais de notícias e não em outros veículos, justifica-se pela amplitude que o jornalismo veiculado na web ou o webjornalismo tem adquirido neste início de século XXI.

Apesar dessa plataforma ainda não ser acessível a todos (conforme é explicado no Capítulo 4 desta dissertação), entende-se que ela é promissora e vem ganhando cada vez mais espaço na sociedade atual. A escolha específica pelo portal Cidade Verde acontece em virtude do índice de acessos, registrado pelo Ranking de Sites (2016), constando entre os cinco mais acessados no Piauí, ocupando a 3ª posição, e por publicar muitas matérias produzidas por seus próprios profissionais.

A escolha pelo portal G1/PI, apesar de ser um portal mais recente, se justifica também por publicação de material jornalístico próprio. Diferente do que ocorre com outros portais piauienses, que publicam muitas notícias produzidas e já publicadas por outros portais, principalmente por portais nacionais.

O Cidade Verde, criado em julho de 2007, é um portal de notícias vinculado à TV Cidade Verde, afiliada ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Com o Slogan "A gente tem conteúdo", prioriza a divulgação de notícias locais e possui nove editorias. São elas: Política, Entretenimento, Geral, Esporte, Vídeos, Economia, Cidades, Viver Bem e Destaque da TV. Sena (2015), coordenadora do Cidade Verde, afirma que as notícias mais acessadas são as que tratam de polícia e entretenimento. O portal possui hoje uma equipe formada por 15 repórteres, dois fotógrafos, um editor de vídeo, um coordenador e vários colaboradores, em Teresina e nos municípios piauienses.

O G1/PI, portal de notícias vinculado à TV Clube, afiliada da Rede Globo de Comunicações, foi inaugurado no dia 23 de novembro de 2012 e faz parte da rede de afiliadas que compõe o G1 Nacional. Segundo Siqueira (2016), gerente do G1/PI, a exemplo da TV Globo, que possui afiliadas espalhadas por todo o país, o G1 Nacional “seguiu a mesma proposta e atualmente tem representantes em todos os estados. Por isso, o G1/PI foi criado: para repercutir as notícias do estado, assim como a TV Rádio Clube”.

Sem editoriais específicas, o G1/PI segue os princípios editoriais da Globo e é mantido pela TV Rádio Clube. Com o slogan “O jornalismo na internet que você pode confiar”, o portal conta com espaço específico para disponibilizar as edições diárias de todos os telejornais da emissora. Apesar de priorizar notícias de interesse público, as notícias mais acessadas pelos internautas são as de polícia e as “notícias curiosas”. O G1/PI possui hoje uma equipe composta por nove funcionários, sendo um gerente de jornalismo, dois editores de texto, três repórteres, dois estagiários e um programador visual. Assim, o webjornalismo vem se transformando em uma das principais plataformas de informação da sociedade, atingindo as mais diversas classes sociais e faixas etárias da população, além de ser bastante usado pelos jornalistas hoje.

Portanto, a partir desses observáveis, busca-se entender como são construídos os discursos sobre as mulheres. Diante da diversidade de femininos existentes nos dias atuais, quando se fala em mulher é importante deixar claro de que mulher se fala. No caso desta pesquisa, fala-se das mulheres que são mostradas/nomeadas pelos portais analisados (Cidade Verde e G1/PI), não apenas na perspectiva biológica e sim na pluralidade do ser feminino, conforme explica o Capítulo 2 desta dissertação. Ou seja, a mulher não pode ser definida unicamente pelo biológico ou por sua sexualidade, mas são muitos os fatores que fazem uma pessoa ser mulher e se sentir mulher, como bem explica Beauvoir (1980, p. 9), ao afirmar que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”.

Mesmo percebendo, por meio da análise do *corpus* desta pesquisa, que os portais de notícias Cidade Verde e G1/PI costumam nomear as mulheres pelo biológico, não é intenção deste trabalho focar apenas nesta perspectiva. Em muitas matérias jornalísticas publicadas pelos portais analisados, percebe-se, logo no título, uma definição da mulher pelo biológico, como na matéria veiculada pelo portal Cidade Verde no dia 18 de junho de 2015, cujo título é “Mulher é estuprada e morre em hospital com quadro de politraumatismo”. Nesse caso, o portal já a classifica como mulher independente da pessoa se sentir, ou não, mulher.

Em outra matéria, desta vez publicada pelo portal G1/PI no dia 15 de outubro de 2016, com o título “‘Me realizei por poder mudar a visão dos alunos’, diz professora trans do Piauí”, o portal já nomeia a pessoa como transexual¹, mesmo chamando-a de

¹ Transexual é um termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento e faz parte de um grupo chamado de “transgênero”. A transexualidade é uma questão de identidade e o que determina a condição transexual é como as pessoas se identificam, e não um procedimento cirúrgico. “A resposta mais simples e completa que define as pessoas transexuais é a de que: mulher transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento como

professora, no feminino, mesmo a matéria mostrando, por meio de fotografias, uma mulher assumida em sua feminilidade², pelas suas características físicas, pela sua forma de vestir-se, de pentear-se. Em todo o texto, portanto, ainda é utilizado o prefixo “trans”.

Vale ressaltar que esta pesquisa analisa as construções discursivas nas matérias jornalísticas que trazem as mulheres como tema central, em suas inúmeras possibilidades, ou seja, não determinadas/definidas apenas pelo biológico, mas mulher como construção social e cultural. E quando se fala “mulher” utiliza-se o conceito amplo de ser mulher, ou seja, de se sentir mulher. Retoma-se, assim, a pensadora feminista Simone de Beauvoir (1980) ao pensar exclusivamente no “tornar-se mulher”, ou seja, não há mais nenhuma relação biológica que obrigue que um corpo de uma fêmea se torne mulher e o corpo de um macho se torne homem; a pessoa é, ou pelo menos deveria ser livre para decidir a que gênero quer pertencer.

Desta forma, realizou-se a coleta nos portais Cidade Verde e G1/PI, no período de outubro de 2016 a janeiro de 2017, das matérias jornalísticas que possuem as mulheres como tema central, escolhidas em dias e horários diferentes da semana e de maneira aleatória. Foi coletada uma matéria por semana em cada portal, portanto, quatro matérias ao mês, totalizando 32 matérias ao todo. Os meses escolhidos (outubro de 2016 a janeiro de 2017) justificam-se por haver diversos registros de acontecimentos envolvendo mulheres e por não haver datas específicas em que normalmente as mulheres são exaltadas como, por exemplo, o “Dia Internacional da Mulher” (08 de março), o “Dia das Mães” (segundo domingo do mês de maio), dentre outros. O Capítulo 5 desta dissertação traz todos os detalhes sobre a metodologia adotada nesta pesquisa. A partir desta amostra, busca-se entender, por meio da Análise de Discurso Crítica (ADC), na perspectiva de Fairclough (2001), o questionamento condutor desta pesquisa: ► como os portais de notícias piauienses Cidade Verde e G1/PI constroem discursivamente as matérias jornalísticas que trazem as mulheres como tema central?

mulher. Homem transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento como homem”. (JESUS, 2012, p. 08).

² Feminilidade é um conjunto de atributos, comportamentos e papéis geralmente associados às meninas e às mulheres constituídas tanto biologicamente ou como construção social. A feminilidade é um conceito ainda muito controverso nos estudos feministas. Definida de maneira arbitrária e hegemônica dentro de uma sociedade patriarcal, está normatividade sobre o que é ser/parecer mulher tem sido bastante questionada desde as primeiras ondas feministas. A questão da feminilidade aparece como fator chave da ligação entre a mulher, enquanto sujeito, e a construção da imagem ideal da mulher, baseada nos interesses de uma sociedade regida pela cultura patriarcal. (BERALDO, 2017).

Para isso, além do diálogo com teóricos da Análise de Discurso Crítica (ADC), a exemplo Fairclough (2001), problematiza-se a questão do gênero como categoria de análise, destacando a evidência de que as mulheres são apresentadas em diversos âmbitos. A partir de então, é possível dizer que esta pesquisa se constrói por meio de um vasto material bibliográfico, que compreende livros, artigos científicos e outros escritos pertinentes às questões apresentadas, além das matérias jornalísticas que compõem o *corpus* da pesquisa.

Quanto à estrutura do trabalho, o primeiro capítulo introduz o questionamento condutor da pesquisa, apresenta os objetivos e as hipóteses, levantando as principais questões a serem problematizadas. O segundo capítulo, **Mulheres, gêneros e discursos**, apresenta aspectos importantes sobre a história social das mulheres, na perspectiva de autores como Lipovetsky (2000) e Teles (1999), para assim refletir sobre a atuação social das mulheres nos dias atuais. Além de discutir as principais abordagens sobre os estudos de gênero, na perspectiva de pesquisadores como Scott (1988; 1995), Butler (2003), Beauvoir (1980), dentre outros.

Vale destacar que não é pretensão fazer um aprofundamento sobre a história do gênero, pois este não é o objetivo central do trabalho. Pretende-se apenas situar e contextualizar, através de alguns estudiosos, a importância do estudo de gênero, permitindo uma visão evolutiva do fenômeno. O segundo capítulo revela também aspectos importantes acerca dos movimentos feministas, na perspectiva de Freitas (2017), Matos (2017) e Miguel e Biroli (2014), destacando que tais movimentos mostram a ascensão histórica das mulheres.

O terceiro capítulo, **Mídia, mulheres e discursos**, mostra a participação da mídia na projeção das mulheres, na perspectiva de Portela (2016), Mesquita (2013), revelando que os meios de comunicação são lugares sociais e políticos de construção de identidades onde ocorrem definições e ideologias de diferentes grupos etários, étnicos, de classe e de sexo. Este capítulo discorre também sobre a Análise de Discurso Crítica (ADC), proposto por Fairclough (2001), segundo a qual os discursos possuem uma dimensão social (a prática social) e uma dimensão material (o texto), sendo ambas as dimensões mediadas por uma terceira, a prática discursiva. Destaca-se o percurso histórico sobre a ADC, até chegar aos conceitos centrais, a saber: discurso, prática social, ideologia, poder e hegemonia.

O quarto capítulo, **Mulheres no contexto do webjornalismo**, discute o jornalismo praticado na internet, destacando seu crescimento e importância, na

perspectiva de autores como Castells (2003), Dalmonte (2009), Machado e Palácios (2003), Seixas (2003), dentre outros. Vale ressaltar que com o advento da internet e das tecnologias a linguagem também vem mudando, assim como os modos de interações, que hoje são pautados nos dispositivos tecnológicos que permitem a comunicação ou a transmissão de informação de forma bastante rápida, em tempo real.

O quinto capítulo discorre sobre os **Percursos metodológicos** da pesquisa, detalhando o passo a passo de como ela foi desenvolvida. O sexto capítulo, **As construções discursivas sobre mulheres no webjornalismo piauiense**, apresenta as análises das matérias coletadas dos portais.

Por fim, esta pesquisa constata que as matérias jornalísticas analisadas apresentam as mulheres em diversas esferas sociais. Quando se encontram em posição social de destaque, elas são apresentadas como protagonistas de sua própria história, ganham voz e destaque nas construções discursivas. As demais são silenciadas e/ou apresentadas por outras vozes.

2 MULHERES, GÊNEROS E DISCURSOS

Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos (BUTLER, 2003, p. 24).

Nos dias atuais, só é possível refletir sobre os papéis sociais das mulheres e compreender como elas são apresentadas pela mídia, a partir da história das mulheres e da construção das relações de gênero. Estes são, portanto, os dois aspectos primordiais que ajudam a entender a atuação social feminina.

2.1 História social das mulheres

Para entender a atual condição feminina é importante conhecer a vida social das mulheres, marcada por diferentes momentos em sua história, pois somente assim é possível perceber que as relações de poder ainda se configuram em desvantagem para elas. Desde a Idade Média as mulheres têm um papel definido e baseado em estereótipos que reforçam sua presença restrita ao espaço doméstico e às tarefas do lar. Segundo Moreira (2005), às mulheres era atribuído o símbolo da roça, simbolizando uma atividade na vida privada, já ao homem, o símbolo da espada, denotando força, virilidade e violência. Em Roma, as mulheres foram excluídas das atividades públicas, tendo suas atividades limitadas apenas às tarefas domésticas.

Eram submissas ao poder do homem dentro da família, já que esta era sempre governada pelo pai, marido ou sogro. Juridicamente eram consideradas incapazes. Na Europa Ocidental, apenas entre os Celtas havia equiparação jurídica entre homens e mulheres e estas tinham liberdade de escolher o parceiro e de solicitar a ruptura matrimonial, caso não estivessem satisfeitas [...] A esposa cuja família de origem era abastada quanto a do marido, vivia em completa igualdade com o mesmo, quando era superior, ela era a chefe de família, porém se

inferior, seus direitos eram bem reduzidos. (MOREIRA, 2005, p. 20).

Ou seja, entre os povos Celtas as relações de dominação entre mulheres e homens eram estabelecidas pelo poder econômico. Por volta do século X e XI o casamento acontecia através de um pacto entre as famílias e obedeciam a interesses dos homens. Quando as famílias não queriam repassar parte de seus patrimônios aos homens, enclausuravam as mulheres nos conventos. Esta era uma maneira de assegurar seus bens, já que não havia a necessidade de pagar dotes para casamentos. Neste período, muitas mulheres sofreram reprimidas.

Com o passar do tempo, diferentes mulheres tiveram experiências também diversas. Moreira (2005) explica que, no meio rural, as camponesas dividiram o trabalho com os maridos; as mulheres da alta sociedade, além da administração doméstica, muitas vezes substituíam seus maridos, ausentes pelas viagens, na administração das posses, demonstrando autoridade; existiam também as mulheres que desenvolviam atividades como artesãs e negociantes, movimentando a economia. “Na Alemanha, trabalharam em atividades pesadas e cansativas ligadas à metalúrgica e à construção civil e em algumas ligadas à alimentação. Na França, eram cabeleireiras, barbeiras e boticárias” (MOREIRA, 2005, p.23). Percebe-se assim, que em diversas atividades as mulheres estavam à disposição do homem, trabalhavam para servir e ajudar ao homem.

Dessa forma, mesmo circulando por diferentes espaços e ocupando diversas posições, as mulheres, desde as sociedades mais antigas, eram marginalizadas. O que mostra historicamente a dominação masculina. Bourdieu (2012) destaca que o masculino é visto como hierarquicamente superior e construído contra e em relação ao feminino. Isso foi historicamente construído por estarmos inseridos em padrões inconscientes de estruturas históricas da ordem masculina. Para o autor, a dominação masculina está inserida em nossos modos de pensar, agir, sentir, falar, fazendo com que essa reprodução da ordem social seja mantida e legitimada.

O fato é que a submissão das mulheres aos homens é percebida em diferentes momentos da história das mulheres no mundo. A vida das mulheres sempre foi marcada por submissão, desigualdades e lutas. Isto só começa a mudar um pouco por volta do século XVIII. Com o desenvolvimento da sociedade, o *status* de mulher começa a se alterar. A Revolução Francesa, movimento social e político que agitou a França, rapidamente difundiu ideias liberais contribuindo para transformar os hábitos e

costumes na Europa. Com isso, mulheres e homens começam a assumir novas posturas na vida social. Moreira (2005) destaca que, em consequência dos novos acontecimentos que se apresentaram no mundo, muitas mulheres se destacaram e participaram de embates em diversos países.

Na França, em 1791, Olympe de Gouges escreveu a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, paralela à Declaração dos Direitos do Homem, onde pede que sejam abolidos todos os privilégios masculinos. Por suas ideias avançadas foi guilhotinada em 1793. Na Grã-Bretanha, em 1792, Mary Wollstonecraft escreve A reivindicação dos Direitos da Mulher, expondo e apresentando o início de uma tomada de consciência em relação à luta pelos direitos da mulher. (MOREIRA, 2005, p. 29).

Essas transformações ecoaram no mundo inteiro e possibilitaram mudanças no comportamento das mulheres. O final do século XIX foi marcado pela necessidade de educação do sexo feminino. Com a modernização da sociedade, elas precisaram de escolarização, algo que foi negado a elas durante muito tempo. As meninas ricas foram as mais beneficiadas, mesmo tendo o casamento como principal objetivo.

Como em todas as épocas, existiram aquelas mulheres que não se permitiam viver em condições de desigualdades e passaram a lutar por igualdade de sexos. Segundo Rodrigues e Costa (2017), neste período, surge um novo discurso filosófico sobre as mulheres, com manifestações contra a discriminação feminina e a luta pelo direito ao voto. Acontecimento que sinaliza melhorias na perspectiva de vida delas. Com isso, valores e discurso vão se alterando e amplia-se a reflexão sobre as mulheres.

Neste sentido, elas passaram a lutar por direitos, que lhes foram negados em um mundo construído sob a autoridade masculina. Além do direito político ao voto, elas reivindicaram educação, igualdade e cidadania, o que possibilitou a elas transitarem do âmbito doméstico para o espaço público. Percebe-se que, ao longo do tempo, as mulheres passaram e continuam passando por diversas transformações. Muitas dessas transformações são, sem dúvida, resultantes do movimento feminista iniciado há mais de 50 anos, através da ativista Betty Friedan³ e de outras feministas que lutaram

³ A psicóloga e escritora Betty Friedan foi uma importante ativista feminista norte-americana do século XX. Participou também de movimentos marxistas e judaicos. Em 1963, publicou o livro "*The Feminine Mystique*" ("A Mística Feminina"), um *best-seller* que fomentou a segunda onda do feminismo, abordando o papel da mulher na indústria e na função de dona de casa e suas implicações tanto para a sobrevivência do capitalismo quanto para a situação de desespero e depressão que grande parte das mulheres submetidas a esse regime sofriam. (FRIEDAN, 1971).

ativamente pelos direitos das mulheres.

De “dona do lar” ao mercado de trabalho. Da mulher diabolizada, desprezada, idealizada, adulada, subordinada ao homem, à mulher emancipada, independente. Nenhuma atividade ou função está mais, em princípio, fechada às mulheres, pois “nada mais fixa imperativamente seu lugar na ordem social; ei-las, da mesma maneira que os homens, entregues ao imperativo moderno de definir e inventar inteiramente sua própria vida” (LIPOVETSKY, 2000, p. 237).

O século XX foi importante no que se refere à evolução do destino e da identidade das mulheres. Nas sociedades ocidentais contemporâneas, instalou-se uma nova figura social do feminino, “instituinto uma ruptura muito importante na “história das mulheres” e exprimindo um último avanço democrático aplicado à condição social e identitária do feminino” (LIPOVETSKY, 2000, p.12). Essas mulheres que rompem com o mundo fechado, anterior ao atual, o autor chama de “a terceira mulher”. O lugar do feminino deixou de ser preordenado pela ordem social.

Mas até ser denominada de “a terceira mulher” observa-se que elas passaram por processos decisivos de transformações e o movimento feminista tem grande importância nesse sentido,

Trabalhar fora, exigir melhores salários e se firmar como chefe de família foram acontecimentos que começaram a revolucionar a história, mudando o conceito de sexo frágil que vigorava até então e justificava as atitudes violentas e machistas dos homens que subjugavam a mulher, condicionando-a a posição de mãe e esposa sem direito de participação. (SOUZA, 2017, p. 02).

As mulheres passaram a lutar mais intensamente por igualdade de direito, passaram a refletir mais sobre questões historicamente inerentes a elas, como casamento, aborto, violência contra a mulher, mercado de trabalho, enfim, passaram a assumir posições de luta contra o preconceito e a dependência masculina.

Sobre o casamento, por exemplo, que era uma obrigação dada às mulheres antigamente, Giddens (1993) afirma que hoje, elas, sobretudo as adolescentes, não falam mais de casamento e sim de relação, é o que ele chama de “relação pura”.

situação em que uma relação social foi assumida em si mesma, naquilo que pode resultar para uma pessoa da relação com outra e que dura apenas enquanto for considerada por ambas as partes como uma fonte de satisfação. [...] A relação pura [...] faz parte de uma sexualidade genérica reestruturadora da intimidade; emerge também

noutros contextos da sexualidade que não o casamento heterossexual e encontra-se de algumas formas causalmente relacionadas com o desenvolvimento da sexualidade plástica (GIDDENS, 1993, p. 39).

Assim como no casamento, em outros âmbitos a condição das mulheres, hoje, é diferente. As transformações das mulheres, ao longo das últimas décadas, são resultados de lutas feministas, como mostra, com detalhe, mais adiante esta dissertação.

2.1.1 As mulheres no Brasil

A história das mulheres no Brasil é marcada pela desigualdade, exclusão e diferença. Ainda no período Colonial, as mulheres (principalmente as indígenas) eram exploradas, sobretudo, pelos colonizadores portugueses. Serviam aos homens (pai, irmãos, patrão, marido) e se dedicavam exclusivamente à família e às atividades de plantação e colheita (TELES, 1999).

A chegada dos colonizadores marcou um período de exploração aos nativos, em benefício do nascente Capitalismo europeu. As mulheres eram, portanto, ainda mais oprimidas, pois, naquela época, a sociedade já se organizava de forma patriarcal, ou seja, os homens tinham em suas mãos o poder, as decisões e os privilégios.

Nesse contexto, Teles (1999, p. 19) destaca que coube às mulheres, e somente àquelas das classes dominantes, o papel de esposa e mãe dos filhos legítimos dos seus maridos (proprietários de terras e de escravos).

A mulher se casava ainda muito jovem e o marido, escolhido pelo pai, era, geralmente, bem mais velho. Além das atividades do lar (organização da cozinha, cuidado com as crianças, direção dos trabalhos das escravas), cabia ainda à mulher tarefas como a fiação, tecelagem, rendas e bordados e o cuidado com o pomar [...] Dificilmente a mulher podia fugir a esses padrões. (TELES, 1999, p.19).

No Brasil colonial, as mulheres tinham o papel de auxiliar o marido na manutenção de seu lugar social e, algumas delas, gerenciavam os negócios da família, embora “prevalecendo, no entanto, a autoridade do homem e a submissão da mulher” (MOREIRA, 2005, p. 29).

No Brasil Imperial, as mulheres permaneceram voltadas ao papel de mãe, esposa dedicada e dona de casa. Elas não participavam da vida pública e as decisões políticas eram exclusivamente dos homens. Mesmo assim, algumas mulheres começaram a se

destacar, ao lado de escravos e intelectuais, e lutaram pela Independência, Abolição da Escravatura e por direito à educação.

Com o desenvolvimento das cidades e a implantação do sistema Capitalista, teve início um tímido ingresso do sexo feminino nas poucas escolas existentes e que as aceitavam. Algumas dessas mulheres chegaram, inclusive, a ingressar em Universidades. Assim, em 1881, aconteceu à entrada da primeira mulher em um curso superior no Brasil, “mas somente em 1887 se graduava a doutora em Medicina Rita Lobato Velho Lopes” (TELES, 1999, p. 28). As mulheres começam, portanto, mesmo que lentamente, a ganhar espaço social. Dessa forma, um número cada vez maior de mulheres passava a receber instruções, embora um amplo segmento da população permanecesse analfabeto. Com isso, cada vez mais elas assumiam empregos fora de casa, especialmente em salas de aula, repartições públicas e estabelecimentos comerciais. Elas passaram a competir por posições de alto nível em serviços públicos,

muito embora a maioria das profissões permanecesse indiscutivelmente dominada pelos homens. As mulheres que tinham conseguido ingressar em profissões consideradas tradicionais e de alta respeitabilidade, como advocacia ou medicina, representavam apenas uma fração reduzida do total da força de trabalho feminina. Contudo, de suas fileiras saíram muitas das integrantes do pequeno grupo de mulheres brasileiras que trabalhavam conscientemente para mudar seu status social e político no século XX. (HAHNER, 2003, p. 28).

Neste período, Moreira (2005) destaca que o número de mulheres alfabetizadas era muito baixo, de 202.222 habitantes na província, apenas 27.776 pessoas eram alfabetizadas, e dessas, pouco mais de 10 mil eram mulheres. Apesar do baixo número, o autor destaca algumas mulheres que fugiram à regra.

Dionísia Gonçalves Pinto, que assinava o pseudônimo Nísia Floresta Brasileira. Natural do interior do Rio Grande do Norte, educadora, escritora, publicou vários livros entre eles Conselho a minha filha. Precursora das ideias de igualdade e independência da mulher, faleceu na França em 1885. Maria Firmina dos Reis, escritora mulata maranhense. Professora pública e autora de contos e romances. Luiza Amélia de Queiroz Brandão, poetisa, nasceu em 1838 no interior do Piauí. Foi a primeira mulher a ocupar a Academia Piauiense de Letras. (MOREIRA, 2005, p. 31-32).

Já no final do período Imperial, algumas mulheres participaram do movimento Abolicionista, com ideias inovadoras e propostas voltadas para a educação, para a

emancipação da mulher e para a instauração da República. Porém, é importante destacar que o número de mulheres que lutava por essas ideias era ainda muito baixo, pois a maioria delas vivia de forma submissa e longe dos espaços públicos.

Os ideais femininos começaram a se expandir e circular, de fato, ainda no século XIX, com o surgimento da imprensa feminina. Neste período, diversos jornais no Brasil começaram a ser editados por mulheres. Teles (1999, p. 34) esclarece que “o Brasil foi o país latino americano onde houve maior empenho do jornalismo feminino. O primeiro desses jornais foi o “Jornal das Senhoras”, que saiu às ruas em 1852, editado por Joana de Paulo Manso”. A partir de então, muitos outros jornais surgiram voltados para as mulheres.

Segundo Hahner (2003), o Jornal das Senhoras tinha como objetivo trabalhar pelo melhoramento social e pela emancipação moral da mulher. A autora explica que “a emancipação moral das mulheres incluía o justo gozo de seus direitos, que o egoísmo do homem lhe rouba e dos quais a deserdá, porque tem em si a força material” (HAHNER, 2003, p. 86). O periódico relatava as diferenças do casamento para homens e para mulheres, destacando que elas tinham o casamento como o fim da sua existência e nele sempre encontravam decepção, tirania insuportável ou abandono. Ao contrário dos homens, que viam no casamento uma forma de satisfazer um desejo, um capricho, de obter fortuna, ou apenas mudar de estado. O Jornal das Senhoras também destacava que as mulheres não exerciam influência política e econômica na sociedade e nem mesmo influência no âmbito familiar. Enfim, aquele jornal tinha a intenção de lutar pela melhoria do destino das mulheres (HAHNER, 2003). Anos depois, surgiram outros jornais editados por mulheres, defendendo a emancipação feminina, mesmo que, muitas delas, ainda permanecessem relativamente isoladas e relatassem casos de exploração e submissão.

No período Republicano, a grande maioria das mulheres continuava sendo explorada. As negras corriam atrás de um trabalho remunerado para poder sustentar a família, as operárias eram duplamente explorada, pois trabalhava no lar e na fábrica, e ainda recebia baixos salários e tinha jornada de trabalho maior que a dos homens. Dessa forma, algumas começaram a participar de movimentos em busca de igualdade salarial, diminuição de jornada de trabalho, abolição do trabalho noturno, direito ao voto, dentre outras lutas.

Nas primeiras décadas do século XX, um número cada vez maior de brasileiras instruídas defendia o voto feminino. Segundo Hahner (2003, p. 29), as organizações

formais dos direitos da mulher surgiram “quando a causa do sufrágio ganhou uma certa aceitação entre os setores da elite brasileira que haviam testemunhado a conquista do voto feminino na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, depois da Primeira Guerra Mundial”. As brasileiras demonstraram boa disposição para aprender com a experiência alheia, e buscaram se adequar ao contexto nacional.

Durante a Segunda Guerra Mundial as mulheres tiveram papel importante. Exerçeram intensa atividade, lutando pela sobrevivência e pelo antifascismo, na defesa da paz, pela estabilidade democrática e pela soberania nacional (TELES,1999). Anos depois, elas sofreram com a Ditadura Militar. Algumas delas se movimentaram em função de defesa das suas famílias, de presos políticos, outras participaram de partidos clandestinos e até mesmo lutaram em guerrilhas urbanas. No período da Ditadura, elas se mostraram ainda mais corajosas, com capacidade de luta e descobriram-se fortes diante das discriminações que as vitimavam.

A partir de 1964, elas começam a tomar posição de destaque, lutando por melhores condições de vida, em manifestações pelo país, através do movimento feminista⁴, que tem uma história de luta em favor das mulheres no Brasil e no mundo. Neste contexto, a imprensa feminina/feminista, mais uma vez, ressurgiu, colocando em discussão temas importantes para as mulheres.

A partir de então as mulheres começaram a lançar suas ideias de articulação, organizando-se em diversos pontos do país. E nas comemorações de 8 de março – Dia Internacional da Mulher -, os grupos feministas e de mulheres assinalavam os momentos mais expressivos de divulgação das suas ideias libertárias. [...] Reportagens da imprensa escrita e falada descreviam vigorosos atos públicos com as mulheres reivindicando seus direitos e se identificando em suas ações. (TELES, 1999, p. 161).

Essas ações repercutiam no ambiente político, nos espaços tradicionalmente masculinos e entre os intelectuais. Com isso, as mulheres ganharam espaços, passaram a mudar o percurso de sua história e passaram a ocupar lugares até então alheios a elas. Na década de 1980, as organizações das mulheres multiplicaram-se, demonstrando avanço da consciência feminina. Nesse período, a violência contra as mulheres ganhou espaço na sociedade e na mídia, sobretudo, a violência doméstica praticada pelos esposos e companheiros. A partir de então, foi criado em São Paulo o primeiro grupo de combate à violência contra as mulheres, o SOS Mulher.

⁴ O Item 2.2.1 desta dissertação traz detalhes sobre os movimentos feministas.

Esta experiência de ação política dos movimentos sociais intitulados SOS multiplicou-se pelo país, e se constituiu em uma iniciativa pioneira de acolhimento das mulheres em situação de violência. A ação dos SOS estimulou as feministas a demandarem uma atuação do Estado, que respondeu com a criação das Delegacias Especializadas de Atendimento às Mulheres (DEAM), tendo, a primeira DEAM sido inaugurada em São Paulo, em 1985. (BANDEIRA; MELO, 2010, p. 26).

Desde então, a violência contra a mulher passou a ser pauta dos movimentos e discussões das mulheres no Brasil. Teles (1999) destaca que a Constituinte de 1988 foi outro momento significativo para a mobilização das mulheres e para o avanço das ideias a respeito do papel por elas ocupados na sociedade.

Conquistou-se a igualdade jurídica em quase todas as áreas, no calor de grandes embates ideológicos. Pela primeira vez na história deste país, as mulheres foram às ruas, em diversos estados, colher assinaturas para apoiar a emenda popular em defesa da legalização do aborto. (TELES, 1999, p. 163-164).

Nesta perspectiva, percebe-se que foram e ainda são muitas as causas de lutas e conquistas das mulheres. Todas elas, no entanto, têm reflexo direto na mídia. Os discursos sobre a mulher têm presença constante nos meios de comunicação e se fazem ouvir a partir de diversos temas, seja no enfoque político, cultural, social ou da violência. Para compreender esses discursos, é necessário compreender que a mulher, enquanto construção social, passa por (re)definições ao longo do tempo, “assim como as relações de gênero que se veem permanentemente ressignificadas” (CARVALHO, 2012, p.13).

Por entender gênero como referente das relações sociais entre os sexos, sendo constituído nas interações em práticas discursivas, o seu estudo permitirá situar as dimensões femininas e masculinas nas estruturas de poder, além de possibilitar entender as relações entre a mulher e o homem; a romper com a determinação do biológico sobre o sexo; a conhecer a multiplicidade do ser feminino, levando a compreender a (re)construção da mulher.

2.2 Estudos de gênero: principais abordagens

Desde 1970, o termo gênero tem sido usado para teorizar a questão da diferença

sexual, mas ainda é vulgarmente usado como sinônimo de mulher, devido o seu uso ter uma acolhida maior entre historiadoras desse tema⁵. A História tem sido uma das áreas, no campo interdisciplinar, que mais intensamente tem incorporado o estudo de gênero. Como explica Matos (2017, p. 1), “a categoria gênero encontrou um terreno favorável na historiografia brasileira contemporânea, desnaturalizando as identidades sexuais e postulando a dimensão relacional”. Mas, vale frisar que gênero não constitui estudo exclusivo sobre a mulher e não está relacionado unicamente a teorias feministas. Seu estudo é muito mais plural e complexo.

O conceito de gênero está relacionado com a diferença e acentua o aspecto relacional entre homens e mulheres, ou seja, não há como compreender qualquer um dos dois a partir de um estudo separado. Para MATOS e SOLER (1997, p. 32) nas “sociedades latino-americanas do século XIX e primeiras décadas do XX, o estudo das relações de gênero pressupõe logo de início uma análise criteriosa sobre o conceito da diferença”. Assim, as desigualdades existentes entre homens e mulheres podem ser entendidas em diversos âmbitos, o que conduz a avançar na discussão sobre a construção social das identidades para além dos discursos. Nesse sentido, o conceito de alteridade⁶ está, portanto, contido no conceito de gênero.

Portanto, gênero é uma construção social e cultural sustentada pela diferença entre o feminino e o masculino. A relação entre os sexos não é um fato natural, mas sim uma interação construída e remodelada incessantemente, nas diferentes sociedades e períodos históricos.

Por isso é importante conhecer a estruturação e evolução dos sistemas de gênero, ou seja, dos conjuntos de papéis sexuais, assim como as suas relações e representações que definem culturalmente o feminino e o masculino lhes concedendo “identidade”. Neste sentido, o discurso de gênero foi diferente em cada época histórica e em cada cultura. (MATOS; SOLER, 1997, p. 39).

O termo gênero foi inicialmente utilizado pelas feministas americanas com o objetivo de acentuar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo.

⁵ Apesar do intenso diálogo interdisciplinar, pode-se considerar que, na produção historiográfica brasileira, os trabalhos desenvolvidos por Joat Scott, Mary Nash, Linda Gordon, produziram muitos ecos, além dos trabalhos de outras historiadoras engajadas com as tensões sobre a mulher.

⁶ A alteridade se constitui através de relações de contraste, diferença, distinção. Existem muitas formas de conceituar a alteridade, mas, neste trabalho, incorpora-se a alteridade na perspectiva de Bakhtin, que a entende como um processo dialógico em que o elemento comum é o discurso. (PIRES, 2017).

Aguiar (1997, p. 101) explica que “a palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual””. Ainda segundo a autora, gênero é relação e seu estudo enfatiza a necessidade da rejeição do caráter fixo e permanente da oposição binária “masculino *versus* feminino” e a importância de sua historicização e “desconstrução”, revertendo e deslocando a construção hierárquica, em vez de aceitá-la como óbvia ou como natural.

Para uma das teóricas sobre estudos de gênero, Scott⁷ (1988), gênero é muito mais do que distinções entre os sexos. Ela entende gênero enquanto categoria de análise. Gênero seria o conhecimento sobre as diferenças sexuais. A autora entende gênero como negação do determinismo biológico, conhecimento produzido por meios complexos, sempre relativo, ou seja, por amplos e completos quadros epistêmicos e se refere não apenas a ideias, mas também a estruturas e instituições, práticas cotidianas, rituais, enfim a tudo aquilo que constituiria as relações sociais. Para a autora, gênero é a organização social das diferenças sexuais. E as diferenças sexuais estão para além das diferenças fixas e naturais entre homens e mulheres, são construções sociais e não dados determinados biologicamente.

A dualidade entre sexo e gênero tinha muita força na década de 1980, onde o sexo estava para a natureza e o gênero para cultura. Essa concepção foi abalada pelos estudos de Joan Scott que diz que apenas o reconhecimento das diferenças entre os corpos não sustenta essa dicotomia. Para a autora, é a linguagem e o discurso que organizam socialmente aquilo que podemos enxergar nos corpos, nas relações sociais etc., organizado socialmente por um universo simbólico. A autora constitui gênero um termo mais apropriado que “sexo-gênero” e “defende uma visão mais ampla de gênero, que inclua não só a noção de parentesco, mas também a sua relação com as esferas discursivas, políticas, históricas e de poder” (FREITAS, 2017, p. 22).

Para Scott (1988), o caráter social se sobrepõe às distinções supostamente sexuais. Em seus estudos, ela propõe uma análise mais aprofundada do funcionamento do gênero nas relações sociais humanas e, com isso, articula a noção de construção social com a noção de poder. Para ela, “o gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político tem sido concebido, legitimado e criticado. Ele não apenas faz referência ao significado da oposição homem/mulher; ele também o estabelece”

⁷ Joan Scott é historiadora norte-americana e uma das feministas que trouxeram novas perspectivas para os estudos de gênero com seu artigo Gênero: uma categoria útil de análise histórica (1995), publicado originalmente em 1986.

(SCOTT, 1995, p. 92).

Mesmo gênero estando vinculado às formas de manifestação de poder, Scott (1995) também não acredita na determinação biológica dos sexos como justificativa para as desigualdades. Nessa perspectiva, feminino e masculino não são identidades acabadas, fechadas, definidas no nascimento, “mas se constituem em processo constante e de acordo com o contexto social e cultural, os momentos históricos, as relações étnicas, raciais e religiosas” (FREITAS, 2017, p. 22).

Nas ciências biológicas existe atualmente uma discussão muito ampla em relação a sexo e gênero. Segundo a bióloga americana Anne Fausto-Sterling, assim como o gênero, o sexo biológico também é uma construção social. Ela considera ultrapassada a divisão absoluta de gênero como uma construção social sobre o que significa ser mulher ou homem; e sexo como características biológicas do corpo. E sugere que as ciências biológicas e sociais têm que começar a trabalhar juntas para pensar o conceito sexo/gênero, como interligados, inseparáveis (QUEIROZ, 2017).

Seu pensamento é inspirado na análise que ela faz das pessoas intersexo - pessoas que nascem com partes de genitais dos dois sexos, antigamente esses indivíduos eram denominados hermafroditas. Nesses casos, é impossível os médicos darem resposta aos pais, ainda na maternidade, sobre qual é o sexo de seu filho recém-nascido e na pressa, os médicos fazem cirurgias adequando os corpos dessas pessoas, ainda bebês, às identidades de gênero consideradas aceitáveis em determinada cultura, mesmo que essas pessoas sejam perfeitamente saudáveis como a natureza as fez.

De acordo com Sanchez (2017), no mundo inteiro o número de pessoas que nascem com genitálias dos dois sexos é maior do que imaginamos.

O número sugerido por Anne [bióloga americana Anne Fausto-Sterling] se aproxima da taxa de incidência de pessoas com esclerose múltipla ou cálculo urinário (cerca de uma pessoa em cada mil adultos). É provável que você até já tenha conhecido alguém assim. São tantos que os manuais médicos mais modernos aceitam um termo que, pelo menos gramaticalmente, cria para eles uma terceira categoria de classificação sexual. Nem homens nem mulheres, eles são os portadores de “intersexo” – uma espécie de terceiro sexo entre os humanos. (SANCHEZ, 2017, p. 1).

Mas, Anne Fausto-Sterling considera três sexos ainda muito pouco e defende a existência de cinco sexos, a saber: “o masculino, o feminino, o “herm” (pessoas que possuem testículos e ovários ao mesmo tempo, os hermafroditas), o “ferm” (pessoas

com ovários e alguma expressão da genitália masculina) e o “merm” (indivíduos com testículos e algo da genitália feminina)” (FAUSTO-STERLLING *apud* SANCHEZ, 2017, p.1). Essa é uma pesquisa que causa muita discussão na medicina visto que os médicos argumentam que por enquanto é preciso incluir as crianças na sociedade e que isso é feito a partir do momento que elas são denominadas homens ou mulheres.

No Brasil, o intersexo é tratado como uma patologia, como uma doença a ser curada e que deve ser resolvida com os pais da criança no ato do nascimento, para que a cirurgia de adequação seja feita o quanto antes. Sobre isso, ainda há muito que se discutir. Um aprofundamento maior dessa discussão não é, portanto, objetivo desta pesquisa. Essas diferenciações estão aqui destacadas, porque se entende que não é mais possível pensar uma sociedade dividida de forma biologicamente simplista apenas em homens e mulheres. A sociedade comporta, assim, a pessoa intersexo e que está em busca de uma identidade de gênero própria, ou seja, a que ela sente e não apenas aquela imposta por uma determinação biológica (SANCHEZ, 2017).

Assim, a questão de gênero tem relação direta com a identidade. A fragmentação de uma ideia universal de “mulheres” por classe, raça, etnia e sexualidade, que era algo discutido no início do movimento feminista, na década de 1960, associada a diferenças políticas sérias no seio do movimento, ainda hoje é pauta de discussão. Desta forma, da aparência inicial de uma única identidade entre as mulheres, passou-se a outra, em que se firmou a certeza na existência de múltiplas identidades.

Para Butler⁸ (2003, p. 18), na teoria feminista, o sujeito feminista se revela discursivamente constituído por meio de uma “função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres”. Politicamente falando, isso é algo problemático, porque não é possível demonstrar que esse sistema produza sujeitos com traços e gêneros determinados. Isso está fadado ao fracasso, pois

não basta inquirir como mulheres podem se fazer representar mais plenamente na política e na linguagem. A crítica feminista também deve compreender a categoria das “mulheres” como o sujeito do feminismo [...] Certamente, a questão das mulheres como sujeito do feminismo suscita a possibilidade de não haver um sujeito que se situe “perante” a lei, à espera de representação na lei ou pela lei. (BUTLER, 2003, p. 19).

⁸ Judith Butler é uma filósofa pós-estruturalista estadunidense. Uma das principais teóricas da questão contemporânea do feminismo, da teoria Queer, da filosofia política e ética.

Então, para a autora, o termo mulher de fato não denota uma identidade comum. Se uma pessoa é uma mulher isso certamente não é tudo o que essa pessoa é. O termo não se esgota, pois, os traços predefinidos pelo gênero da “pessoa” ultrapassam a parafernália específica de seu gênero, visto que o gênero não se constitui sempre de forma única “coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos e porque o gênero estabelece intercessões com modalidades sociais, classistas, étnicas sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídos” (BUTLER, 2003, p. 20).

Butler (2003) enfatiza ainda que gênero é culturalmente construído e que não é resultado causal do sexo. E acrescenta que:

Nem tampouco aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade de sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo [...] Os gêneros são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela natureza. (BUTLER 2003, p. 24).

Nesta perspectiva, a construção “mulheres” não se aplica unicamente a corpos femininos e o termo “homens” não se aplica exclusivamente a corpos masculinos. Gênero independe de sexo, consequência disso é que “homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino. E mulher e feminino, tanto um corpo masculino como feminino” (BUTLER, 2003, p. 24 - 25).

Simone de Beauvoir⁹, ainda na década de 1980, em seu livro *O Segundo Sexo*¹⁰, já reforçava essas ideias, ao afirmar que não é todo “ser humano fêmea” que é necessariamente mulher. E diz que, assim como o homem, mulher é um ser humano, mas que todo ser humano é singularmente situado, e que recusar as noções do eterno feminino, da alma negra, do caráter judeu, não nega que existam judeus, negros e mulheres. O que enfatiza o discurso de que mulher é uma construção social e cultural e não algo definido biologicamente. A autora destaca ainda que “a passividade que caracterizara a mulher “feminina” é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade” (BEAUVOIR, 1980, p.

⁹ Simone de Beauvoir foi filósofa existencialista, ativista política, feminista e teórica social francesa. Embora não se considerasse uma filósofa, Beauvoir teve uma influência significativa tanto no existencialismo feminista quanto na teoria feminista. (ALMEIDA, 2017).

¹⁰ O livro foi um marco para a segunda onda do movimento feminista. O Item 2.2.1 desta dissertação traz mais detalhes sobre o tema.

21).

Isso impõe, às mulheres, padrões pré-estabelecidos e aceitos socialmente. É a sociedade que pretende dizer como elas devem, por exemplo, se vestir, falar, se comportar, se diferenciar do homem, enfim. As pessoas não nascem com essas “características”, com certos “comportamentos” ditos femininos, eles são impostos pela sociedade.

Percebe-se, assim, que o estudo do gênero é primordial para a compreensão das mulheres nos dias atuais e para a própria construção de suas identidades. A mulher não pode ser entendida apenas pelo biológico, pois mulher é construção social e cultural. Mulher é toda pessoa que se sente e se entende como mulher. Essa é, portanto, a perspectiva que esta pesquisa desenvolve.

2. 2. 1 Feminismos: a luta por direitos humanos, civis e respeito às diferenças

O feminismo é um movimento histórico, social e político que busca conquistar o acesso a direitos iguais entre homens e mulheres. O movimento tem importância em vários segmentos da sociedade e, apesar de ser um movimento internacional, possui características particulares, regionais e nacionais. A política feminista é marcante na história das mulheres e tem impacto na constituição das identidades. Segundo Freitas (2017), o movimento feminista tem papel importante no desenvolvimento do conceito de gênero.

As questões introduzidas por esse movimento, ainda que perpassadas por constantes tensões e deslocamentos, reposicionaram as práticas identitárias, deram visibilidade às mulheres como sujeitos da história, problematizaram as feminilidades e masculinidades, o que forneceu subsídios para a construção do conceito de gênero e sua incorporação aos estudos da contemporaneidade. (FREITAS, 2017, p.16).

O conceito de gênero, como é compreendido hoje, tem relação direta com o(s) movimento(s) feminista(s) e, como consequência, tal conceito acompanha as lutas por direitos sociais e por respeito às diferenças. Com isso, entende-se que é inviável separar a noção de “gênero” das incisões políticas e culturais que invariavelmente são produzidas e mantidas pelos movimentos feministas.

No Brasil, a história das mulheres é marcada pela opressão, submissão, discriminação, exploração e dominação masculina. Nosso país também é marcado pela

ideologia patriarcal e machista e isso tem negado à mulher um desenvolvimento pleno. Neste sentido, o feminismo surge para mostrar a existência dessa opressão e lutar pela obtenção dos direitos das mulheres. Como destaca Teles (1999, p. 10), “o feminismo é uma filosofia universal que considera a existência de uma opressão específica a todas as mulheres. Essa opressão se manifesta tanto em nível das estruturas como das superestruturas (ideologia, cultura e política)”.

A autora afirma que o movimento propõe uma transformação social, econômica, política e ideológica da sociedade e que assume formas diversas conforme as classes e camadas sociais, nos diferentes grupos étnicos e culturais. Para ela, “em seu significado mais amplo, o feminismo é um movimento político que questiona as relações de poder, a opressão e a exploração de grupos de pessoas sobre outras, contrapõe-se radicalmente ao poder patriarcal” (TELES, 1999, p.10).

O feminismo é marcado por necessidades do tempo. Assim, em cada época o movimento tem características próprias. É o que se denomina de “ondas do feminismo”. Essas gerações, ou fases, foram construídas de acordo com as necessidades de cada tempo e segundo o contexto sócio-político-cultural de cada época.

A origem do movimento feminista aconteceu na convenção de direitos da mulher, em Nova York, nos EUA, em 1848, denominado de Convenção de Seneca Falls. Poucos anos depois, mulheres se rebelaram contra sua condição e pagaram com suas próprias vidas, quando em 1857, 129 mulheres operárias foram queimadas vivas por policiais em uma fábrica têxtil na cidade de Nova York, por reivindicarem melhores condições de trabalho, com uma redução de sua jornada de trabalho e melhores salários.

No Brasil, o feminismo chegou em meados do século XX, ganhando força e destaque mais precisamente na década de 1960. O movimento, que se caracteriza como plural e heterogêneo, é marcado por momentos (ou ondas). O primeiro momento teria se expressado na luta por liberdade e igualdade de oportunidades, que se destaca na luta pelo voto no âmbito do movimento sufragista (direito ao voto às mulheres), luta por direitos políticos e luta universal pela igualdade política. Segundo Matos (2017, p. 67), “tal fase foi organizada por mulheres das classes médias e altas e, frequentemente, por filhas de políticos ou intelectuais da sociedade brasileira que tiveram a chance de estudar em outros países”. É a fase de obtenção dos direitos civis, políticos e sociais.

A segunda onda do movimento feminista no Brasil aconteceu na segunda metade do século XX, durante o período do regime militar. Essa fase levantou novas reivindicações de direitos e demandas relacionadas ao corpo, à sexualidade, à

maternidade. Freitas (2017, p.18) explica que um dos slogans predominantes nesse período, “O pessoal é político”, adotado, principalmente, por ativistas feministas das décadas de 1960 e 1970, “resume o objetivo de trazer para o espaço público questões antes tidas como específicas do privado”.

Nesse segundo momento houve uma resistência contra a ditadura militar, uma luta contra a hegemonia masculina, contra a violência sexual e pelo livre exercício do direito do prazer. Além das preocupações sociais e políticas, esse momento se voltou para o debate e a problematização de gênero. Essa fase foi marcada pela obra *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, publicada na França em 1949, e que mexeu com as mulheres e com a sociedade em geral, levando-as ao debate de questões como aborto, prostituição, lesbianismo e o que é ser mulher. Para Beauvoir (1980, p, 13), “se a função da fêmea não é suficiente para definir a mulher, se recusarmos também a explicá-la pelo eterno feminino e, se admitirmos, pelo menos provisoriamente, que há mulheres na terra, nós temos então que nos colocar a questão, o que é uma mulher?”. Para a autora, a mulher é uma fêmea à medida que se sente fêmea, mas são muitas as questões que fazem uma mulher ser e se sentir mulher, e não apenas o fato de nascer com o sexo feminino. Reforçando, o que já foi dito anteriormente, o livro de Beauvoir provocou diversos debates na sociedade e muitos questionamentos sobre o que é ser mulher. Tais questões são, portanto, bastante atuais nas discussões que envolvem a definição de gênero nas sociedades atuais.

A terceira onda do feminismo foi marcada por diversas motivações e interesses feministas. É a fase de reavaliação de categorias, como identidades e subjetividades, e de uma aproximação junto ao Estado. Matos (2017) caracteriza essa fase como uma espécie de “feminismo difuso” e com maior ênfase ainda sobre processos de institucionalização e discussão das diferenças intragênero, ou seja, diferenças entre as próprias mulheres. Assim, não apenas o movimento feminista como também os movimentos sociais passaram a se caracterizar por:

- 1) tentativas de reformas nas instituições consideradas democráticas (com a criação dos Conselhos da Condição Feminina, das Delegacias de Atendimento Especializado às Mulheres, por exemplo);
- 2) tentativas de reforma do Estado (com a forte participação das mulheres organizadas no processo da Assembleia Constituinte de 1988, por exemplo);
- 3) busca de uma reconfiguração do espaço público, por meio da forte participação de “novas” articulações dos movimentos de mulheres (mulheres negras, lésbicas, indígenas, rurais etc.);
- 4) uma posterior especialização e profissionalização do

movimento. (MATOS, 2017, p. 68).

É importante conhecer essas fases do movimento feminista para que se entenda os caminhos percorridos pelo movimento e suas discussões nos dias atuais. Pois, como visto, ao longo do tempo o feminismo passou por várias mudanças, assim como também mudou a sociedade. Atualmente, as ideias feministas estão espalhadas por todo o Brasil, e, como adverte Teles (1999, p. 164), “multiplicam-se com facilidade e ocupam espaços diversos, nos sindicatos, nas universidades, nos partidos políticos, nos bairros populares, nos organismos governamentais e mesmo no parlamento”.

O movimento, que no seu primeiro momento era organizado de forma consciente ou inconsciente por mulheres de classe média alta ou filhas de intelectuais, se diversificou a ponto de ser necessário chamar-se de “feminismos”, no plural, trazendo novas demandas, reivindicações e ganhando novas adeptas. Hoje, o movimento se constitui por grupos de mulheres de origem popular, como trabalhadoras no mercado de trabalho, negras nos quilombos, além de mulheres jovens, inovadoras, divertidas e politizadas.

Dentre as diversas demandas, Sardenberg (2017) explica que o enfrentamento à violência, pauta do movimento há bastante tempo, continua sendo uma das principais bandeiras do feminismo hoje, visto que atinge mulheres de todas as faixas etárias e classes sociais, não somente no Brasil, mas no mundo inteiro. Por viver em uma sociedade machista e por ser vista como “sexo frágil”, a mulher sempre foi vítima de agressões físicas, psicológicas e homicídios.

O Mapa da Violência 2015 aponta que, entre os anos de 1980 e 2013, tanto em número quanto em taxas, morreu um total de 106.093 mulheres, vítimas de homicídio. Em um ritmo crescente, o número de vítimas passou de 1.353 mulheres em 1980, para 4.762 em 2013, um aumento de 252%. A taxa, que no ano de 1980 era de 2,3 vítimas por 100 mil, passa para 4,8 em 2013, um aumento de 111,1% (WAISELFISZ, 2015).

Diante desta realidade, no ano de 2006 foi criada, no Brasil, uma lei que trouxe relevante avanço no combate à violência contra a mulher. É a Lei nº 11.340/06, conhecida como Lei Maria da Penha¹¹, que representa um instrumento legal para proibir

¹¹ A Lei Maria da Penha, nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, é um dispositivo legal brasileiro que tem como objetivo aumentar o rigor das punições sobre crimes domésticos. É normalmente aplicada aos homens que agredem fisicamente ou psicologicamente a uma mulher ou à esposa. É uma lei que tem mais o cunho educacional e de promoção de políticas públicas e assistenciais, tanto para vítima quanto para o agressor. Sua intenção não é unicamente punitiva, mas de proporcionar meios de proteção e promoção de assistência mais eficiente a salvaguardar os direitos humanos das mulheres. (CAMPOS, 2017).

e punir a violência praticada contra as mulheres. A Lei Maria da Penha prevê proteção para as mulheres que sofrem violência doméstica¹² e familiar.

Essa proteção vem de diferentes formas, é proteção psicológica, com o auxílio de especialistas que acompanhem mulheres que foram vítimas de violência doméstica e proteção material, afastando a vítima do seu agressor e garantindo a esta proteção e efetivação de punidade em razão das agressões sofridas. (MENDONÇA; BRITO, 2017, p. 05).

A Lei tem esse nome em homenagem a Maria da Penha Maia Fernandes, natural da cidade de Fortaleza, Ceará. Por muitos anos Maria da Penha sofreu diversas agressões do seu marido e tentativas de homicídios, deixando-a paraplégica. Cansada de tanto sofrimento Maria da Penha denunciava as agressões sofridas e nada acontecia. Diante do descaso da justiça brasileira, ela se juntou a outras mulheres, que também sofriam agressão, escreveram um livro e denunciaram de todas as formas possíveis as suas indignações. Dias (2007) traz detalhes da condenação sofrida pelo acusado.

Em 1991, o réu foi condenado pelo tribunal do júri a oito anos de prisão. Além de ter recorrido em liberdade, ele, um ano depois, teve seu julgamento anulado. Levado a novo julgamento em 1996, foi-lhe imposta a pena de dez anos e seis meses. Mais uma vez recorreu em liberdade e somente 19 anos e 6 meses após os fatos, em 2002, é que M. A. H. V. foi preso. Cumpriu apenas dois anos de prisão. (DIAS, 2007, p. 13).

Essa morosidade com que a justiça trata a causa da mulher é motivo de sofrimento de muitas mulheres no Brasil. Somente depois de mais de 20 anos (quando se considera o período em que Maria da Penha começou a denunciar o marido) é que o agressor foi preso e o Estado Brasileiro foi obrigado a indenizar a senhora Maria da Penha “por negligência e omissão no que diz respeito à violência doméstica, exigindo que o Brasil criasse uma lei específica para atender as mulheres vitimadas pela violência doméstica” (MENDONÇA; BRITO, 2017, p. 14). Segundo Waiselfisz (2015), depois que a Lei Maria da Penha entrou em vigor o número de homicídios entre as mulheres caiu significativamente. De 1980 até 2006, antes da Lei Maria da Penha, o número de homicídios de mulheres foi de 7,6% ao ano; de 2006 até o ano de 2013, com a vigência

¹² “Violência doméstica é aquela praticada dentro de casa, mas não se trata apenas da violência física. Sob o aspecto jurídico, se trata de um constrangimento físico e moral exercido sobre alguém”. (MENDONÇA; BRITO, 2017, p. 08).

da Lei, o crescimento do número desses homicídios cai para 2,6% ao ano. Uma vitória para as mulheres e para o movimento feminista que luta incansavelmente pelo fim da violência contra as mulheres.

Mas, mesmo com essa diminuição do número de homicídios, anos depois da criação da Lei Maria da Penha, muitas mulheres ainda sofrem violência e/ou são mortas no Brasil. O Mapa da Violência 2015 traz esses dados detalhadamente.

Entre 2003 e 2013, o número de vítimas do sexo feminino passou de 3.937 para 4.762, incremento de 21,0% na década. Essas 4.762 mortes em 2013 representam 13 homicídios femininos diários. Levando em consideração o crescimento da população feminina, que nesse período passou de 89,8 para 99,8 milhões (crescimento de 11,1%), vemos que a taxa nacional de homicídio, que em 2003 era de 4,4 por 100 mil mulheres, passa para 4,8 em 2013, crescimento de 8,8% na década. (WAISELFISZ, 2015, p.13).

São números bastante expressivos e assustadores. Ainda de acordo com o Mapa da Violência 2015, o Piauí é o estado que apresenta o segundo menor índice de homicídio feminino do País, com uma taxa de 2,9 homicídios em cada 100 mil mulheres. O que não deixa de ser preocupante, visto que são mortes, pois mesmo estando em penúltima posição no *ranking* nacional, considera-se que, além de homicídios, existem outras formas de violências veladas contra a mulher, violências que maltratam e deixam sequelas para toda a vida.

Vale destacar ainda que a violência contra a mulher está presente também no mundo digital. Com o aumento do uso da internet, os casos de violências contra as mulheres aumentam diariamente no ciberespaço “e suas consequências para a vida e a liberdade das mulheres não são menos graves nem perigosos que na vida real” (PLOU, 2013, p.121). Esses novos espaços não reduziram as velhas práticas de violência, ao contrário, possibilitaram novas formas e ferramentas para o exercício do poder patriarcal sobre a vida das mulheres.

No ambiente digital, o controle, a perseguição e a violência são exercidos por meio de celulares, computadores móveis e das próprias redes sociais. Não são poucos os casos de violência praticados contra as mulheres diariamente por meio da divulgação de vídeos íntimos, assédio sexual, envio de e-mails indevidos, pornografia, tráfico de pessoas, constrangimento públicos, roubo de imagens, dentre outras formas de agressões que não se limitam ao mundo digital e que muitas vezes se concretizam na vida real, levando até mesmo, em alguns casos, à morte.

Diante do crescente número de mortes, o Brasil criou recentemente outro instrumento de proteção às mulheres. É a Lei Nº 13.104/2015, a Lei do Feminicídio, que classifica a violência causada por gênero como crime hediondo e com agravantes quando acontece em situações específicas de vulnerabilidade da mulher, como em situação de gravidez, menor idade, na presença de filhos, dentre outras.

Entende a lei que existe feminicídio quando a agressão envolve violência doméstica e familiar, ou quando evidencia menosprezo ou discriminação à condição de mulher, caracterizando crime por razões de condição do sexo feminino. Devido às limitações dos dados atualmente disponíveis, entenderemos por feminicídio as agressões cometidas contra uma pessoa do sexo feminino no âmbito familiar da vítima que, de forma intencional, causam lesões ou agravos à saúde que levam a sua morte. (WAISELFISZ, 2015, p. 07).

O Mapa da Violência 2015 destaca também que existe uma dificuldade muito grande em registrar esses dados devido a uma série de fatores, como falta de informações oficiais sobre essas mortes e a real causa da morte registrada na certidão de óbito das mulheres.

O fato é que, todos os dias, 13 mulheres são mortas por violência no Brasil, uma taxa de 4,8 homicídios por 100 mil mulheres, fazendo com que o País ocupe a 5ª posição no *ranking* mundial. Isso mostra que as taxas de homicídio de mulheres no Brasil são excessivamente elevadas e “muito superiores às de vários países tidos como civilizados: 48 vezes mais homicídios femininos que o Reino Unido; 24 vezes mais homicídios femininos que Irlanda ou Dinamarca; 16 vezes mais homicídios femininos que Japão ou Escócia” (WAISELFISZ, 2015, p. 27).

Esses dados só reforçam o compromisso da luta do movimento feminista. Não é à toa que, dentre tantas demandas, o enfrentamento à violência contra as mulheres continua em pauta e, diante deste cenário, ainda continuará por muito tempo.

Outra questão defendida pelo movimento feminista é a legalização do aborto como direito sobre o corpo. Miguel e Biroli (2014) trazem discussões atuais sobre o tema. Para os autores, a discussão do aborto tem uma relação tênue entre a esfera privada e a esfera pública. Eles reforçam a ideia de que “as hierarquias e o grau de liberdade dos indivíduos na esfera privada têm impacto direto sobre sua vida na esfera pública e no processo de construção de sua identidade” (MIGUEL, BIROLI, 2014, p. 123). Ou seja, o direito ao aborto, que pode ser situado como algo profundamente pessoal, uma escolha individual, é também, ao mesmo tempo uma questão política. Os

autores explicam que o aborto é também um ponto central na questão da maternidade e na vida reprodutiva das mulheres, pois “o direito ao aborto, especialmente, confronta a idealização da maternidade, que é um modo de representação de um papel compulsório como se fosse tendência natural e desejo comum de todas as mulheres” (MIGUEL, BIROLI, 2014, p. 123). A discussão é bem mais ampla e diz respeito à liberdade de escolha e à liberdade sexual. As mulheres têm o direito de escolher se, e quando, serão mães, pois as consequências de uma gravidez involuntária são bem diferentes para mulheres e homens.

Os autores deixam claro que não existem consensos dentro do feminismo e que, tanto na teoria como na luta política, há discordâncias no entendimento de onde residem as raízes da desigualdade de gênero e como enfrentá-las. Há, assim, “feminismos”, no plural, significando vários movimentos feministas, com pensamentos e posicionamentos distintos a respeito de temas polêmicos, como o aborto, por exemplo.

Independente do posicionamento feminista, é fato que no Brasil o aborto só é permitido em duas situações: se a gravidez trazer risco para a mãe ou se for fruto de estupro. No entanto, Sardenberg (2017) destaca que todos os anos são feitos milhões de abortos de forma clandestina e de maneira perigosa, trazendo sérias complicações, elevando o índice de mortalidade materna e resultando em gastos significativos para o Estado. Para a autora, se fosse possível às mulheres maior representatividade nos espaços decisórios, elas já teriam conquistado esse direito.

Por isso, a luta por paridade nos cargos eletivos é também um de nossos principais desafios. Um país em que as mulheres representam mais de 51% dos eleitores, mas menos de 10% dos legisladores, necessita de uma reforma política que garanta ao menos a paridade entre homens e mulheres no Congresso. (SARDENBERG, 2017, p. 02).

A luta por mais mulheres no âmbito da política é também uma demanda antiga dos movimentos feministas. É uma luta que vem sendo travada desde a primeira onda do movimento feminista no Brasil. A luta por mais espaço político e por mais representação política, continua sendo luta atual das mulheres. Nesta perspectiva, Mesquita (2013, p. 55) destaca que é inquestionável a importância do movimento feminista para a entrada da mulher no campo político, pois “foi pela voz e luta de feministas declaradas que as mulheres, feministas ou apenas femininas, ao redor do mundo, e no Brasil, conseguiram o direito de votar e serem votadas, e assim, exercer

sua cidadania”.

O direito ao voto foi, portanto, o marco da entrada das mulheres na política. Ele foi resultado de um intenso movimento das mulheres, iniciado em 1919, conhecido como movimento sufragista. O direito feminino ao voto aconteceu somente no ano de 1932, a partir do Decreto-Lei Nº 21.076, de 24 de janeiro de 1932, promulgado no Governo de Getúlio Vargas e materializado na constituição de 1934. Mas, mesmo com a promulgação, o direito ao voto feminino aconteceu de forma seletiva, pois só poderiam votar as mulheres que possuíam função pública remunerada. Só a partir do ano de 1965, a partir do Código Eleitoral, o direito ao voto foi estabelecido a todas as mulheres, pela Lei Nº 4.737, de 15 de setembro daquele ano. A partir desta Lei, as mulheres passaram a compor o cenário político do País.

Observa-se que a participação das mulheres na política é recente e marcada por profundas desigualdades, pois elas ainda são minoria e estão sub-representadas no cenário político brasileiro, tanto de forma quantitativa como qualitativa. Mesmo num período recente da História brasileira, em que uma mulher, Dilma Rousseff¹³, assumiu o maior cargo da República, não se vê o grande aumento da participação de mulheres na política do País.

A desigualdade na política é reflexo da desigualdade no campo social e econômico. É visível a diferença entre homens e mulheres nesses campos. Segundo Bourdieu (2012), essas diferenças são percebidas em diferentes setores e são tratadas como natural, normal e inevitável, sendo, portanto, legitimadas. Isso acaba por naturalizar a construção social que legitima a histórica inferioridade e diferença das mulheres em relação aos homens. O autor afirma que a condição feminina vem passando por profundas transformações, principalmente para aquelas mulheres que tem uma condição social mais favorecida. Essas mudanças são percebidas no distanciamento das mulheres das tarefas domésticas e das funções de mera reprodutoras, bem como no aumento ao acesso ao ensino secundário e/ou superior e ao trabalho assalariado.

As mulheres ainda precisam avançar para diminuir as desigualdades existentes, pois mesmo estudando e se qualificando, elas estão cada vez mais representadas em funções públicas precárias, em cargos menos elevados e com remuneração abaixo das recebidas pelos homens. Tudo isso, pelo fato de serem mulheres. Os homens continuam a dominar o espaço público, a área de poder, e as mulheres, em muitos casos, ainda

¹³ Dilma Rousseff assumiu o cargo de presidente da República do Brasil do ano de 2011 e permaneceu até 2016, quando foi afastada por um processo de *impeachment*.

estão reservadas ao espaço privado. Fortalecendo a associação do homem ao espaço público e da mulher ao mundo privado (BOURDIEU, 2012).

Para diminuir essas discrepâncias, as mulheres continuam lutando por mais participação nos espaços públicos, por mais participação política e cobram leis e políticas públicas que as contemplem. Essas demandas ainda estão em pauta e são motivos de lutas diárias dos movimentos feministas.

3 MÍDIA, MULHERES E DISCURSOS

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Os discursos que legitimam práticas relacionadas às mulheres encontram espaço tanto na mídia tradicional como na mídia digital. Assim, “a mídia, de uma maneira ou de outra, permite às pessoas tomarem certos posicionamentos sobre determinados comportamentos sejam eles conservadores ou não, que se refletirá em seus discursos” (FARIAS, 2017, p. 02). Nesse sentido, os discursos que circulam nesses espaços, possibilitam uma análise do posicionamento das pessoas e constroem relações sociais de gênero por meio das construções discursivas.

O Capítulo 2 desta dissertação mostra que, na sociedade atual, a mulher vem, a cada dia, rompendo com uma condição social repressora e avançando para uma posição mais independente e socialmente participativa. Neste cenário, a mídia tem importante papel, pois “os veículos de comunicação criam e recriam padrões de comportamento e ajudam na (trans)formação da identidade da mulher em sua nova forma de atuação, mais liberta da influência masculina” (PORTELA, 2016, p. 34).

A dominação masculina não se impõe mais como algo indiscutível. A razão disso se dá, sobretudo, ao trabalho dos movimentos feministas que conseguiram romper com as condições impostas às mulheres no passado. Bourdieu (2002) explica que essa mudança se justifica por diversos fatores, como: aumento do acesso às mulheres ao ensino secundário e superior; trabalho assalariado - que tem levado as mulheres à independência econômica e à transformação das estruturas familiares; distanciamento das tarefas domésticas e das funções de reprodução; elevação do número de percentuais de divórcios; queda dos percentuais de casamentos, dentre outros. Mas, a transformação mais significativa acontece pelo aumento do acesso das jovens ao ensino secundário e superior. Esta é uma das mudanças mais importantes e um dos fatores decisivos na

condição das mulheres, o que modificou a posição delas na divisão do trabalho.

Observa-se, assim, um forte aumento da representação de mulheres nas profissões intelectuais ou na administração e nas diferentes formas de venda de serviços simbólicos (jornalismo, televisão, cinema, rádio, relações públicas, publicidade, decoração) e também uma intensificação de sua participação nas profissões mais próximas da definição tradicional de atividades femininas (ensino, assistência social, atividades paramédicas. (BOURDIEU, 2002, p. 108).

A mídia tem papel significativo ao produzir discursos sobre a condição feminina, fazendo refletir as conquistas e lutas das mulheres. As sociedades atualmente estão em mudança constante, rápida e permanente. Neste contexto, insere-se a sociedade brasileira, no geral, e a piauiense, em particular, que mostram, por meio dos veículos de comunicação social, as mudanças sociais das mulheres.

3.1 Mídia e discursos

Observa-se que a mídia, por meio de seus discursos, não só inclui elementos da realidade, como também, (re)constrói e (re)dimensiona essa mesma realidade, podendo reforçá-la ou não. Para Mesquita (2013) a mídia é considerada uma das responsáveis diretas pela projeção da mulher. Até a década de 1950, jornais, revistas e enxertos publicitários propunham uma identidade feminina de submissão e fragilidade em relação ao sexo masculino.

Na década de 1960, a revolução sexual e a emergência dos movimentos feministas por todo o mundo fizeram com que essa projeção fosse mudando aos poucos, embora ainda hoje não seja considerada totalmente satisfatória. Os meios de comunicação são lugares sociais e políticos de construção de identidades onde ocorrem definições e ideologias de diferentes grupos etários, étnicos, de classe, sexo. Portela (2016, p. 28) afirma que:

Nas discussões sobre gênero, portanto, a mídia contribui para (re)definir comportamentos socialmente distintos entre homem e mulher, determinando como cada um vai ser visto e aceito dentro do grupo social em que vive.

Quando o tema são mulheres, a mídia, de maneira geral, tem a beleza, a moda e o uso de determinados produtos como elementos centrais na construção de suas

identidades, por meio de discursos que tratam destes temas (geralmente matérias voltadas ao entretenimento) e/ou mesmo através de publicidade destinadas às mulheres. Isso pode ser identificado em Portela (2016), quando mostra que a identidade feminina construída na revista *Veja* é revelada prioritariamente pela lógica da beleza e da vaidade e minoritariamente pela ótica do profissionalismo. A autora diz que “no caso do semanário *Veja*, ao que tudo indica, o que a conduz e impulsiona a esse posicionamento é, sobretudo, a lógica mercadológica do lucro gerado pelo mercado publicitário que dá sustentação à revista” (PORTELA, 2016, p.121).

Neste caso, mesmo sendo uma revista de informação, percebe-se um forte apelo publicitário, o que mostra que o consumo proporciona uma identificação, estabelecendo uma identidade. Isso reforça que a mídia é responsável por ressaltar esses aspectos que mantém a publicidade nos meios de comunicação, pois trabalha em prol de interesses preestabelecidos. Ela não é neutra.

Já nas matérias jornalísticas sobre mulheres, publicadas pela mídia diária, seja ela tradicional ou digital, essa ótica da beleza não é tão ressaltada assim. Nas matérias sobre violência, por exemplo, em sua maioria as mulheres são silenciadas e outras vozes falam sobre elas. Por que esses discursos são construídos dessa forma? O que quer dizer esses silenciamentos? Como são construídos os discursos nas matérias jornalísticas sobre as mulheres em outros âmbitos, como política, violência, saúde, educação? Essas são questões que serão entendidas a partir da Análise de Discurso Crítica (ADC), pois, segundo Resende e Ramalho (2006, p. 78), “o embate discursivo entre identidades é uma questão para ADC investigar”. Nesse sentido, estudar os discursos da mídia é verificar quais os procedimentos utilizados em sua construção e quais os efeitos de sentidos fabricados pelos elementos escolhidos.

O discurso, na perspectiva de Fairclough (2001, p. 91) “é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo constituindo e construindo o mundo em significado”. Para entender melhor o que é discurso, faz-se necessário explicar o que significa enunciador e enunciatário, termos importantes e que estão presentes nos discursos das mídias. Enunciador é o sujeito que emite a mensagem e enunciatário é o sujeito que recebe a mensagem (receptor/intérprete). O enunciador deve ser entendido como "a pessoa de cujo ponto de vista são apresentados os acontecimentos" (DUCROT, 1987, p. 195). Ou seja, o enunciador deve ser identificado, na análise das vozes, como a perspectiva a partir da qual o enunciador enuncia.

É importante também diferenciar enunciado de enunciação. Enunciado é o dito (tanto escrito como falado) e enunciação é o dizer. Segundo Beveniste (1989, p. 82-83), "a enunciação é esse colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização" ou "a enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso". Assim facilita nossa compreensão sobre a formação discursiva, que é o que constitui um conjunto de modo de dizer e que constitui uma prática social.

O discurso ganha materialidade a partir dos sujeitos – não apenas pelo autor da fala ou enunciador, mas também pelo sujeito que lê. O texto jornalístico é construído de forma intersubjetiva e para compreendê-lo é necessário entender o enquadramento social e cultural. De acordo com Charaudeau (2006), a comunicação midiática é entendida como fenômeno de produção do sentido social, mas sem ingenuidade.

A mídia busca atrair a atenção do enunciatário e junto vem a posição da empresa mediante o fato abordado. Na disputa pela audiência e em busca da conquista do enunciatário, o enunciador coloca seus objetivos nos enunciados com o cuidado de buscar a identificação com seu público, pois o enunciador tem expectativas acerca do enunciatário e vice e versa.

O processo da enunciação se converte numa característica essencial da organização discursiva, capaz de revelar traços do enunciador, bem como questões sociais que o circundam, além de possibilidades e restrições do próprio discurso. No tocante ao webjornalismo, a questão gravita em torno da configuração da discursividade aí empregada. (DALMONTE, 2009, p.75).

Nesse sentido, para entender como são construídos os discursos sobre mulheres na mídia digital piauiense, utiliza-se a Análise de Discurso Crítica (ADC) na perspectiva de Fairclough (2001).

3.2 Análise de Discurso Crítica (ADC)

A Análise de Discurso Crítica (ADC) tem uma preocupação com a linguagem na vida social. Ela não surgiu da Análise de Discurso Francesa e sim da Linguística Crítica, mas não se reduz a isso. Dentre diversas abordagens e percepções da ADC, destaca-se, neste estudo, a Sistêmico Funcional, de Norman Fairclough. Resende (2017, p. 1070) explica que "a proposta de Fairclough é uma abordagem transdisciplinar da

linguagem na vida social que se situa na interface entre a Ciência Social Crítica (CSC) e a Linguística Sistêmica Funcional (LSF)”.

Nas abordagens sociais, que tem como objetivo investigar o uso da linguagem em sociedade, a transdisciplinaridade faz-se necessária, pois não existe uma relação externa entre sociedade e linguagem e sim uma relação interna e dialética, pois questões sociais são questões discursivas, e vice-versa. Chouliaraki e Fairclough (1999, p.16) chegam a caracterizar a ADC como "síntese mutante de outras teorias”.

Sobre por que a ADC é crítica, Resende (2011) esclarece que isso se justifica por seu engajamento com a Ciência Social Crítica (CSC), que oferece suporte científico para a crítica situada de problemas sociais relacionados ao poder como controle. Com isso, a ADC busca entender as relações de poder existentes na sociedade a partir de um olhar crítico sobre a sociedade. O indivíduo sai de uma consciência de si para uma consciência para si, adquirindo assim um novo olhar para o que observa. Ao fazer uma pesquisa em ADC, compete ao estudioso “distanciar-se dos dados, situar os dados no social, adotar uma posição política de forma explícita e focalizar a auto-reflexão”, como adverte Wodak (2004, p. 234), ao explicar a “noção de crítica”.

Já Fairclough (2001) diz que o termo “crítica” consiste em mostrar as relações e causas que estão ocultas nos discursos, contribuindo para um quadro maior da mudança social. A busca por mudança social é, portanto, objetivo da ADC, que está preocupada com as desigualdades sociais.

Wodak (2004) explica que Análise Crítica do Discurso (ACD), que nesta pesquisa chamamos de Análise de Discurso Crítica (ADC), tem interesse em analisar relações transparentes ou veladas de poder, discriminação e controle, apresentadas na linguagem. Com isso, por meio das análises, busca-se “investigar criticamente como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada pelo uso da linguagem (ou no discurso)” (WODAK, 2004, p.225).

3.2.1 Histórico sobre a ADC

Nos anos de 1970, grande parte das pesquisas linguísticas focalizava os aspectos formais da linguagem, que constituía a competência linguística dos falantes. Já no âmbito onde a linguagem e o contexto eram levados em conta, como na pragmática, as sentenças e seus componentes ainda eram considerados unidades básicas. Questões como hierarquia social e poder recebiam pouca atenção. Nesse contexto, “a atenção aos

textos, sua produção e interpretação, e sua relação com impulsos e estruturas sociais, sinalizava um tipo de interesse bastante diferente” (WODAK, 2004, p. 229).

Assim, os estudos em ADC surgiram do desejo de um grupo específico de pesquisadores, que queriam criar um método para analisar a linguagem unindo as teorias linguísticas, sociológicas e política. Segundo Fairclough (2001), essa era a maneira mais adequada de tratar a linguagem, por ser um objeto dinâmico. Nos anos de 1990, depois da realização de um simpósio na *University of Amsterdã*, um grupo de estudiosos passou a discutir teorias e métodos sobre Análise de Discurso Crítica (ADC). Os pesquisadores eram Teun van Dijk, Norman Fairclough, Gunther Kress, Ruth Wodak e Teo van Leeuwen. Segundo Wodak (2004) o início desse grupo de discussão foi marcado pelo

Lançamento da revista *Discourse and Society* (1990), editada por van Dijk, assim como por vários livros, como *Linguagem and Power*, de Norman Fairclough (1989), *Language, Power and Ideology*, de Ruth Wodak (1989), ou do primeiro livro sobre racismo escrito por Teun van Dijk, *Prejudice in Discourse* (1984), além de uma edição especial da revista *Discourse and Society* (1993). (WODAK, 2004, p. 227).

Desde esse encontro até hoje, todos esses estudiosos e suas pesquisas são referências para quem estuda e/ou desenvolve pesquisa em ADC. Eles são, portanto, edificantes nos estudos em ADC. Em seguida, passaram a realizar conferências em diversos países. Com isso, surgiram também outros estudiosos e pesquisadores, fazendo com que o número de publicação na área aumentasse, tornando a ADC um paradigma estabelecido dentro da linguística. Assim, a ADC passou a ser usada para se referir à abordagem particular da análise linguística.

De uma dessas pesquisas colaborativas surgiu o artigo intitulado *Critical discourse analysis*, de Fairclough e Wodak (1997), que sintetiza os principais fundamentos da ADC, mostrando que a análise do discurso é interpretativa e explanatória; que ela aborda problemas sociais; que as relações de poder são discursivas; que o discurso é histórico e constitui a sociedade e a cultura, além de realizar um trabalho ideológico; que a relação entre texto e sociedade é mediada e que o discurso é uma forma de ação social (MELO, 2016).

A ADC tem sido usada por pesquisadores para se referir à abordagem linguística crítica que considera a unidade mais ampla do texto como unidade comunicativa básica. Como mostra Wodak (2004, p. 02), “essas pesquisas se voltam

especificamente para os discursos institucional, político, de gênero e da mídia (no sentido mais amplo), que materializam relações mais ou menos explícitas de luta e conflito”.

É importante destacar que existem várias e diferentes abordagens de análises de discurso crítica, mas, nesta pesquisa, adota-se a perspectiva de Norman Fairclough, um dos expoentes da ADC. O trabalho de Fairclough (2001) destaca a importância do papel do linguista crítico na crítica contemporânea. Seu livro *Language and Power*, publicado em 1989, foi o responsável pelo início da constituição da ADC como ciência crítica sobre a linguagem e “sua obra, desde o início, visava a contribuir tanto para a conscientização sobre os efeitos sociais de textos como para mudanças sociais que superassem relações assimétricas de poder, parcialmente sustentadas pelo discurso” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 21-22).

Em sua proposta teórico-metodológica, a Teoria Social do Discurso, Fairclough (2001) explica que a desconstrução ideológica de textos, inseridos em práticas sociais, pode intervir de algum modo na sociedade, com a finalidade de tornar visíveis as relações de dominação. Para isso, ele propõe um quadro teórico-metodológico do exercício da análise de discurso linguisticamente orientada, adequando a perspectiva crítica de linguagem como forma de prática social vinculada à noção de poder e ideologia (dois conceitos que serão discutidos nesta dissertação, detalhadamente, mais adiante).

Segundo Ramalho (2005), a proposta teórico-metodológica mais recente busca inspiração no Realismo Crítico¹⁴, uma epistemologia da ciência social crítica.

A ADC assenta-se sobre três bases epistemológicas principais. Primeiro, assenta-se numa visão científica de crítica social; segundo, no campo da pesquisa social crítica sobre a modernidade tardia; e terceiro, na teoria e na análise linguística e semiótica. (RAMALHO, 2005, p. 287).

No enfoque da crítica social, a ADC tem como objetivo dar base científica para questionamento e reflexão crítica da vida social; o enquadramento no campo da pesquisa social crítica sobre a modernidade tardia resulta da aplicação da ADC em pesquisas que contemplam investigações sobre discurso em práticas sociais da

¹⁴ O Realismo Crítico considera a vida social e natural um sistema aberto, constituído por várias dimensões - física, química, biológica, psicológica, econômica, social, semiótica - dotadas de estruturas distintas, mecanismos particulares e poder gerativo.

modernidade tardia, período onde a linguagem ocupa o centro do modo de produção do capitalismo; e na teoria da análise linguística e semiótica, o trabalho é feito a partir da prática explanatória sobre constrangimentos sociais sobre o texto e efeitos sociais desprendidos por sentidos de textos (RAMALHO, 2005).

3.2.2 Principais conceitos da ADC

Os conceitos pilares da ADC são: discurso, prática social e ideologia. A seguir, discorre-se, de forma mais detalhada, sobre cada um desses conceitos.

3.2.2.1 Discurso

Em análise de discurso, o termo discurso remete ao elemento discursivo de práticas sociais. O discurso é, portanto, um momento da prática social. Fairclough (2001) entende discurso como modo de ação historicamente situado, no sentido de que, por um lado, estruturas “organizam a produção discursiva nas sociedades e que, por outro, cada enunciado novo é uma ação individual sobre tais estruturas, que pode tanto contribuir para a continuidade quanto para a transformação de formas recorrentes de ação” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 25-26). Neste sentido, quando fazemos análise de discurso, o objetivo é mapear a relação entre escolhas linguísticas em textos particulares e outros momentos não-discursivos das práticas sociais em análise. Por outro lado, quando falamos “discursos”, fala-se em modos de representação da realidade, maneiras situadas de representar e compreender a realidade material e social. Por exemplo, ao noticiar um movimento grevista, a mídia pode representá-lo de duas maneiras, como um modo de luta por uma causa, ou como baderna. Ambas são maneiras situadas de compreender a realidade em volta.

Para Ramalho (2005, p. 287) “o discurso é visto como elemento inerente a práticas sociais quer como parte da atividade, quer como representações discursivas sobre ela. Um elemento que constitui outros elementos da vida social, assim como é constituído por eles”. Discursos são, portanto, formas de representar o mundo. Dessa forma, pode se referir ao discurso político, ao discurso religioso, ao discurso midiático, ao discurso pedagógico etc. Discursos, nesse sentido mais concreto, são elementos que constituem, ao lado de gêneros e estilos, momentos discursivos de práticas sociais, na configuração da ordem de discurso.

O discurso depende dos sujeitos para existir, ou seja, é produzido por esses sujeitos – não apenas pelo autor da fala ou enunciador, mas também pelo sujeito que lê. Como mostra Benetti (2008, p. 108), o discurso “é assim, opaco, não transparente, pleno de possibilidades de interpretação”. Esta é uma característica que se deve ter em mente ao fazer a análise de um trabalho jornalístico, pois possibilita reconhecer que o texto jornalístico objetiva muitas vezes direcionar a leitura para um determinado sentido. Os discursos “são o lugar social de materialização da produção de sentido”, como afirma Lopes (2015, p. 8).

Todo sentido é social, inclusive o produzido pela atividade de linguagem. Todo trabalho significativo se situa no interior de uma cultura, portanto, de uma sociedade. Desse modo, para desenvolver esta pesquisa é necessário ter em mente que a linguagem não é neutra, mas uma prática social que está a serviço do poder.

Fairclough (1989), ao explorar o relacionamento entre poder e linguagem, aponta dois aspectos principais: o “poder no discurso” e o “poder por trás do discurso”.

O primeiro aspecto tem a ver com a situação de participantes poderosos exercendo o controle e impondo restrições às contribuições de participantes não poderosos [...] O “poder por trás do discurso”, propicia a ideia de que toda ordem de discurso é construída e mantida unida como um efeito oculto do poder. (FAIRCLOUGH, 1989, p. 29).

Na concepção de Fairclough o discurso é reproduzidor e transformador de realidades sociais e dos sujeitos da linguagem, contribuindo, assim, para a construção de identidades sociais, crenças, conhecimentos e relações sociais. Segundo Resende e Ramalho (2006), identidades sociais são construídas por meio de classificação mantidas pelo discurso. E, assim como são construídas discursivamente, identidades também podem ser contestadas no discurso. É a dialética entre discurso e sociedade, onde o discurso é moldado pela estrutura social, mas também constitutivo dessa estrutura. (FAIRCLOUGH, 2011).

3.2.2.2 Discurso e prática social

Como já dito anteriormente, o termo discurso remete a práticas sociais, visto que toda prática social é composta de momentos que se articulam em relações relativamente estáveis. Neste sentido, o discurso, enquanto prática social, implica conceber a

linguagem verbal, com a qual se constroem os textos, como parte integrante do contexto sócio-histórico. As práticas sociais, conceito central na perspectiva de Fairclough, são, portanto, ações sociais condicionadas, ou seja, são maneiras habituais, situadas em um tempo e espaço particulares, nas quais indivíduos aplicam recursos (material e simbólico) para agir junto ao mundo (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999).

Na Teoria Social do Discurso, Fairclough trabalha com três dimensões possíveis de serem analisadas: a prática social, a prática discursiva e o texto.

Figura 01 – Modelo tridimensional do discurso



Fonte: Fairclough (2001, p.101).

No modelo tridimensional do discurso, adotado por Fairclough, em 1989, e aprimorado em 1992, a análise é dividida em três etapas (Fig. 1). Nesse modelo, a prática social, assim como o texto, é descrita como uma dimensão do evento discursivo, sendo que ambos são mediados pela prática discursiva, “que focaliza os processos sociocognitivos de produção, distribuição e consumo do texto, processos sociais relacionados a ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 28). Essas três dimensões são importantes para toda ADC. Na dimensão do texto, a análise é feita através das seguintes categorias: vocabulário, gramática, coesão e estrutura social. Na dimensão da prática discursiva, além da produção, distribuição e consumo do texto, podem ser analisadas também as categorias força, coerência e intertextualidade. Na dimensão da prática social, a análise está relacionada a aspectos ideológicos e hegemônicos (FAIRCLOUGH, 2001).

Numa perspectiva mais recente, apresentada por Chouliaraki e Fairclough (1999), as três dimensões do modelo são mantidas, porém com o fortalecimento da análise da prática social. Ou seja, para a compreensão do mundo social e as análises discursivas em ADC, o conceito de prática social passa a ser central. O discurso é visto

como “um momento da prática social ao lado de outros momentos igualmente importantes – e que, portanto, também devem ser privilegiados na análise” (RESENDE, 2017, p. 1078).

As práticas sociais são compostas pelos seguintes elementos: estrutura social e eventos sociais. Estruturas sociais são condições históricas da vida social que podem ser modificadas lentamente; e eventos sociais são acontecimentos imediatos, individuais, ou ocasião da vida social. Nos eventos, os agentes sociais reproduzem ou transformam, em maior ou menor grau, as estruturas que governam suas atividades (MELO, 2016).

Nesse sentido, as estruturas sociais definem o que é possível, os eventos sociais constituem o que é real. A relação entre potencial e real é mediada por práticas sociais, que tem como elemento constitutivo a linguagem. A linguagem está, portanto, presente em todos os momentos. Entender o seu uso como prática social implica compreendê-la como um modo de ação historicamente situado, constituído socialmente, mas que também é constituído de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença (RESENDE; RAMALHO, 2006).

Na estrutura social, a linguagem equivale à língua; na prática social, a linguagem é a semiose, que Fairclough (2001) chama de discurso; e nos eventos sociais, a linguagem equivale aos textos, que tem efeitos causais, ou seja, revelam mudanças. Pensando essas mudanças em níveis mais imediatos, é possível afirmar que elas acontecem de diversas maneiras para os indivíduos, por meio do conhecimento, das atitudes, dos valores e das crenças, dentre outras. Os indivíduos podem agir e interagir no curso de eventos sociais por meio da fala ou da escrita. A linguagem está presente, portanto, em todos os níveis.

Isso mostra que a linguagem é parte irredutível da vida social, como mencionado anteriormente, ocasionando uma relação interna e dialética entre linguagem e sociedade. Segundo Resende e Ramalho (2011), a linguagem figura enquanto sistema semiótico nas estruturas sociais; já nos eventos discursivos, a linguagem figura enquanto textos particulares, produzidos em contextos e situações específicas, por indivíduos particulares; e nas práticas sociais, a linguagem se manifesta como discurso. Estas maneiras de inter(agir), representar e identificar são analisadas enquanto significados dos discursos e constituem os gêneros, os discursos e os estilos.

Ainda de acordo com Resende e Ramalho (2011), a proposta da ADC transita entre os três níveis da linguagem (gêneros, discursos e estilos), e isso só é possível graças ao foco no nível intermediário das ordens do discurso, por este ser um espaço de

geração de conhecimento sobre o funcionamento social da linguagem. Uma ordem do discurso é uma combinação ou configuração particular de gêneros, discursos e estilos que constitui o aspecto discursivo de uma rede de práticas sociais.

Para a análise de discurso, Fairclough (2001) se apropria da Linguística Sistêmica Funcional (LSF), buscando um diálogo teórico entre essas duas áreas, a fim de alcançar seus objetivos nas análises. Para isso, Resende (2017) explica que Fairclough propõe uma articulação entre as macrofunções de Halliday (1991) - a função ideacional da linguagem ou função de representação; a função interpessoal, que se refere ao processo de interação social da língua como ação; e a função textual - e os conceitos de gênero, discurso e estilo, sugerindo, “no lugar das funções da linguagem, três principais tipos de significado: o significado acional, o significado representacional e o significado identificacional” (RESENDE, 2017, p. 1072).

Fairclough (2003) destaca que, como parte de práticas sociais, na relação entre textos e eventos, o discurso figura de três principais maneiras: como modo de agir (por meio de gêneros), modos de representar (por meio de discursos) e modos de ser (por meio dos estilos). Há, portanto, uma relação entre ação e gêneros, representação e discursos, identificação e estilos. A cada um desses modos de interação entre discurso e prática social corresponde um tipo de significado.

O significado acional destaca o texto como modo de inter(ação) em eventos sociais, tem ação sobre a sociedade e aproxima-se da função relacional, pois a ação legitima/questiona relações sociais. Esse significado, segundo a gramática sistêmico-funcional de Halliday (1985), são formas de ação e está associado aos conceitos de gêneros; são entendidos não como gêneros textuais, mas gêneros discursivos, que se constituem como um dos momentos de ordens do discurso. Resende e Ramalho (2006, p. 62) explicam que “quando se analisa um texto em termos de gêneros, o objetivo é examinar como o texto figura na inter(ação) social e como contribui para ela em eventos sociais concretos”.

Assim, o caráter heterogêneo dos discursos deve ser levado em consideração nas análises em ADC, visto que até os discursos mais específicos podem ser visto como uma combinação de outros discursos articulados. Para Bakhtin (1997) todos os enunciados, sejam eles orais ou escritos, são constituídos por enunciados de outros. Ou seja, textos são inerentemente intertextuais, constituídos por elementos de outros textos. Por isso a importância da intertextualidade na Análise de Discurso.

Fairclough (200, p. 135) destaca a importância da relação entre intertextualidade e hegemonia, ao afirmar que “o conceito de intertextualidade aponta para a produtividade dos textos, para como os textos podem transformar textos anteriores e reestruturar as convenções existentes (gêneros, discursos) para gerar novos textos”. Essa capacidade de interação entre textos liga a intertextualidade ao significado acional do discurso.

Já o significado representacional enfatiza a representação de aspectos do mundo físico, mental e social em textos, aproximando-se da função ideacional. Esse significado está relacionado ao conceito de discurso e são formas estáveis de representar processos, relações e estruturas do mundo material, mental (pensamentos, crenças, sentimentos) e o mundo social (FAIRCLOUGH, 2003). Resende e Ramalho (2006) destacam que esses aspectos estão relacionados às diferentes relações que as pessoas estabelecem com o mundo e isso depende de suas posições, identidades sociais, pessoais e relações sociais com outras pessoas. Em ADC, a representação de atores sociais em textos tem um aspecto importante para o significado representacional do discurso, pois “representações de práticas sociais são particulares, ou seja, construídas por pessoas particulares e a partir de determinados pontos de vista, e por isso, representam atores envolvidos nas práticas de diferentes maneiras” (RAMALHO; RESENDE, 2011).

Assim, aspectos particulares de mundo podem ser representados por diferentes discursos. Um exemplo são os diferentes movimentos feministas existentes hoje, cada um representando suas lutas e seus posicionamentos, a partir de elementos discursivos próprios.

O significado identificacional refere-se à construção e à negociação de identidades no discurso, relacionando-se à função identitária. Esse significado está associado ao conceito de estilo que constitui o aspecto discursivo de identidades. Nesse sentido, a linguagem como discurso “contribui para a formação de modos particulares de ser, isto é, para a formação de identidades sociais e/ou particulares” (MELO, 2016, p. 34). A identificação de atores sociais em textos, feito por meio de estilos, como proposto por Fairclough, envolve efeitos constitutivos. Fairclough (2003, p. 76) sugere que a “identificação seja compreendida como um processo dialético em que discursos são inculcados em identidades, uma vez que a identificação pressupõe a representação, em termos de presunções, acerca do que se é”.

Identidade é relacional e, portanto, marcada pela diferença. A identidade de uma mulher, para existir, depende de algo fora dela, de uma outra identidade, de uma

identidade que ela não é. De acordo com Silva (2000), a identidade depende da diferença e a diferença depende da identidade. São, portanto, inseparáveis. A identidade e a diferença são produzidas e resultam de atos de criação linguística, ou seja, “significa dizer que elas são criadas por meio de atos de linguagem” (SILVA, 2000, p. 77). Identidade se configura, portanto, como uma questão complexa.

Resende e Ramalho (2006) explicam que a relação entre os significados acional, representacional e identificacional é dialética, ou seja, os três aspectos não são isolados entre si e suas distinções são somente uma necessidade metodológica.

3.2.2.3 Ideologia, hegemonia e poder

A ideologia é um conceito importante para a ADC, visto que a linguagem é o principal lugar de trabalho das ideologias. Os efeitos ideológicos de um texto são motivos de grandes preocupações para a ADC e para o Jornalismo, pois ambos trabalham com a linguagem e contribuem para a reprodução ideológica. Portela (2016) afirma que na atualidade

a mídia aparece como lugar privilegiado de discussão acerca dos mais variados temas, projetando julgamentos e opiniões, por meio de veiculação de notícias que satisfazem, em primeiro plano, orientações ideológicas definidas por seus proprietários. (PORTELA, 2016, p. 40).

O entendimento sobre o que é ideologia é amplo e diverso. Fairclough (2001) entende que as ideologias

são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117).

Para o autor, determinados usos da linguagem e outras formas simbólicas são, portanto, ideológicos, ou seja, em situações específicas podem servir para manter relações de dominação. Logo, não significa dizer que todo discurso é ideológico.

Thompson (2011, p. 79) conceitua ideologia como o sentido mobilizado pelas

formas simbólicas¹⁵ que serve para

estabelecer e sustentar relações de dominação: estabelecer, querendo significar que o sentido pode criar ativamente e instituir relações de dominação; sustentar, querendo significar que o sentido pode servir para manter e reproduzir relações de dominação através de um contínuo processo de produção e recepção de formas simbólicas.

A ideologia é adquirida, mantida e exercida por meio de instituições como o Estado, os meios de comunicação, a Igreja, a família, dentre outras. Representa aspectos do mundo que podem contribuir para estabelecer, manter e alterar as relações sociais de poder, dominação e exploração. Pode ser encenada de forma a interagir (e, portanto, em gêneros), inculcadas em formas de identidades (e, portanto, em estilos). Assim, a análise de textos é um aspecto importante da análise ideológica e crítica, desde que enquadrada dentro de uma análise social mais ampla de eventos e práticas sociais (MELO, 2016).

Nesse sentido, as práticas discursivas são formas materiais de ideologia, por isso a importância de sua investigação. Instituições como a mídia são locais de lutas de classe, que levam para a luta no discurso e que se revelam por meio de uma análise de discurso orientada (FAIRCLOUGH, 2001).

No Jornalismo, as ideologias são produzidas e reproduzidas, principalmente, por meio de enunciados, por atores sociais, a partir de sua condição (sentimento) de pertencimento. Van Dijk (2015, p. 49) diz que “o discurso e a comunicação desempenham um papel central na (trans)formação da ideologia”. Nessa perspectiva, é importante analisar quem, usando quais processos, controla os meios ou as instituições da (re)produção ideológica.

Ao estudar a ideologia, Thompson (2011, p.78) sugere que além do interesse pela maneira como o sentido mantém relações de dominação, devemos nos interessar também por outros tipos de dominação, “tais como as relações sociais estruturadas entre homens e mulheres, entre um grupo étnico e outro, ou entre estados-nação hegemônicos e outros estados-nação localizados à margem do sistema global”.

As principais preocupações da ADC são com os efeitos ideológicos que (sentidos de) os textos podem ter sobre relações sociais, (inter) ações, conhecimentos,

¹⁵ Formas simbólicas segundo Thompson (2011, p. 79) é um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como constructos significativos. Falas linguísticas e expressões, sejam elas faladas ou escritas, são cruciais a esse respeito. Mas formas simbólicas podem também ser não linguísticas ou quase-linguísticas em sua natureza (por exemplo, uma imagem visual ou um construto que combina imagens e palavras).

crenças, valores e identidades. Sobre a maneira como os sentidos (de textos) podem servir para estabelecer e sustentar relações de dominação, Thompson (2011, p. 81-89) apresenta cinco modos de operações gerais da ideologia, que podem estar ligados, em circunstâncias particulares, como estratégias de construção simbólica, podendo aparecer simultaneamente em determinado enunciado. São eles:

- I. **Legitimação:** representa relações de dominação sustentadas como legítimas, como justas e dignas de apoio pela: racionalização (quando uma forma simbólica é construída a partir de uma cadeia de raciocínio, buscando defender, justificar e persuadir a audiência, para legitimar relações de dominação); universalização (estratégias são utilizadas para fazer entender que interesses particulares de alguns indivíduos são apresentados como interesses de todos); narrativização (são utilizadas estratégias de reproduzir histórias que contam o passado e tratam o presente como uma tradição eterna e aceitável, legitimando relações de dominação a partir de crenças, costumes e tradições).

- II. **Dissimulação:** significa negar, ocultar ou obscurecer relações e dominação de maneira que desvia nossa atenção a partir do: deslocamento (termo costumeiramente utilizado para se referir a um termo particular (objeto ou pessoa) é usado para se referir a um outro podendo, assim, transferir conotações positivas ou negativas); eufemização (ações, instituições ou relações sociais são representadas de modo a apresentar um valor positivo, obscurecendo relações problemáticas) e/ou tropo (uso de figuras de linguagem para ocultar, negar ou obscurecer relações assimétricas de poder. São elas: sinédoque, metonímia e metáfora).

- III. **Unificação:** consiste em construir simbolicamente uma forma de unidade que interliga os indivíduos numa identidade coletiva a fim de poder estabelecer e sustentar relações de dominação através da: padronização (quando formas simbólicas são padronizadas e partilhadas); e/ou simbolização da unidade (símbolos de unidade, de identidade e de identificação coletivas são construídos e difundidos através de um grupo

ou de uma diversidade de grupos).

- IV. **Fragmentação:** para manter relações de dominação, indivíduos são segmentados em grupos capazes de desafiar forças e interesses dominantes, através da: diferenciação (divisões, diferenças e distinções entre pessoas e grupos são enfatizadas desunindo assim grupos coesos ou impedindo sua constituição); e/ou expurgo do outro (estratégia que envolve a construção do inimigo que deve ser combatido).
- V. **Reificação:** situações transitórias, históricas, sociais são representadas como se fossem permanentes, naturais e atemporais com a finalidade de estabelecer relações de dominação, por meio da: naturalização (um estado de coisas que é uma criação social é representado como acontecimento natural); eternalização (fenômenos sócio-históricos são representados como permanentes, imutáveis e recorrentes); nominalização e passivização (estratégias são utilizadas com o intuito de concentrar a atenção do ouvinte ou leitor em certos temas com prejuízos de outros. Atores e ação são apagados para representar processos como coisas ou acontecimentos que ocorrem na ausência de um sujeito que produza essas coisas).

Esses são os modos que Thompson (2011) apresenta para operar a ideologia e que são utilizados na análise do *corpus* desta pesquisa, a fim de entender como o sentido pode servir para estabelecer relações de dominação. Fairclough (2001) destaca que os sentidos, em especial os sentidos das palavras, são ideológicos. Para o autor, os aspectos semânticos, tais como as preposições, as metáforas e a coerência, são importantes em uma análise textual, pois “os sentidos dos textos são estreitamente interligados com as formas dos textos, e os aspectos formais dos textos em vários níveis podem ser investidos ideologicamente” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 119).

Na ADC a ideologia é um conceito negativo, um instrumento semiótico de lutas de poder, uma das formas de assegurar temporariamente a hegemonia pela disseminação de uma representação particular de mundo como se fosse a única possível e legítima. Resende e Ramalho (2006, p. 49), destacam que “a ideologia é, por natureza, hegemônica, no sentido de que ela necessariamente serve para estabelecer e sustentar

relações de dominação e, por isso, serve para reproduzir a ordem social que favorece indivíduos e grupos dominantes”. Assim, os conceitos de ideologia e hegemonia estão próximos.

Fairclough (2001) trata a hegemonia como liderança, poder, dominação, nos campos econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade.

Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento. Hegemonia é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 122).

A desigualdade entre níveis de um mesmo domínio ou entre domínios desencadeia uma luta hegemônica. Hegemonia é um processo de articulação, desarticulação e rearticulação de elementos em uma forma de poder, mas não a única. Há várias e diferentes maneiras de manter a hegemonia, uma delas é a luta hegemônica travada no/pelo discurso. Para Resende e Ramalho (2011, p. 25),

O conceito de poder como hegemonia, conquistado mais pelo consenso que pelo uso da força, reforça a relevância das ideologias, veiculadas pelo discurso”. Portanto parte das lutas hegemônicas é a luta pela instauração, sustentação, universalização de discursos particulares.

A partir desses conceitos e debates sobre ideologia, hegemonia e poder, busca-se no Capítulo 6 (destinado à análise do *corpus*) desta dissertação operacionalizá-los, para entender como os discursos enunciados pelos portais Cidade Verde e G1/PI revelam ideologias (ou lutas ideológicas), disputas de poder e representam formas de dominação, a partir das matérias jornalísticas que trazem a mulher como tema central.

4 MULHERES NO CONTEXTO DO WEBJORNALISMO

A Web representa, de fato, um novo ambiente informacional, mas que deve ser avaliado segundo critérios econômicos [...] Os produtos disponibilizados na Web, dentre eles o Webjornalismo, são os chamados bens informacionais, que têm no processo de digitalização a sua principal característica. (DALMONTE, 2009, p. 133).

Assim como a mídia tradicional (impressos, rádio e TV), o webjornalismo¹⁶ - jornalismo praticado na internet - está sempre mostrando, por meio de seus discursos, diversas representações sobre mulheres. Essa prática cresce, a cada dia, devido ao espaço que o webjornalismo vem adquirindo atualmente. É fato que, hoje, os indivíduos estão cada vez mais envoltos de dispositivos móveis (celulares, *smartphones*, *tablets*, dentre outros), e por estes meios acessam notícias jornalísticas na internet, tornando o webjornalismo uma plataforma de divulgação de notícias bastante acessada e, cada vez, mais presente na vida de todos. Mas nem sempre foi assim.

No início de 1990, quando surgiram os primeiros indícios dessa atividade, o webjornalismo era apenas uma extensão do jornalismo tradicional, uma transposição dos jornais de papel para o ambiente virtual, algo difícil de ser acessado, já que as páginas demoravam abrir, além de ser visualmente cansativo e de difícil leitura. É o que pesquisadores chamam de webjornalismo de primeira geração, também definido como transpositivo (DALMONTE, 2009). Na fase seguinte, definida como webjornalismo de segunda geração, o produto jornalístico passou a ser elaborado, mesmo que de forma

¹⁶ O jornalismo praticado na internet tem diversas terminologias, são elas: jornalismo online (que utiliza tecnologias de transmissão em tempo real), jornalismo digital (que emprega tecnologia digital), ciberjornalismo (envolve tecnologias que utilizam o ciberespaço), jornalismo eletrônico (que utiliza equipamentos e recursos eletrônicos), webjornalismo (que utiliza parte específica da internet, que é a web), dentre outros (MIELNICZUK, 2003). Não há um consenso, entre os pesquisadores, na denominação do trabalho jornalístico realizado na e/ou por meio da internet. O fato é que todas essas terminologias estão relacionadas ao uso de tecnologias e internet. Nesta pesquisa adota-se a terminologia webjornalismo por englobar as atividades desenvolvidas pelas demais terminologias, visto que todas são realizadas no ambiente da web e também pelo fato dos observáveis serem portais de notícias que estão disponibilizados em sites jornalísticos.

acanhada, com base nas possibilidades oferecidas pela rede.

A fase posterior, webjornalismo de terceira geração, é marcada por uma “produção jornalística especialmente desenvolvida para a web, o que compreende a internet como um ambiente inovador, apontado como um novo meio de comunicação” (DALMONTE, 2009, p. 122). Com os recursos possibilitados pela internet, como o uso de recursos multimídia e a interatividade, houve um enriquecimento da narrativa jornalística, alterando sua rotina de produção e agregando à narrativa dos fatos novas perspectivas. Já com o webjornalismo de quarta geração, a narrativa ganha um impacto ainda maior, com o uso das bases de dado, que permite a recuperação rápida de informações proporcionando a ininterrupção do fluxo informacional. Com o uso do banco de dados, o texto webjornalístico pode seguir vários caminhos para determinados conteúdos e o leitor/usuário pode acessá-lo no momento em que desejar. “Os avanços que se tem observado no webjornalismo em grande parte se devem às possibilidades abertas pelo uso das bases de dado, seja pelo armazenamento, seja pela facilidade de manuseio do material armazenado” (DALMONTE, 2009, p. 126).

Essa tem sido a trajetória do webjornalismo, que cresce, ganha espaço e vem se tornando um dos meios mais utilizados pelos indivíduos na busca de informações, sobretudo os mais jovens que já nasceram na era da internet. De acordo com a pesquisa TIC Domicílios 2015¹⁷ - que tem como objetivo medir o acesso e os usos da população em relação às tecnologias de informação e comunicação - 58% da população brasileira usa a internet, ou seja, mais da metade da população, o que representa 102 milhões de brasileiros. Ainda segundo a pesquisa, esse número vem crescendo anualmente, e esses últimos dados apresentam um crescimento de 5% em relação aos dados apresentados no ano de 2014. O estudo, desenvolvido anualmente desde 2005, tem uma abrangência nacional e seu trabalho é feito a partir de entrevistas domiciliares, face a face, com cidadãos brasileiros com mais de 10 anos de idade, a partir de um questionário estruturado, aplicado por meio de *tablets*.

Assim, desde que surgiu o primeiro jornal online nos Estados Unidos, em 1993, a internet se transformou em importante plataforma para todos os meios de comunicação, pois “independente do formato original – texto, áudio ou vídeo -, a indústria de notícias estendeu sua atuação para o ambiente web, alterando rotinas de trabalho e impondo a exigência de novas qualificações” (RODRIGUES, 2009, p.19).

¹⁷ Disponível em: <<http://cetic.br/pesquisa/domicilios/indicadores>>. Acesso em: 28 de jun./2017.

Com isso, o crescimento da indústria da notícia na web tem atraído muitos leitores. Castells (2003, p. 8), porém, adverte que a influência da internet vai muito além da quantidade de usuários, mas diz respeito também à qualidade do uso dessa plataforma.

Atividades econômicas, sociais, políticas e culturais, essenciais por todo o planeta estão sendo estruturadas pela internet e em torno dela, como por outras redes de computadores. De fato, ser excluído dessas redes é sofrer uma das formas mais danosas de exclusão em nossa economia e em nossa cultura. (CASTELLS, 2003, p. 08).

Em relação ao acesso, a pesquisa TIC Domicílios 2015 mostra que, mesmo com o aumento crescente do número de pessoas acessando a internet por meios de aparelhos tecnológicos, no Brasil ainda existem muitas pessoas excluídas desse processo. Essa exclusão se dá mais especificamente nas classes menos abastadas e é mais acentuada em algumas regiões do país. O Sudeste tem o maior número de domicílios conectados à internet: são 17,4 milhões de domicílios conectados e 11,7 milhões desconectados. A Região Nordeste tem 7 milhões de domicílios com internet e 10,5 milhões sem internet; a Região Sul tem 5,4 milhões de domicílios conectados e 4,9 milhões desconectados; o Centro-Oeste tem 2,5 milhões com internet e 2,7 milhões sem. A Norte tem 1,9 milhões de domicílios conectados e 3,1 milhões desconectados.

Esses dados revelam que na Região Nordeste - onde se localizam os observáveis desta pesquisa - a quantidade de pessoas sem acesso à internet é maior do que as com acesso. Um número preocupante, visto que são milhares de pessoas à margem das novas formas de comunicação e de interação. O uso da internet torna o cidadão agente comunicador e potencialmente interagente, pois, além de ter acesso maior à informação, pode ainda opinar e interagir.

Não diferente dos demais veículos de comunicação, no webjornalismo as matérias são construídas e divulgadas de acordo com critérios de noticiabilidade e valores-notícia, que segundo Franciscato (2003) são regras práticas ou procedimentos de seleção e hierarquização dos fatos. Os critérios de noticiabilidade e os valores-notícia consagrados nos jornais impressos de referência continuam sendo válidos no jornalismo produzido para a web, é o que afirma Aguiar (2009). Além desses critérios, no webjornalismo encontram-se também critérios mais específicos. São eles: instantaneidade, multimedialidade ou convergência de mídias, hipertextualidade, perenidade (memória) e interatividade. Esses são atributos que atraem muitos leitores ao ambiente digital.

A instantaneidade caracteriza-se por uma atualização contínua que garante rapidez do acesso. Para Machado e Palácios (2003), essa rapidez, combinada com a facilidade de produção e de disponibilização, propiciada pela digitalização da informação e pelas tecnologias telemáticas, permite uma extrema agilidade de atualização do material nos jornais da web. Isso possibilita o acompanhamento contínuo em torno do desenvolvimento dos assuntos jornalísticos de maior interesse.

Outra característica que marca o jornalismo praticado na internet é a multimídia ou convergência das mídias. Sobre a multimídia, Machado e Palácios (2003) explicam que se refere à convergência dos formatos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) na divulgação do acontecimento jornalístico. Segundo os autores, “a convergência torna-se possível em função do processo de digitalização da informação e sua posterior circulação e/ou disponibilização em múltiplas plataformas e suportes numa situação de agregação e complementaridade” (MACHADO; PALÁCIOS, 2003, p.18).

A hipertextualidade, que para Aguiar (2009, p. 165) é a mais singular das características do jornalismo digital, permite a interconexão de diferentes blocos informativos – textos, vídeos, áudios, fotos – através de *links*, além de acumular informações no banco de dados das empresas jornalísticas e dar liberdade ao leitor para buscar infinitas informações, deixando-o à vontade para selecionar e acessar os fatos que mais lhe interessam.

Sobre a memória, uma técnica muito mais viável na internet do que em qualquer outra mídia, neste espaço ela torna-se coletiva através do processo e hiperligação entre os diversos nós que a acompanham. Diante disso, o volume de informação já produzida e diretamente disponível ao usuário e ao produtor da notícia cresce exponencialmente no webjornalismo, fazendo com que isso produza efeitos quanto à produção e recepção da informação jornalística.

O ambiente do webjornalismo possui a capacidade de fazer com que o usuário/leitor participe do processo jornalístico e isso pode acontecer de diferentes formas, como troca de e-mails entre usuários e jornalistas, através de opiniões sobre o produto jornalístico divulgado, por meio de *chats*, enfim. Segundo Machado e Palácios (2003, p.19), a interatividade também ocorre no âmbito do próprio fato jornalístico. “Diante de um computador conectado à internet e ao acessar um produto jornalístico, o usuário estabelece relações: a) com a máquina, b) com a própria publicação através do hipertexto, e c) com outras pessoas, autor(es) e outro(s) leitor(es)”.

Rodrigues (2009, p. 16), ao citar Deuze, define o webjornalismo a partir das especificidades de formato que a web pode proporcionar.

[...] o jornalista on-line tem que fazer escolhas relativamente ao(s) formato(s) adequado(s) para contar uma determinada história (multimídia), tem que pensar as melhores opções para o público responder, interagir, ou até configurar certas histórias (interatividade) e pensar em maneiras de ligar o artigo a outros artigos, arquivos, recursos etc, através de hiperligações (hipertexto).

Essas características particulares do webjornalismo tem alterado o fazer jornalístico e tem atraído um número significativo de usuários em todo o mundo. Conseqüentemente, as notícias divulgadas nos portais são produzidas de forma específica e também têm a capacidade de atrair muitos leitores. Porém, independente da mídia de divulgação (impressos, rádio, TV e digital), Charaudeau (2006, p. 19) afirma que a informação é, em sua essência, uma questão de linguagem “e a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta a sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular do mundo. Mesmo a imagem que se acreditava ser mais apta a refletir o mundo como ele é, tem sua própria opacidade”.

Nesse sentido, a web desponta uma linguagem e um texto webjornalístico com técnicas narrativas reconfiguradas oferecendo aos leitores uma cobertura informativa mais contextualizada, em muitos casos com a participação da própria audiência, tanto na construção da notícia, quanto na divulgação. Dalmonte (2009) explica que na perspectiva da Análise do Discurso, para a realização da análise é necessário à re colocação do conceito de texto a partir da realidade da web.

O texto, enquanto matéria significativa, não pode ser compreendido apenas como uma notícia, mas como uma realidade textual/textualidade que interage com várias frentes discursivas. O texto, na Web – o hipertexto -, é formado por links, que estabelecem ligações com outros textos, independente de seu formato – áudio, vídeo etc. da mesma forma, para se compreender o posicionamento discursivo do webjornalismo deve ser considerada a organização discursiva que envolve a apresentação, divulgação e disponibilização do material informativo na web. (DALMONTE, 2009, p.127).

Tudo isso deve ser levado em consideração na análise de um texto webjornalístico, ou seja, o analista deve considerar todos os elementos do texto, além do contato com outros textos e, às vezes, com os comentários. É o que Dalmonte (2009)

chama de paratexto. “O paratexto se constitui como um umbral, que põe em relação o que está dentro (no texto) e fora (o discurso sobre o texto)” (p.128). Nesse sentido, é preciso estar atento a todos os elementos e aos novos dispositivos de enunciação presente nos portais de notícias, pois cada portal tem seus mecanismos para se posicionar em relação à sua linha editorial e aos seus concorrentes. Dessa forma, Dalmonte (p. 185, 2009) destaca que “as modalidades do dizer, ou os posicionamentos enunciativos, estão presentes na estrutura paratextual do site e não apenas em seus ‘textos jornalísticos’”.

4.1 Os portais de notícias

O portal se caracteriza como um site na internet, projetado para aglomerar e distribuir conteúdos de várias fontes diferentes de maneira uniforme, sendo um ponto de acesso para uma série de outros sites, ou subsites, internamente, ou externamente, ao domínio, ou subdomínio, da empresa gestora do portal. O termo portal é sinônimo de sítio e está associado à máquina de busca. “A ideia inicial por trás do portal era a de ser o lugar por onde começava a ação do internauta, que, a partir dele, poderia construir os roteiros de leitura que desejasse ou seu próprio hipertexto” (BARBOSA, 2003, p. 163).

Com a chegada da internet no Brasil, começaram a surgir os primeiros portais de notícias. A partir de 1996 o modelo de portal passou a ser adotado pelos provedores de acesso à internet. Com isso, surgiram provedores como o UAI, Net Service do Estado de Minas, o UOL do Grupo Folha, criado em 1996, e o BOL, do Grupo Abril, que em 1997 se uniu com a UOL, se transformando no maior portal com conteúdo em língua portuguesa e conquistando milhões de assinantes (BARBOSA, 2003).

Segundo Herscovitz (2017), neste ano de 1996, surgiram no Brasil os principais portais de notícias, ou supersites, que forneciam notícias, e-mails gratuitos, *links* para outros sites e uma variedade de outros serviços. Eles trabalhavam de forma bem diferente daquela utilizada pelos jornais online, que faziam apenas a transposição do jornal impresso para o ambiente online.

os portais tentariam focar-se no que eles chamam de “web jornalismo genuíno”, baseado em formato mais interativo e não-linear, melhorado por recursos multimídias e conteúdo atualizado. Nesses portais de notícias, o jornalismo se tornou a maior fonte de tráfego e de acesso, complementado por uma disposição de serviços e opções de entretenimento desenvolvidas para manter a audiência conectada e

para dá-la uma sensação de pertencimento à comunidade da internet. (HERSCOVITZ, 2017, p. 06).

No Brasil, os portais ganham espaço principalmente pelo potencial para convergir audiências, proporcionando grande visibilidade para seu conteúdo e serviços, atraindo a publicidade e gerando o comércio eletrônico. É nesse formato interativo, não-linear e comercial que está inserido os portais de notícias Cidade Verde e G1/PI, os observáveis desta pesquisa. Esse formato, porém, é criticado por alguns pesquisadores que argumentam que os portais de notícia ainda hoje apenas disseminam informações já publicadas em meios impressos, ou oriundas de empresas parceiras, sem nenhum aprofundamento ou interpretação de notícias, enfatizando notícias de crimes e entretenimento (HERSCOVITZ, 2017).

O fato é que os portais de notícias possuem características próprias e, diferente dos meios de comunicação tradicionais, esse novo espaço permite uma participação maior do público. Barbosa (2003) destaca que os portais são os meios de massa da internet e isso se justifica pela capacidade que os portais têm de convergir grandes audiências na web. Para a autora, os dois meios que mais reúnem pessoas simultaneamente são os portais de internet e as redes de televisão aberta. Os dois meios tem capacidade de reunir milhões de pessoas, seja no ambiente linear como a TV ou interativo como a internet.

Nesse sentido, o jornalismo de portal é marcado por uma dinamicidade justamente pela capacidade de publicar notícias em tempo real, ou seja, no momento em que ela acontece, ou tempo quase real. Barbosa (2003, p. 169) considera o jornalismo de portal como uma nova categoria para o jornalismo por dois motivos: primeiro porque é no portal que se consolidam notícias com alteração contínua e em fluxo, segundo pela alteração no formato notícia, com texto mais fragmentado. Essas são algumas características que diferenciam o jornalismo de portal dos outros meios jornalísticos.

Outro diferencial do jornalismo de portal é a diversificação de produtos jornalísticos num mesmo espaço. Além dos canais de notícias, agregando na maior parte dos casos texto e fotografia, os portais incorporaram recursos de vídeo através da veiculação dos boletins que integram TV e web num modelo híbrido do conhecido “ao vivo” das TVs com “últimas notícias”, resultando, por exemplo, em produtos como UOL News, no portal UOL. (BARBOSA, 2003, p. 173).

Ainda há uma variedade de conteúdo jornalístico, como os canais de tecnologia, cultura, esporte, além de revistas (que existe no formato digital ou não), integrando o conteúdo dos portais. No caso dos observáveis desta pesquisa, eles incorporam em seus conteúdos jornalísticos informações e/ou vídeos oriundos das TV's, ou seja, os dois portais, tanto o Cidade Verde quanto o G1/PI, publicam matérias jornalísticas que foram exibidas nas TV's Cidade Verde (afiliada ao SBT) e na TV Clube (afiliada à Rede Globo de Televisão), respectivamente. É a multimídia potencializada na web, combinada com outras características gerando assim novos efeitos e novos produtos.

Com a multimídia, há uma grande flexibilidade dos formatos. Os textos, as imagens estáticas e em movimento, os sons, os infográficos se inter-relacionam, inclusive, como links, hiperlinks, funcionando como botões, ícones ou mapas. A maioria dos produtos, como páginas de 'notícias', de texto (título, legenda, assinatura dos jornalistas ou agência de notícias, corpo do texto), uma imagem estática principal e outra como link para um vídeo, ou seja, há uma colagem dos formatos, em que o texto é o norteador. (SEIXAS, 2003, p. 94).

Ao abrir o vídeo postado no portal, vê-se que prevalece o formato de telejornalismo, pois ocorreu apenas a migração do material exibido na TV para o portal. Não há uma adaptação própria para o meio web.

Outro critério diferente no webjornalismo é o tempo e os limites de espaço. A periodicidade presente nas tecnologias analógicas é perdida, pois no webjornalismo a atualização pode ser feita em qualquer lugar e a qualquer momento. Quando se compara a mídia tradicional (impressos, rádio e TV) fica evidente o abismo existente entre as possibilidades de domar o tempo e o espaço no que se refere à difusão da notícia, seu consumo e armazenamento.

Em se tratando da distribuição, enquanto a internet trabalha com uma escala mundial de acesso, através de servidores que redistribuem o sinal para bilhões de casas em todos os continentes, os periódicos, segundo Cavalcanti (2013),

dependem da capilaridade das bancas de revistas e sua rede de "jornaleiros", enquanto o rádio e a TV (em seus sentidos tradicionais) do alcance de suas ondas eletromagnéticas. A distribuição não é mais restrita a uma gama de capilaridades ou ao alcance do sinal. Pode-se distribuir a informação para toda a rede com custos drasticamente reduzidos. Qualquer um que tenha acesso à internet torna-se um potencial leitor. (CAVALCANTI, 2013, p. 57).

Dessa forma, no webjornalismo há um número maior de notícias e acumulação ao longo do tempo. A memória e a atualização contínua são características presentes no meio que, segundo Palácios (2003), contribuem para as mudanças no conceito de tempo e espaço. Mesmo que mídias, como rádio e TV, trabalhem com transmissões ao vivo, a instantaneidade é potencializada na internet, pois nos meios tradicionais, ela depende de uma lógica de produção e programação que geralmente é atualizada a cada 24 horas. Já o webjornalismo disponibiliza o imediatismo da informação e sua possibilidade de atualização no momento em que a notícia acontece. Portanto, a notícia deixa de ser um produto acabado. “A notícia, diante de um sistema de hiperligações, ou até mesmo de espaço virtual infinito, pode ser modificada ao longo do tempo” (CAVALCANTI, 2013, p. 60).

Com essa capacidade de atualização contínua da notícia, o impacto da internet sobre a memória se torna ainda maior e cumulativo, pois “a memória, além de particular, passa a ser coletiva. Publicar algo na internet significa tê-lo guardado para a história, disponibilizá-lo para recuperação imediata” (CAVALCANTI, 2013, p. 60). Mesmo entendendo que existe dados privados, a grande maioria da informação que circula pela rede se acumula nos servidores das grandes empresas específicas para esse tipo de atividade. A vida útil de uma notícia é infinita e sua busca pode ser feita a qualquer momento.

Nesse sentido, o webjornalismo, de modo geral, e as notícias publicadas nos portais, de modo particular, contribuem para a circulação da informação entre vários meios, com uma capacidade enorme de armazenamento e sempre em atualização. Assim, pode-se dizer que, “hoje, com as mídias digitais, mudam as dimensões interdiscursivas, cresce um novo modo de fazer jornalístico, surgem novos produtos” (SEIXAS, 2003, p. 81). Assim, é importante considerar as diversas características do webjornalismo, ao se proceder à análise das construções discursivas sobre mulheres nos portais de notícias Cidade Verde e G1/PI, na perspectiva da Análise de Discurso Crítica (ADC).

5 PERCURSOS METODOLÓGICOS

“Perguntar ao objeto”, decidir como organizar e sistematizar a observação corresponde a decidir que fatos, pistas, indicadores, dados, queremos fazer sobressair, com a expectativa de que estes respondam às perguntas da pesquisa. (BRAGA, 2017, p. 22).

Nesta pesquisa, as construções discursivas sobre as mulheres no webjornalismo piauiense são vistas como lugares ricos de significados e passíveis de investigação. Assim, a linguagem dos atores sociais, as relações de dominação e suas práticas sociais são elementos dessa abordagem.

O tipo de investigação aqui desenvolvida tem abordagem qualitativa e caracteriza-se por ser uma pesquisa empírica, que tem como observáveis os portais piauienses Cidade Verde e G1/PI. Para dar conta do objetivo geral, qual seja o de analisar as construções discursivas das matérias jornalísticas que trazem as mulheres como tema central nos portais Cidade Verde e G1/PI, utiliza-se a Análise de Discurso Crítica (ADC).

Dentre as várias perspectivas sobre ADC existentes hoje, adota-se para esta pesquisa a de Norman Fairclough, como proposta teórico-metodológica, por considerar a "linguagem como uma forma de prática social" (FAIRCLOUGH, 1989, p. 20). Bem como, por desvelar os fundamentos ideológicos dos discursos, feitos tão naturais ao longo do tempo, que passaram a ser tratados como comuns e aceitáveis no interior dos próprios discursos. Nesse sentido, Ramalho e Resende (2011, p. 41) destacam que o “objeto de estudo da ADC não é a linguagem como estrutura (sistema semiótico), tampouco apenas como evento (texto), mas também como prática social”, ou seja, fazer análises discursivas críticas é privilegiar o espaço de geração de conhecimento e funcionamento social da linguagem.

Assim, o modelo a ser seguido nesta pesquisa é o modelo tridimensional da

ADC, segundo o qual os discursos possuem uma dimensão social (a prática social) e uma dimensão material (o texto), sendo ambas as dimensões mediadas por uma terceira, a prática discursiva. Isto quer dizer que serão analisadas as construções ideológicas presentes em textos da mídia, neste caso a mídia online.

A pesquisa é feita a partir da análise documental de materiais, o que permite identificar, verificar e apreciar os documentos para atingir determinada finalidade, que no caso deste estudo é identificar como os portais de notícias Cidade Verde e G1/PI constroem discursivamente as matérias jornalísticas que trazem as mulheres como tema central. Nesse sentido, seguimos os seguintes passos: 1) identificação e coleta das matérias jornalísticas que possuem a mulher como tema central nos portais Cidade Verde e G1/PI, no período de outubro de 2016 a janeiro de 2017; 2) agrupamento das matérias jornalísticas em categorias, de acordo com a temática presente nos textos; 3) seleção das matérias, a partir das categorias adotadas, para compor a análise; 4) análise crítica textualmente orientada das matérias selecionadas.

Assim, Fairclough (2001) destaca que cada analista deve fazer seu próprio caminho, o que permite, diante do objeto de estudo desta dissertação, optar, dentre os vários tópicos de análise propostos pelo referido autor, por analisar segundo o modelo tridimensional do discurso (texto, prática discursiva e prática social), levando em consideração também as características presentes no webjornalismo.

5.1 Categorias utilizadas nas análises

É importante lembrar que a relação existente entre os significados do discurso (acional/relacional, representacional e identificacional) é dialética, pois cada um sempre internaliza traços de outros. Ramalho e Resende (2011, p. 112) acreditam que “um discurso particular (representação) pode ser legitimado em gêneros específicos (ação/relação) e inculcado em estilos de vida projetados na construção de identidades e identificações”. Em ADC, não há uma separação rigorosa nas análises dos textos.

Diante da diversidade de categorias analíticas que a ADC trabalha, esta pesquisa utiliza para as análises textuais as seguintes categorias: **intertextualidade**, ligada ao significado acional do discurso; **metáfora**, ligada ao significado identificacional de textos; e **representação de atores sociais**, ligada ao significado representacional do discurso.

Intertextualidade

A intertextualidade é uma categoria analítica relacionada às maneiras de agir discursivamente. É a combinação de voz de quem pronuncia um enunciado com outras vozes que lhe são articulados (RESENDE E RAMALHO, 2006), ou seja, os discursos têm caráter heterogêneo e mesmo o discurso mais específico e localizado, pode ser visto como uma combinação de outros discursos articulados.

É um conceito que surgiu das discussões de Bakhtin (1997). A categoria intertextualidade é importante para entender que discursos estão cheios de fragmentos de outros discursos que permite explorar as práticas discursivas existentes na sociedade e a relação entre elas, além de sinalizar o posicionamento do discurso (que nesta pesquisa são os textos jornalísticos) em relações de poder. Segundo Fairclough (2001), a presença de uma voz específica, articulada de maneira também específica, em vez de outras, sinaliza o posicionamento do texto em lutas hegemônicas.

Ramalho e Resende (2011, p. 134) entendem a intertextualidade como uma combinação da voz de quem pronuncia um enunciado com outras vozes que lhe são articuladas sendo que “essas vozes podem ser articuladas não apenas em discurso direto, quando se atualizam as palavras exatas do texto anterior, mas também em discurso indireto, parafraseando, resumindo, ecoando”.

Assim, nas análises das matérias jornalísticas, além da voz do produtor do texto, que é o/a jornalista, outras vozes aparecem através de discursos diretos, indiretos e relatos de fala e essas relações intertextuais são importantes para a constituição dos textos.

Metáfora

A categoria metáfora, atrelada ao significado identificacional de textos, faz parte do dia a dia do homem moderno e aparece de forma constante não somente na linguagem, mas em pensamentos e ações. Ela consiste em entender/compreender uma coisa em vez de outra. Tanto nos textos jornalísticos como em diversos discursos, sempre vamos compreender aspectos particulares do mundo, de acordo com nossas experiências culturais, físicas, em termos de outros aspectos, estabelecendo correlações (LAKOFF; JOHNSON, 2002).

As metáforas estão presentes em todos os tipos de linguagem e em todos os tipos

de discurso e não são apenas adereços estilísticos do discurso. Segundo Fairclough (2001, p. 241), “quando nós significamos coisas por meio de uma metáfora e não de outra, estamos construindo nossa realidade de uma maneira e não de outras. As metáforas estruturam o modo como pensamos e como agimos”.

A interpretação das construções metafóricas é um processo desafiador e leva em consideração nossas percepções, nossas relações e nossa identidade social e cultural. Sobre isso Fairclough (2001, p. 241) destaca que “todos os tipos de metáfora necessariamente realçam ou encobrem certos aspectos do que representa”.

De acordo com Lakoff e Johnson (2002), elas se classificam em três tipos: metáforas conceituais, que nos fazem compreender aspectos de um conceito em termos de outro e estão bem presentes na linguagem cotidiana; metáforas orientacionais, que nos fazem organizar conceitos em relação a uma orientação espacial; e metáforas ontológicas, que nos fazem compreender nossas experiências em termos de entidades, objetos e substâncias.

Representação de atores sociais

A inclusão ou não de pessoas em textos jornalísticos é de significativa importância para o analista. Ligada ao significado representacional do discurso, a representação de atores sociais diz respeito a representações de práticas sociais particulares, ou seja, “construídas por pessoas particulares e a partir de determinados pontos de vista, e, por isso, representam atores envolvidos nas práticas de diferentes maneiras” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 149).

Nos discursos, atores sociais podem ser incluídos ou excluídos de diversas maneiras, podem ser ofuscados, podem ser representados por enunciados, ou atividades, podem ser referidos pelo que são, enfim, os modos como são representados em textos estão relacionados a escolhas semânticas e podem ter implicações ideológicas (RAMALHO; RESENDE, 2011). Os atores sociais dizem muito sobre a posição ideológica do texto e do enunciatador além de mostrar e/ou sustentar relações de dominação. Segundo Melo (2017, p. 33) “os atores sociais estão em disputa por fazer prevalecer suas representações, por dar a última palavra acerca de posições políticas, das crenças e das percepções de direitos”.

Com essas categorias será possível perceber como os discursos figuram enquanto modos de agir (gênero), modo de representar (discurso) e modo de identificar

(estilo) nas práticas sociais. E, como já citado anteriormente, a relação entre os significados acional (modos de agir), representacional (modos de representar) e identificacional (modos de ser) é dialética, ou seja, os três aspectos não são isolados entre si, sua distinção é somente uma necessidade metodológica.

Na análise ideológica, trabalha-se de acordo com os “modos de operação da ideologia”, conforme proposto por Thompson (2011). Assim, para a análise das construções ideológicas nos discursos sobre mulheres nos portais piauienses Cidade Verde e G1/PI são adotados os modos de Legitimação, Dissimulação, Unificação, Fragmentação e Reificação, como explicado no Item 3.2.2.3 desta pesquisa. Esses “modos de operação da ideologia” ajudam a entender as maneiras como os sentidos são estimulados no mundo social e como pessoas e grupos reforçam relações de poder.

5.2 Corpus da pesquisa

Para desenvolver a pesquisa, realizou-se a coleta, no período de outubro de 2016 a janeiro de 2017, das matérias jornalísticas, nos portais analisados, que possuem a mulher como tema central, escolhidas em dias e horários diferentes da semana e de maneira aleatória. Na primeira semana, foi coletada uma matéria na segunda-feira no turno da tarde; na semana seguinte, na terça-feira de manhã; na terceira semana do mês, a coleta foi feita na quarta-feira à noite; na quarta semana, a coleta foi feita na quinta-feira no turno da manhã. No mês seguinte, a coleta teve início na sexta-feira e assim por diante. Foram coletadas, portanto, quatro matérias ao mês, totalizando 32 matérias ao final. Os meses escolhidos (outubro de 2016 a janeiro de 2017) justificam-se por haver diversos registros de acontecimentos envolvendo mulheres e por não haver datas específicas em que normalmente as mulheres são exaltadas como, por exemplo, o “Dia Internacional da Mulher”, o “Dia das Mães”, dentre outros.

Para efeito de análise, o material coletado foi dividido em cinco categorias, quais sejam: Mulheres e Política; Mulheres e Educação; Mulheres e Violência; Mulheres e Saúde; Mulheres e Crime. Assim, das 32 matérias coletadas, analisaremos 15. Isso se justifica porque Mulheres e Saúde é a menor categoria, com apenas três matérias, então, por questões metodológicas, decidiu-se analisar igual quantidade nas outras categorias, para que haja um equilíbrio quantitativo em cada uma delas. Ressalta-se ainda que das 32 matérias coletadas, duas não se enquadram em nenhuma das categorias criadas, ficando assim fora da análise. Vale destacar também que a comparação é feita entre o

enfoque dos portais.

5.2.1 Notícias selecionadas nos portais Cidade Verde e G1/PI

Como citado anteriormente, selecionamos nos portais piauiense Cidade Verde e G1/PI as matérias jornalísticas que trazem a mulher como tema central no período de quatro meses (outubro de 2016 a janeiro de 2017), de tal forma que o *corpus* da pesquisa é composto por 15 matérias sintetizadas no quadro a seguir.

Quadro 01 – Notícias que compõem o *corpus* da pesquisa

Data	Portal	Título da matéria
03/10/2016	CV	Patrícia Leal consegue eleger 10 dos 13 vereadores de Altos - (Anexo 01)
15/10/2016	G1/PI	‘Me realizei por poder mudar a visão dos alunos’, diz professora trans do PI - (Anexo 02)
20/10/2016	CV	Mae de suspeito de assalto a Correios é presa com armas e dinheiro manchado - (Anexo 03)
24/10/2016	CV	Mulheres de Pio IX recebem orientação sobre câncer de mama - (Anexo 04)
05/11/2016	CV	Candidatas perdem Enem, mesmo chegando ao local uma hora antes - (Anexo 05)
05/11/2016	G1/PI	Após deixar curso devido depressão, jovem faz Enem para cursar filosofia - (Anexo 06)
19/11/2016	G1/PI	Homem é preso por tentar estuprar filha de delegado em Teresina - (Anexo 07)
23/11/2016	CV	Mulher é agredida e amarrada após confusão em restaurante no Piauí; veja vídeo - (Anexo 08)
18/12/2016	G1/PI	Coautora da morte de policial será exonerada do Governo do Piauí - (Anexo 09)
20/12/2016	CV	Margarete defende PEC estadual e diz que servidor não será prejudicado - (Anexo 10)
22/12/2016	G1/PI	Mulher é agredida, culpa o cunhado, mas o marido é preso como suspeito - (Anexo 11)
05/01/2017	G1/PI	No Piauí, vereadora doara salário de R\$5,1 mil para instituições sociais - (Anexo 12)
16/01/2017	G1/PI	Mulher é presa ao transportar cocaína presa ao corpo de SP para o Piauí - (Anexo 13)
19/01/2017	CV	Mãe de jovem que ficou em coma após cesárea lamenta: Não sabemos como vamos fazer - (Anexo 14)
19/01/2017	G1/PI	Jovem fica em coma irreversível após cesariana e família aciona justiça - (Anexo 15)

Fonte: pesquisa direta.

6 AS CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS SOBRE MULHERES NO WEBJORNALISMO PIAUIENSE

Nunca se fala sobre aspectos de um texto sem referência à produção e/ou à interpretação textual. Por causa dessa sobreposição, a divisão dos tópicos analíticos entre análise textual e análise da prática discursiva (e também entre as atividades analíticas de descrição e interpretação) não é nítida. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 102).

Como mencionado anteriormente, as análises seguem o modelo proposto por Fairclough (2001), segundo o qual os discursos possuem uma dimensão social (a prática social) e uma dimensão material (o texto), sendo ambas as dimensões mediadas por uma terceira, a prática discursiva. As análises não seguem uma sequência ou separação rigorosa. Não se fala sobre aspectos de um texto sem se referir à produção e/ou à interpretação textual, “por causa dessa sobreposição, a divisão dos tópicos analíticos entre análise textual e análise discursiva (e também entre as atividades analíticas de descrição e interpretação) não é nítida” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 102).

Para efeito de análise, as notícias foram agrupadas em cinco categorias, de acordo com o tema tratado. Eis as categorias:

Categoria 01: Mulheres e Política – traz mulheres na política ou matérias relacionando mulheres à política;

Categoria 02: Mulheres e Educação – traz mulheres inseridas ou que se destacam no ambiente educacional;

Categoria 03: Mulheres e Violência – traz mulheres que foram violentadas e/ou agredidas;

Categoria 04: Mulheres e Saúde – traz mulheres em busca de orientações sobre saúde e mulheres que sofrem devido a atendimentos precários na saúde pública;

Categoria 05: Mulheres e Crime – traz mulheres envolvidas em crimes e/ou

tráfico de drogas.

Essa categorização foi feita a partir de pontos de tensões observados nos textos e nos contextos, aparecendo como questões mais recorrentes nos discursos. Como já explicado no capítulo sobre os percursos metodológicos adotados nesta pesquisa, para as análises foram selecionadas três (03) matérias de cada temática totalizando quinze (15) matérias analisadas.

6.1 Mulheres e Política

A primeira matéria analisada nesta categoria, com o título **Patrícia Leal consegue eleger 10 dos 13 vereadores de Altos (CIDADE VERDE, 03/10/2016)**, veiculada um dia após o resultado das eleições municipais, traz detalhes positivos sobre a reeleição da prefeita do município de Altos.

A inclusão de Patrícia Leal como protagonista da notícia (ator social), a partir do próprio título, é um dado ideologicamente relevante, à medida que revela, com destaque, a atuação de uma mulher na política. O texto foi construído no sentido de valorizar a atuação da candidata eleita Patrícia Leal. Isso é reforçado pela fotografia que mostra Patrícia acenando de maneira positiva, comemorando a reeleição (Figura 02).

Figura 02



Fonte: <<https://cidadeverde.com/altos/79572/patricia-leal-consegue-eleger-10-dos-13-veredores-de->

altos>.

De maneira geral, quando o assunto é política, a cobertura jornalística sobre mulheres não é uma cobertura justa e igualitária. Segundo Miguel e Biroli (2014), na cobertura dos meios de comunicação, em que “visibilidade, competência e adesão de eleitores podem andar juntas e fazer diferença na construção de uma carreira política, as mulheres são poucas e sua imagem ainda se mantém ligada aos estereótipos do gênero convencionais” (p. 12).

O contexto em que a notícia foi publicada (após a vitória da candidata nas eleições) reforça a imagem positiva que o enunciador divulga da prefeita. Resende e Ramalho (2006) destacam que a recontextualização de determinados textos dizem muito sobre o posicionamento político de um evento discursivo em suas práticas sociais.

Os demais atores citados na notícia são apresentados/representados por nomeação (atores representados pelos nomes) e categorização por funcionalização (atores representados em termos de funções ou cargos que ocupam), mas a nenhum deles é dada voz. Patrícia Leal é a única voz que aparece no texto através de citação direta.

Fizemos uma **campanha linda**, com propostas, conversando com as pessoas. Agradeço de coração a todos os 17.175 votos de confiança recebidos. Dedico, de forma especial, mais essa vitória ao meu pai, César Leal, que sempre foi amado pelo povo de Altos. **Nosso trabalho** vai seguir da mesma forma: **incansável, propositivo**, com a participação do povo e sempre pensando na cidade como um todo. Agora é seguir com nosso planejamento, efetivar nossas propostas e buscar parcerias para fazer ainda mais por nossa cidade. (CIDADE VERDE, 03/10/2016, grifos nossos).

O uso da palavra “incansável” remete à ideia de trabalho que não se cansa, trabalho ativo, o que ideologicamente remete a discursos utilizados por políticos de maneira geral para demonstrar aos eleitores que dedicam a vida para trabalhar pelo povo. A foto utilizada pelo enunciador reforça essa ideia de que Patrícia Leal é apresentada como uma mulher que buscou a vitória. Percebe-se assim a presença da intertextualidade, conceito proveniente de Bakhtin (1997), que mostra que os discursos são cheios de fragmentos de outros discursos. Na fala de Patrícia Leal, observa-se um discurso bem similar aos discursos de outros políticos. Discursos cheios de adjetivos (campanha **linda**, trabalho **incansável, propositivo**) e verbos que demonstram ação

(fizemos, seguir, efetivar, buscar) como forma de legitimar seu trabalho. Vale destacar que a foto de Patrícia Leal ao lado da urna é um registro característico de políticos, percebe-se assim a intertextualidade presente também por meio da fotografia, pois, em período de eleições esse tipo de registro fotográfico é bastante comum.

A segunda matéria analisada nesta categoria, intitulada **Margarete defende PEC estadual e diz que servidor não será prejudicado** (CIDADE VERDE, 20/12/2016), veiculada dois meses após o resultado das eleições estaduais, destaca a atuação da vice-governadora Margarete Coelho (que neste período estava como governadora em exercício do estado do Piauí) em relação à votação da PEC estadual. Margarete Coelho foi ouvida momentos antes dos servidores protestarem nas comissões técnicas na Assembleia Legislativa contra a PEC, que previa a mudança de regime fiscal e tributário durante 10 anos. Assim como na primeira matéria, o enunciador também dá destaque a uma mulher logo no título, porém os efeitos de sentidos ofertados são diferentes.

A governadora em exercício enquanto ator social é apresentada como voz legitimada a opinar sobre a PEC e sobre a manifestação dos servidores. Ela aparece de forma positiva, atuante e comprometida com suas funções, visto que ao tempo em que fala sobre a PEC, também inaugura novos leitos de UTI em hospital público. A fotografia (Figura 03), feita no momento da inauguração, reforça esta ideia, pois mostra uma mulher militante, inserida em suas atividades políticas, ou seja, sua função é exaltada.

Figura 03



Fonte: <<https://cidadeverde.com/noticias/237199/margarete-defende-pec-estadual-e-diz-que-servidor-nao-sera-prejudicado>>.

Resende e Ramalho (2006) explicam que toda análise deve ter a preocupação de comparar diferentes representações de eventos semelhantes, na perspectiva de como representam certos atores. Margarete Coelho é ator social de destaque, que ocupa toda a notícia. Dessa forma, percebe-se a intertextualidade presente no texto, visto que, o discurso da governadora em exercício é carregado de pressuposições, que Fairclough (2011, p. 155) caracteriza como “proposições tomadas pelo produtor do texto como já estabelecidas ou ‘dadas’”, acionando o sentido por meio de marcadores linguísticos. A fala de Margarete é de quem defende a liberdade de ação e que a eles demonstra apoio.

As manifestações são legítimas e elas são possíveis que aconteçam, apenas se espera que aconteçam de forma ordeira, que todos participem do processo de forma contributiva e o debate está com deputados estaduais com muita responsabilidade. (CIDADE VERDE, 20/12/2016).

Porém, ao tempo em que apoia os manifestantes, apoia também a PEC, mostrando conhecimento e tentando tranquilizar a população sobre o objetivo da proposta para o Estado.

A PEC do governo do Estado inclusive prevê que não haja diminuição

dos salários, mesmo com o aumento da alíquota da Previdência, por exemplo, que isso não seja impactado no servidor. Todo cuidado foi tomado para que a PEC seja benéfica para o Piauí, mas que não prejudique o servidor. (CIDADE VERDE, 20/12/2016).

Esse entendimento é reforçado pelo ator social jornalista que, como estratégia ideológica, direciona o leitor para o entendimento de que a PEC é benéfica, como se existisse apenas aspectos positivos na proposta. Percebe-se isso por meio de citação indireta, quando a matéria afirma: “Margarete ressaltou que todos os cuidados para não deixar a **máquina engessada** foram tomados e que não prejudicará o servidor” (CIDADE VERDE, 20/12/2016, grifo nosso).

Sentidos também são mobilizados ideologicamente por meio da metáfora “máquina engessada”, que remete ao entendimento de que o Governo não pode ficar imobilizado e que algo precisa ser feito, porém sem comprometer os direitos dos servidores.

Ideologicamente percebe-se o uso da legitimação, apoiada pela racionalização, quando uma cadeia de raciocínio procura justificar um conjunto de relação, buscando defender e persuadir a audiência para legitimar relações de dominação. Nesta matéria, a legitimação acontece por meio do discurso da governadora em exercício e é reforçada no enunciado pelo jornalista.

A terceira e última matéria analisada na Categoria 01, com o título **No Piauí, vereadora doará salário de R\$ 5,1 mil para instituições sociais** (G1/PI, 05/01/2017), trata da doação de salário da vereadora do município de Valença do Piauí, Íris Moreira, para instituições de assistência social da cidade.

É importante destacar que a matéria, publicada quatro dias depois que os candidatos eleitos foram empossados, remete o leitor ao fato de que Íris não quer o salário de vereadora. Para tanto, utiliza o efeito de sentido produzido pela metáfora “abrir mão” do salário: “Uma vereadora de Valença do Piauí, no sul do estado, resolveu **abrir mão** do salário como parlamentar para doar a instituições de assistência social da cidade” (G1/PI, 05/01/2017, grifo nosso). Mais uma vez, o uso de uma figura de linguagem legitima relações de poder, visto que ideologicamente essa atitude da vereadora é divulgada como forma de ganhar visibilidade pública por meio de uma ação inesperada. A matéria reforça este posicionamento por meio da fala da própria Íris Moreira, que, além de vereadora, é empresária e professora da rede municipal de ensino: “É um dinheiro que não vai me fazer falta porque antes eu já não tinha ele. Minha

intenção é ajudar as pessoas que precisam” (G1/PI, 05/01/2017).

Como explicam Ramalho e Resende (2011, p. 146) “as metáforas moldam significados identificacionais em textos, pois, ao selecioná-las num universo de outras possibilidades o/a locutor/a compreende sua realidade e identifica de maneira particular”. Essa maneira particular que o enunciador utilizou para identificar Íris deixa claro que o salário de vereadora seria uma renda a mais e que, frente à posição que ocupa, ela prefere doar.

A opção de doar seu salário é entendida, de acordo com os *modus operandi* da ideologia de Thompson (2011), como dissimulação por meio da eufemização, no sentido de que há uma valoração positiva de instituições, ações ou relações, ou seja, a ação da vereadora é apresentada com valor positivo, obscurecendo relações problemáticas e enaltecendo o seu trabalho que estava apenas começando. Assim como nas demais matérias desta categoria, a mulher é sempre o principal ator social. Observa-se isso logo no título e na foto que compõe a matéria. Na foto (Figura 04), o principal ator social aparece em seu ambiente de trabalho, bem posicionada, o que passa a ideia de mulher segura em suas decisões. O ator social é apresentado vestindo trajes que remetem a mulheres de destaque e que assumem cargos importantes. Vale destacar também a bandeira do Piauí compondo o enquadramento da fotografia, produzindo um efeito de sentido de poder, ou seja, a mulher ocupa uma posição/função importante no Estado.

Figura 04

05/01/2017 12h15 - Atualizado em 05/01/2017 12h15

No Piauí, vereadora doará salário de R\$ 5,1 mil para instituições sociais

Iris Moreira (PP) foi a vereadora mais votada em Valença do Piauí. Parlamentar disse que pretende fiscalizar contas públicas do município.

Patrícia Andrade
Do G1 PI



Vereadora Iris Moreira (PP) foi eleita com 599 votos em Valença do Piauí (Foto: Iris Moreira/Arquivo Pessoal)

Fonte: <<http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2017/01/no-piaui-vereadora-doara-salario-de-r-51-mil-para-instituicoes-sociais.html>>.

A ela, somente a ela, é dada voz, o que remete ao sentido de que a inclusão de outros atores, como as instituições sociais possivelmente beneficiadas com a ação da vereadora, é desfavorável para o enfoque ideológico que a notícia quer oferecer ao leitor. Outros pontos, portanto, como o destino que as instituições beneficiadas dariam ao dinheiro recebido, poderiam ser apresentados ao leitor com a participação de outros atores sociais.

Diante dessas análises, vale destacar que as mulheres da Categoria 01 - Mulheres e Política - são apresentadas de forma positiva, como mulheres de destaque social. A elas é dada voz e também são apresentadas em fotografias que exaltam suas atividades e/ou suas condições de vencedoras, vitoriosas e com capacidade de articulação política. Em todas as matérias desta categoria apenas um lado da mesma questão foi ouvido e foi exatamente o lado dos atores sociais de destaque, ou seja, das mulheres em posição social privilegiada.

6.2 Mulheres e Educação

A primeira matéria analisada nesta categoria, cujo título é ‘**Me realizei por poder mudar a visão dos alunos**’, diz professora trans do PI (G1/PI, 15/10/2016), em homenagem ao dia do professor, faz questão de destacar, no próprio título, o gênero ao qual a professora pertence. O título poderia ter dado destaque à atuação da professora mas isso só é percebido no corpo da matéria. Porém, a utilização desse recurso linguístico gera sentidos que trazem à tona a discussão de assuntos importantes, como a questão da sexualidade e do preconceito.

Sendo professora, eu percebo que tenho uma vida totalmente diferente. Me realizei por poder **mudar a visão** dos alunos, principalmente, por estar mudando a visão dos alunos do que é ser transexual, ser gay ou ser lésbica. (G1/PI, 15/10/2016, grifos nossos).

O uso da metáfora “mudar a visão” é uma maneira de expandir e/ou mudar o pensamento e/ou conhecimento dos alunos sobre o que é ser transexual, gay ou lésbica. Questões trabalhadas pela professora em sala de aula. Como explica Fairclough (2001, p.241), “todos os tipos de metáfora necessariamente realçam ou encobrem certos aspectos do que se representa”. O gênero ao qual a professora Danny Barradas pertence e o que ela representa são importantes no próprio processo de ensino e aprendizagem sobre sexualidade.

Na matéria, o primeiro ator social de destaque, Danny Barradas, é apresentado como professora e transexual (Figura 05). A todo o momento, o enunciador do texto utiliza expressões que a representam como transexual, ou seja, como pessoa que reivindica o reconhecimento como mulher (JESUS, 2012). Ideologicamente remete à concepção de que a mulher não pode ser entendida apenas pelo biológico, pois mulher é toda pessoa que se sente e se entende como mulher e isso é uma construção social e cultural, conforme já discutido no item 2.2 desta dissertação.

Figura 05

15/10/2016 08h00 - Atualizado em 17/10/2016 08h44

'Me realizei por poder mudar a visão dos alunos', diz professora trans do PI

Danny Barradas é professora de argumentação em escola de destaque. No dia do professor, ela conta ao G1 sobre as descobertas em sala de aula.

Belo Marquês
Do G1 PI



Danny conta em deixar para a posteridade uma biblioteca com 100 mil livros. (Foto: Belo Marquês/G1)

O sonho dela era ser médica, mas ao mostrar suas dissertações aos pais e irmãos, se deu conta de que poderia enveredar pela carreira jurídica. Ao chegar à faculdade de direito foi desafiada por um docente a ser professora. Hoje, Danny Barradas, 29 anos, transexual dá aulas

Fonte: <<http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2016/10/me-realizei-por-poder-mudar-visao-dos-alunos-diz-professora-trans-do-pi.html>>.

O “tornar-se mulher”, discutido por Simone de Beauvoir (1980), é visto nesta matéria, pois Danny Barradas tornou-se mulher. O ator social Danny é apresentado pelo enunciador exatamente como se sente em toda sua feminilidade.

A mulher como construção social e cultural é uma questão que necessita de maior entendimento e discussão pela mídia em geral, visto que os meios de comunicação costumam nomear as mulheres pelo o que elas representam e/ou muitas vezes pelo que aparentam. E assim elas são noticiadas.

A informação de que ela é professora em uma das escolas mais respeitadas do Brasil é ideologicamente relevante, pois mostra a presença de transexuais em sala de aula na condição de professor(a), o que ainda é raro de ser visto. Também remete ao sentido de que a sociedade e as instituições aos poucos estão mudando, pois ter professora transexual em uma escola tradicional e conceituada do País é, sem dúvida,

um avanço.

No texto, a todo o momento, o produtor reforça, por meio de recursos linguísticos, o gênero ao qual Danny Barradas pertence. Mas, mesmo fazendo isso, Danny Barradas faz questão de destacar que a educação liberta, transforma e supera preconceitos. Isso é representado através da intertextualidade, ou seja, há no texto fragmentos de outros textos.

Danny lembra de Erving Goffman, sociólogo canadense autor do livro *Estigma*, que diz que para alguém tirar o estigma de si é necessário remanejar a sua impressão. “Ou seja, tem outras coisas que você pode fazer que mudam a impressão que os outros têm de você: uma é dinheiro e a outra é estudo”, acredita. (G1/PI, 15/10/2016).

A intertextualidade é uma forma que legitima a Dani Barradas, pois a coloca em uma posição de professora que se destaca pela dedicação ao estudo, pelo compromisso em ensinar e contribuir para uma sociedade menos preconceituosa. Neste caso, a intertextualidade é uma estratégia para legitimação do ator social por meio da racionalização, quando diversos raciocínios procuram justificar um conjunto de relações.

A inclusão de outros atores sociais também reforça o compromisso de Danny Barradas com a educação. O pai de Danny destaca a importância da escolha da profissão da filha. Já o vice-presidente da OAB/Seccional Piauí (Lucas Villa) reforça tanto a questão da educação como a questão de gênero.

'Se você continuar estudando com a mesma dedicação que você faz hoje, você vai chegar num nível de competência que as pessoas não vão estar preocupadas se você estará de saia ou de terno', me disse ele, contou Danny. (G1/PI, 15/10/2016).

Como destacam Resende e Ramalho (2006), as diversas maneiras como os atores sociais são representados em textos são importantes, visto que indicam posicionamentos ideológicos em relação a eles e às suas funções/atividades. Neste caso, a voz do vice-presidente da OAB/Seccional Piauí, presente na matéria, legitima que o estudo é mesmo libertador e transformador, como sustenta Danny Barradas.

A atitude do portal e do produtor do texto é valiosa, pois oferece voz a um ator social importante, enfocando a necessidade de discutir questões relacionadas à educação, gênero e preconceito.

Na segunda matéria analisada na Categoria 02, intitulada **Candidatas perdem Enem, mesmo chegando ao local uma hora antes** (Cidade Verde, 05/11/2016), veiculada no primeiro dia de realização das provas do Enem, o foco é a movimentação no primeiro dia do exame. Porém, o fato de duas candidatas terem chegado uma hora antes dos portões fecharem e ainda assim terem perdido o horário foi o que chamou atenção do enunciador do texto. Os principais atores sociais são as candidatas, que são representadas como pessoas desatenciosas. O uso do verbo “confundiram” reforça essa ideia.

As duas mulheres foram juntas fazer o exame neste sábado (5), mas ficaram do lado de fora aguardando para entrar nos minutos finais, contudo, se **confundiram** com o horário de verão e terminaram perdendo o prazo. (CIDADE VERDE, 05/12/2017, grifo nosso).

A matéria não traz informações sobre as mulheres. Apesar de terem virado notícia, a elas não é dada voz direta, apenas uma pequena citação indireta explica que uma das candidatas achava que os portões só fechariam às 13 horas: “Uma delas, de nome Conceição, disse apenas que achava que os portões iam fechar somente às 13h. Chateadas, saíram do local sem falar com a imprensa” (CIDADE VERDE, 05/12/2017).

A não identificação dos atores sociais por sobrenome, ocupações, funções que desempenham remete ao sentido de que a não entrada das mulheres no local de realização da prova foi de fato o que prevaleceu na notícia, e não apenas o atraso. Remete também ao entendimento de que todos os anos a mídia mostra candidatos perdendo o horário da realização das provas do Enem, ou seja, são práticas discursivas já existentes e consolidadas no jornalismo.

O ideológico presente na matéria direciona ao entendimento de que as mulheres são mais desatenciosas. Isso é percebido através da informação de que muitos candidatos chegaram atrasados e que o produtor do texto poderia ter ouvido inclusive homens. Ideologicamente isso mostra como as mulheres são mais associadas a notícias negativas na mídia. O efeito de sentido de mulheres desatenciosas construído pelo texto reforça essa ideia, assim como a fotografia apresentada pelo enunciador. Mesmo sem identificação, uma das mulheres é exposta (Figura 06) com o rosto triste e aparentemente chateada, reforçando ainda mais o sentido de mulher desatenciosa.

Figura 06

05/11/16, 12:20

Candidatas perdem Enem, mesmo chegando ao local uma hora antes



Imprimir



Duas candidatas perderam a prova do Enem no campus Poeta Torquato Neto, da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), mesmo tendo chegado ao local uma hora antes. As duas mulheres foram juntas fazer o exame neste sábado

Fonte: <<https://cidadeverde.com/noticias/233714/candidatas-perdem-enem-mesmo-chegando-ao-local-uma-hora-antes>>.

Na terceira matéria desta categoria, com o título **Após deixar curso devido depressão, jovem faz Enem para cursar filosofia** (G1/PI, 05/11/2016), veiculada no primeiro dia de aplicação das provas do Enem, o enunciador retorna intertextualmente à cultura jornalística de todos os anos divulgar histórias de candidatas que querem voltar a estudar e buscam essa oportunidade por meio do Enem. É comum encontrar nas matérias jornalísticas, neste período de aplicação de provas do exame, personagens que trazem detalhes de sua vida como estudante.

No texto, o enunciador caracteriza os atores sociais por nomeação (Caroline Tajra e Claudia Valéria), por funcionalização, ou seja, pelas ocupações que desempenham (estudante e dona de casa) e por idade (28 e 43 anos). São mulheres de gerações diferentes, mas que o enunciador as apresenta como mulheres esperançosas, com histórias de superação.

É o caso de Caroline Tajra, que após sofrer com depressão pretende voltar ao curso de Filosofia na Universidade Federal do Piauí (UFPI). A jovem, que abandonou o curso por conta da doença, neste sábado (5) faz a prova do exame para reconquistar a vaga [...] Outra que também pretende dar a volta por cima e voltar à Universidade é a dona de casa Claudia Valéria, de 43 anos, que pela terceira vez presta o

exame. (G1/PI, 05/11/2016).

A inclusão desses atores sociais na matéria além de contribuir para reforçar o que está sendo dito pelo enunciador, constrói um cenário de otimismo e esperança, de mostrar que o estudo, pode sim, mudar a vida das pessoas, obscurecendo a questão da desigualdade social que é muito forte no País. A personagem Claudia Valéria, de 43 anos, é uma vítima da desigualdade social, visto que precisou largar os estudos para poder criar os filhos.

A fase mais difícil foi quando tive minha quarta filha, quando desisti de estudar. Cheguei a passar por tantas dificuldades até mesmo de conseguir algo para eles se alimentarem. (G1/PI, 05/11/2016).

Neste caso, o modo de operação da ideologia é a dissimulação, usada na forma que desvia a atenção do leitor, ou passa por cima de relações existentes. A categoria desse modo de operação, presente nessa representação, é a eufemização, que é a valoração positiva de instituições, ações e relações. No caso desta personagem, sua ação de voltar a estudar para conseguir uma vaga na Universidade é tida como uma valoração positiva que oculta problemas sociais muito complexos, como a desigualdade social.

Após essas análises, ressalta-se que é dada voz às mulheres da Categoria 02 – Mulheres e Educação – apenas quando elas se destacam por meio da educação, como é o caso da professora Danny Barradas. Em outras circunstâncias, em que são inclusive notícias negativas, elas aparecem sem sobrenomes e/ou ocupações que desempenham, são silenciadas e não há espaço para mais nenhum tipo de representação.

6.3 Mulheres e Violência

Com o título **Homem é preso por tentar estuprar filha de delegada em Teresina** (G1/PI, 19/11/2016), a primeira matéria analisada nesta categoria é sobre a tentativa de estupro a uma mulher. Os detalhes do fato são relatados pela delegada da mulher (Vilma Alves), que além de contar o acontecido, descreve o agressor e a vítima.

A identificação do ator social por nomeação (Vilma Alves) e função que desempenha (delegada da mulher) produz legitimidade ao texto. Ideologicamente sustenta relações de dominação por meio da racionalização, ou seja, o enunciador dá voz à delegada no intuito de construir uma cadeia de raciocínio que procura explicar ou

justificar fatos, para assim persuadir a audiência. Isso é feito através de uma mulher que tem licitude para falar sobre o acontecido.

A fotografia (Figura 07) mostra a delegada em seu ambiente de trabalho, bem vestida, exercendo sua função, o que remete ao sentido de mulher eficiente, atuante e comprometida com a causa de outras mulheres, reforçado pela sua voz na matéria.

Figura 07



Fonte: <<http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2016/11/homem-e-preso-por-tentar-estuprar-filha-de-delegado-em-teresina.html>>.

Os demais atores sociais presentes na matéria, vítima e agressor, são identificados respectivamente por sua ocupação (estudante) e idade (27 anos); e acerca de julgamento do que é (deficiente auditivo). A identificação por nomeação neste caso não é permitida, visto que a mulher agredida precisa ter sua identidade preservada e o suposto agressor ainda é tido como suspeito, ou seja, ele não foi condenado pela tentativa de estupro.

A informação trazida pelo enunciador de que a vítima é filha de um delegado da Polícia Civil do Piauí remete ao sentido de que nem mesmo os filhos de policiais estão protegidos da violência. O uso de metáforas no texto remete a diversos sentidos. A metáfora “estado de choque” caracteriza a situação na qual a vítima se encontra, remetendo ao estado de susto, atônita, chocada com a tentativa de estupro; a metáfora “travar luta” remete ao entendimento de que a vítima lutou para combater a ação do

agressor; e “gravata” é uma metáfora que caracteriza a ação do agressor de tentar sufocar a vítima por trás, passando o braço pelo pescoço dela.

A vítima, de acordo com a delegada titular da Delegacia da Mulher do Centro de Teresina, Vilma Alves, encontra-se em **estado de choque** e bastante lesionada, por **travar luta** corporal contra o homem [...] O homem, que é surdo e mudo, deu uma **‘gravata’** na jovem quando ela reagiu às agressões e gestos obscenos. (G1/PI, 19/11/2016, grifos nosso).

O uso de metáforas nas construções discursivas, além de fazer compreender uma coisa em termos de outra, remete a uma realidade de forma particular (RAMALHO, RESENDE, 2011). Nesse caso, as metáforas reforçam a condição de fragilidade da vítima e trazem detalhes de como a tentativa de estupro aconteceu. As estratégias discursivas utilizadas na construção da notícia apresentam as mulheres de maneiras diferentes. A delegada é apresentada como uma mulher em conformidade com o Direito, com autoridade para defender outras mulheres e por isso foi dada voz a ela, ou seja, praticamente o texto todo foi construído em cima do relato de Vilma Alves. Já a mulher (vítima) foi apresentada com suas fragilidades, vulnerabilidades e fraquezas.

A segunda matéria desta categoria, com o título **Mulher é agredida e amarrada após confusão em restaurante no Piauí; Veja vídeo** (Cidade Verde, 23/11/2016), mostra a violência sofrida por uma mulher, no sul do Estado. A partir do título é possível perceber a presença de características próprias do webjornalismo, como a hipertextualidade, que permite a interconexão de diversos blocos informativos como fotos, texto e vídeo, através de *links*. A matéria traz a opção de o leitor ver o vídeo da agressão, caso tenha interesse, através de um clique.

Outra característica presente na matéria é a interatividade, que é a capacidade de fazer com que o usuário/leitor participe do processo de produção do texto jornalístico. Isso pode acontecer de diversas formas (MACHADO; PALÁCIOS, 2003). Neste caso, a interatividade acontece a partir do momento em que as pessoas que presenciaram o fato gravaram o vídeo e enviaram à redação do portal.

Uma mulher com transtornos mentais foi amarrada e agredida em via pública na cidade de Gilbués, a 797 km de Teresina. A situação revoltou **moradores** que **gravaram pelo celular as agressões**. O caso ocorreu na última segunda-feira (21). As cenas são chocantes e mostram a vítima esperando diante da violência. (CIDADE VERDE 23/11/2016, grifos nossos).

No tocante à representação de atores sociais, o primeiro ator apresentado no texto é identificado apenas como “morador”, mas mesmo assim a ele é dada voz por meio de citação direta. É a partir dessa citação que a violência contra a mulher começa a ser relatada com detalhes.

A confusão teve início em um restaurante por conta de um troco. A mulher foi agredida com um pedaço de madeira e expulsa do local. Ela ficou agitada e começou a arremessar pedras, momento em que foi novamente agredida e, desta vez, amarrada. Pisaram na cabeça dela e a trataram como um animal, **disse o morador**. (CIDADE VERDE 23/11/2016, grifos nossos).

Na sequência, surge um segundo ator social, identificado por nomeação (Neide Vieira) e por função (bacharel em Direito). Por meio de citação direta, Neide Vieira identifica mais dois atores sociais por ocupação e nomeação (o vice-prefeito de Gilbués, Tiago Tavares, e o empresário Ricardo) que são apresentados pela testemunha como os agressores.

Quando eu cheguei, **eles** estavam amarrando a mulher para contê-la. Daqui a pouco eu vi o **empresário** pisando na cabeça dela, a boca toda cheia de sangue e ele continuando a pisar. Quando eu pedi para ele parar de pisar, ele fez como se não fosse nada e continuou pisando. Só parou após alguns minutinhos. Largaram ela no chão até que chegou uma menina e com ajuda de outra pessoa foram desamarrando. (G1/PI, 19/11/2016, grifos nossos).

A citação de Neide complementa as informações trazidas pela primeira testemunha apresentada no texto, com a diferença de que Neide, por ser bacharel em Direito, a todo o momento utiliza de seus conhecimentos jurídicos para reforçar como a Polícia Militar (outro ator social) deveria ter agido diante da situação.

Quando a polícia chegou, o Ricardo foi até posto dentro do carro da polícia, só que não sei porquê não foi levado. A vítima foi encaminhada ao hospital, mas não realizaram exame de corpo de delito de imediato, só depois que eu fui à delegacia e questionei. (CIDADE VERDE 23/11/2016).

Os modos de operação apresentados são o de legitimação, por meio da racionalização, quando Neide Vieira utiliza de uma cadeia de argumentos para sustentar relações de dominação, ou seja, mostrar que ela tem conhecimento para questionar, por

exemplo, a atitude da Polícia Militar e denunciar os agressores. Assim, as citações diretas são estratégias discursivas apresentadas pelo produtor do texto para relatar os fatos, prática comum no jornalismo, além de mostrar a situação da vítima.

A matéria também traz construção discursiva que, ideologicamente, mostra o desrespeito e despreparo de instituições quando o assunto é defesa da mulher.

Os agressores justificaram o ato porque teriam acionado a **Polícia Militar que, em primeiro momento, não compareceu ao local**. Sem a presença dos policiais, os suspeitos teriam resolvido contê-la sozinhos. (CIDADE VERDE, 23/11/2016, grifos nossos).

Esse tipo de relações de dominação, muitas vezes, é obscurecido e/ou apresentado de maneira que desvia a atenção para o fato de que as mulheres não tem a devida proteção de instituições como a Polícia Militar, o que contribui para o cenário de violência e morte no qual se encontram muitas mulheres nos dias atuais. A matéria não traz nenhum questionamento ou mesmo dá voz à Polícia para justificar a atitude de descaso frente o ocorrido, o que só fortalece ideologicamente a dissimulação, segundo os modos de operação de Thompson (2011).

A matéria intitulada **Mulher é agredida, culpa o cunhado, mas o marido é preso como suspeito** (G1/PI, 02/12/2016), terceira analisada nesta categoria, destaca a violência contra uma mulher que tentou acobertar o agressor. O fato da vítima não denunciar o marido é uma prática ainda bastante frequente na sociedade. O que intertextualmente nos remete a outros casos de mulheres que só começaram a denunciar os maridos depois que algo mais sério aconteceu com elas. Um exemplo recente foram as agressões sofridas pela atriz Luiza Brunet, que suportava calada e resolveu denunciar depois que, em Nova York, foi mais uma vez agredida com violência pelo companheiro com um soco no olho, chutes e quatro costelas quebradas.

A intertextualidade nem sempre está presente por meio de citações diretas ou indiretas, mas pode ser assimilada em pressuposições. Ramalho e Resende (2011) afirmam que “assim como a intertextualidade, a pressuposição conecta um texto a outros textos” (p. 134). São os recursos linguísticos do texto que mostram as pistas e os sentidos estabelecidos pelas pressuposições, como no trecho:

O delegado chama atenção para o caso uma vez que, mesmo agredida, a mulher se negou a colocar a culpa no marido. “Mesmo com o olho lesionado e tendo levado quatro pontos, ela defendeu arduamente o

marido, mesmo sendo o principal suspeito do crime. Poderíamos ter colocado na cadeia um inocente”, contou. (G1/PI, 02/12/2016).

Na matéria, o ocorrido é relatado pelo ator social Jarbas Lima, delegado da cidade de José de Freitas (local onde aconteceu a violência). Mais uma vez, observa-se o ator social sendo identificado por nomeação e ocupação como forma de legitimar as informações trazidas pelo enunciador. Foi o delegado que apurou todas as informações sobre a agressão, foi ele quem ouviu a vítima, então, a ele é dada voz, pois tem legitimidade para relatar o fato.

Ela foi encontrada com um corte no olho esquerdo e desmaiada, foi socorrida e encaminhada para o Hospital Nossa Senhora do Livramento. Na ocasião, ela informou para a polícia que a lesão foi provocada pelo seu cunhado. Iniciamos diligências e conseguimos localizar o cunhado que negou ter agredido a vítima [...] Diante das informações, a polícia realizou uma investigação minuciosa e conseguiu chegar a testemunhas que relataram que o marido teria agredido a mulher com uma paulada. (G1/PI, 02/12/2016).

A mulher é apresentada no texto como frágil e vulnerável. Por não ter denunciado o marido e sim o cunhado. Ela é apresentada também como uma mulher com comportamento inapropriado e calunioso. A atitude dela, descrita pelo portal, ideologicamente, remete à ideia de que talvez o medo, o amor ou mesmo o receio de não ter como se manter sozinha, podem ter contribuído para que ela não denunciasse o marido. Ao mesmo tempo, a atitude de denunciar o cunhado remete ao sentido de calúnia, como foi sustentado pelo delegado.

Diante das análises, vale destacar que na Categoria 03 – Mulheres e Violência - as mulheres são apresentadas pelas vozes e de outros atores sociais, de maneira geral, como frágeis e vulneráveis. Em se tratando de violência, as mulheres só são identificadas, inclusive por fotografias, quando ocupam posição social de destaque, como no caso da matéria **Homem é preso por tentar estuprar filha de delegado em Teresina**, em que a delegada Vilma Alves é apresentada como autoridade de Polícia, encarregada de ajudar a vítima de agressão, pois é uma mulher atuante e comprometida com sua profissão.

As análises desta categoria remetem ao entendimento de que a violência contra a mulher ainda é uma realidade que atinge mulheres de todas as faixas etárias e classes sociais, não somente no Brasil, mas no mundo inteiro. Faz entender também que essa é uma luta que ainda permanecerá por bastante tempo. Não é a toa que a violência contra

a mulher ainda é uma das principais bandeiras de luta dos movimentos feministas, como já discutido no Item 2.2.1 desta dissertação.

6.4 Mulheres e Saúde

A primeira matéria analisada nesta categoria, com o título **Mulheres de Pio IX recebem orientação sobre câncer de mama** (Cidade Verde, 24/10/2016), faz um alerta sobre a importância do diagnóstico precoce do câncer de mama e é alusiva ao movimento Outubro Rosa.

O texto mostra aspectos da intertextualidade, pois o produtor da matéria utiliza recursos linguísticos provenientes de outros discursos que tratam do movimento internacional Outubro Rosa. Isto sustenta a perspectiva de Bakhtin (1997) de que textos são inerentemente intertextuais, ou seja, são constituídos por elementos de outros textos.

O ator social de destaque é identificado por nomeação e funcionalização (Regina Coeli, prefeita de Pio IX) o que remete ao entendimento de que essa ação na cidade é realizada com apoio e suporte da Prefeitura do município. A relação de poder fica ainda mais evidente quando o enunciador dá destaque apenas à participação da prefeita, pois no texto há a representação particular de apenas uma voz, como se ela fosse a única com legitimidade para falar sobre o assunto. Isso ideologicamente favorece indivíduos ou grupos dominantes.

O modo de operação da ideologia presente no texto é a unificação, por meio da simbolização da unidade, no sentido de que estratégias que envolvem a construção de símbolos de identidade e de identificação são defendidas por grupos.

O movimento Outubro Rosa é internacional e **a nossa luta contra o câncer de mama é diária**. O câncer de mama é a segunda causa de morte entre mulheres, por isso apoiamos essa importante ação. (CIDADE VERDE, 24/10/2016, grifos nossos).

Neste caso, há uma busca de identificação com um movimento grandioso e importante, como o Outubro Rosa, no intuito de despertar a atenção da população do município. Isso também remete à dissimulação, outro modo de operação da ideologia, no sentido de que relações de dominação são ocultadas e representadas de maneira que desvia a atenção de todos, pois se a luta contra o câncer de mama é diária, não é necessária a chegada do movimento Outubro Rosa para que ações como essas aconteçam. As ações e os cuidados com a saúde da mulher poderiam ser realmente

pauta diária e uma preocupação recorrente dos agentes públicos. Mas, o que se percebe na prática é o descaso dos políticos para com a saúde pública.

Na matéria, o enunciador também faz uso da metáfora. No trecho “Mais de 50 mulheres piononenses participaram semana passada de uma **roda** de conversas sobre câncer de mama” (Cidade Verde, 24/10/2016, grifo nosso), a metáfora mais uma vez tem papel importante na construção da notícia, visto que “roda” caracteriza a ação realizada, trazendo detalhes de como aconteceu a orientação sobre o assunto em questão.

A segunda matéria analisada nesta categoria, com o título **Mãe de jovem que ficou em coma após cesárea lamenta: ‘Não sabemos como vamos fazer’** (Cidade Verde, 19/01/2017), traz relatos da mãe de uma jovem em estado de coma depois de uma cesariana. A notícia faz referência à situação da saúde pública no Piauí, além de mostrar algo bastante comum nos dias de hoje que é a gravidez na adolescência. Os atores sociais de destaque são identificados por nomeação, idade e ocupação.

Dona **Elisângela Maria, 37 anos**, era **vendedora ambulante** na porta de festas, mas teve de largar o trabalho para morar com a filha no Hospital Getúlio Vargas (HGV), em Teresina (PI). **Karen Rafaela** completou **17 anos**, na última segunda-feira (16), em um leito do hospital, internada depois uma cirurgia cesariana que a família ainda tenta entender. (CIDADE VERDE, 19/01/2017, grifos nossos).

Esses recursos linguísticos, usados pelo enunciador, fazem parte da prática jornalística e, além de identificar os atores sociais, trazem detalhes de suas condições físicas e sociais. Como já mencionado anteriormente, atores sociais podem ser representados em textos de diferentes formas linguísticas e a partir de escolhas sócio-semânticas.

Nesta matéria, também há inclusão do setor público, representado pela diretora do hospital, Rosélia Sena, que afirma: “somente dois dias após chegar ao hospital, a gestante iniciou trabalho de parto”. Neste caso, a inclusão da diretora, por meio de discurso direto, tem o sentido de dar o ponto de vista do hospital em relação ao fato, discordando do relato da mãe da jovem, e assegurando que o órgão está isento de culpa.

Esse é um dado ideologicamente relevante por contribuir para legitimar a atitude do hospital, que, por meio de nota divulgada, procura justificar suas ações. Isto caracteriza a racionalização, segundo os modos de operação da ideologia sustentados por Thompson (2011).

A citação direta também aciona outro modo de operação da ideologia, que é a dissimulação, pois desvia a atenção do leitor ou encobre problemas sociais, como é o caso da saúde pública, em muitos casos precária, sem o número de profissionais necessário e desprovida de itens básicos para atender à população.

Nota-se também que a categorização por funcionalização é relevante, visto que dá ênfase à situação na qual se encontra a família da jovem, revelando uma vida sofrida, sem recursos financeiros para manter uma UTI em casa, além de mostrar, por meio da ocupação do ator social mãe (Elisângela Maria), a situação de milhões de brasileiros que, assim como ela, não possuem trabalho formal assegurado por direitos trabalhistas. Numa situação como esta, fica sem condições de arcar até mesmo com as necessidades básicas. A fotografia da vendedora Elisângela Maria (Figura 08), com olhar triste e rosto aparentemente cansado, remete ao sentido de mulher sofrida e em dificuldade, reforçando assim o que é dito pelo enunciador.

Figura 08

Fotos: Roberta Aline/Cidade Verde



Dona Elisângela chora ao falar da situação da filha. Ela parou de trabalhar e praticamente mora no HGV

Fonte: <<https://cidadeverde.com/noticias/239298/mae-de-jovem-que-ficou-em-coma-apos-cesarea-lamenta-nao-sabemos-como-vamos-fazer>>.

A terceira matéria analisada na Categoria 04, intitulada **Jovem fica em coma irreversível após cesariana e família aciona justiça** (G1/PI, 19/01/2017), está relacionada ao mesmo caso da matéria analisada anteriormente, ou seja, da jovem Karem Rafaela, que entrou em coma após uma cesariana. O texto inclui atores sociais que trazem detalhes da atual situação da jovem e como o fato está tramitando na esfera

jurídica.

A inclusão do ator social irmã (Ângela Silva) é relevante, pois por meio deste ator o enunciador consegue passar ao leitor o drama vivido por Karem Rafaela, a situação financeira da família, além de informar detalhes da campanha que os familiares estão fazendo para conseguirem instalar uma UTI na casa da jovem.

Ao retornar da cirurgia, minha irmã ficou se queixando de fortes dores abdominais e fraqueza. Ela ainda conseguia falar e se movimentar. De 9h até 21h, disseram que os sintomas eram normais e somente na troca de plantão no turno da noite, a médica percebeu a gravidade e encaminhou ela à Maternidade Evangelina Rosa. (G1/PI, 19/01/2017).

Nesta matéria o enunciador apresenta, por meio de fotografia (Figura 09), o estado em que a jovem Karem se encontra, ou seja, em estado vegetativo. A situação em que ela é mostrada reforça o que é dito no texto e remete a uma situação de dificuldades para a família. A mulher que também aparece na fotografia, identificada como Ângela Silva, irmã de Karem, sustenta a situação de dor da família.

Figura 09



Fonte: <<http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2017/01/jovem-fica-em-coma-irreversivel-apos-cesariana-e-familia-aciona-justica.html>>.

O segundo ator social de destaque, que sustenta as informações trazidas pela irmã da jovem, é Cíntia Andrade, advogada da família. A identificação deste ator por nomeação e ocupação, legitima as informações trazidas pelo produtor do texto, pois a

advogada, por meio de citação direta, sustenta que houve negligência do hospital e da equipe que atendeu a adolescente.

Os vários laudos que coletamos apontam que provavelmente uma artéria foi cortada durante a cirurgia. Após isso, Karen ficou 12 horas esperando por uma avaliação médica. Nesse meio tempo, apenas enfermeiros a acompanharam. Por volta das 21h, uma enfermeira acionou uma médica, que percebeu que a jovem estava em choque hipovolêmico (grande perda de sangue). Essa foi a maior negligência. (G1/PI, 19/01/2017).

Ideologicamente, o texto ao trazer essas construções linguísticas legitima por meio da racionalização, no sentido de que o uso das citações diretas tenta justificar e/ou defender o ponto de vista da família, além de legitimar o porquê do caso está tramitando na justiça. Isso também é perceptível na inclusão de informações da Fundação Municipal de Saúde.

Assim, comparando as construções discursivas feitas pelos dois portais sobre o mesmo fato, percebe-se que no G1/PI o enunciador dá maior destaque à situação jurídica do fato, diferentemente do Cidade Verde que oferece maior ênfase às dificuldades financeiras da família.

Diante das análises da Categoria 04 – Mulheres e Saúde, percebe-se que as mulheres também são construídas de diferentes maneiras: como frágeis, diante de uma doença, como solidárias e defensoras de outras mulheres, além de sofredoras, quando, por exemplo, se encontram em uma situação financeira difícil.

6.5 Mulheres e Crime

A primeira matéria analisada nesta categoria, com o título **Mãe de suspeito de assalto a Correios é presa com armas e dinheiro manchado** (Cidade Verde, 20/10/2016), traz um ator social de destaque, identificado por nomeação e idade (Maria do Livramento, 51 anos) e também por ser mãe de um suposto assaltante.

O enunciador não a representou por sua funcionalização, o que remete ao sentido de que o ambiente no qual ela foi presa representa exatamente o que ela faz. Uma mulher em um local cheio de armas e dinheiro manchado remete ao entendimento de que ela é criminosa ou cúmplice do filho, indicado pela Polícia como suspeito de assalto às agências dos Correios em todo o Piauí.

Ao ator social major (Flávio Pessoa) é dada voz, por meios de citação direta.

Recurso linguístico utilizado pelo produtor do texto para divulgar os principais detalhes da prisão da mulher.

A prisão aconteceu após parceria com o serviço de inteligência da PM, sendo que a entrada na casa se deu por volta das 20h. O filho é um conhecido assaltante, saiu há poucos dias da Casa de Custódia. Ela ficou presa na Central de Flagrantes e vai responder por posse ilegal de arma de fogo. (Cidade Verde, 20/10/2016).

A expressão “idosa” utilizada pelo enunciador e reforçada pela divulgação da idade (51 anos), ideologicamente pode causar um ar de surpresa ao leitor, pois não é comum ver mulheres nessa idade envolvidas na criminalidade, ou pelo menos isso não é noticiado com frequência. Mas o fato de que a pessoa só é considerada idosa a partir dos 60 anos, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), reforça o entendimento de que o enunciador faz uso indevido da expressão.

A forma como Maria do Livramento é representada ideologicamente por meio da dissimulação, desvia a atenção do leitor por meio da exaltação de característica imposta a ela, remetendo a um sentido negativo, ou seja, idosa com atitude ilícita é algo estranho para a sociedade. Outra expressão de destaque no texto é “dinheiro manchado” que mostra o sentido intertextual da notícia, visto que neste período houve grande número de assaltos a caixas eletrônicos em Teresina, fazendo o enunciador publicar o número de assaltos realizados durante o mês na capital.

Cinco caixas eletrônicos foram explodidos em Teresina em menos de um mês. Na madrugada da última terça-feira (18), por volta das 4h, bandidos arrombaram o portão de uma faculdade particular na Zona Leste de Teresina e explodiram o terminal de autoatendimento. (Cidade Verde, 20/10/2016, grifo nosso).

O enunciador também utiliza recursos linguísticos para divulgar a prisão da mãe do suposto assaltante e traz dados do número de assaltos registrados no mês na capital piauiense. Assim, a mulher é retratada num ambiente que envolve crime e apresentada como cúmplice de assalto.

A segunda matéria analisada nesta categoria, com o título **Coautora da morte de policial será exonerada do Governo do Piauí** (G1/PI, 18/12/2016), traz detalhes do crime de um policial militar, que chocou o Piauí. Além de ter sido covardemente assassinado, a divulgação e a prisão dos supostos mandantes geraram repercussão ainda

maior sobre o fato.

A mulher que teria planejado o assassinato era namorada do militar. Ela é um ator social representado na matéria por ocupação (ex-diretora de hospital psiquiátrico de Teresina), o que leva ao entendimento de que a divulgação da ocupação desempenhada por ela gerou impacto ainda maior na notícia. Já a identificação por nomeação não foi divulgada, porque ela ainda está sob investigação.

A metáfora “coautora intelectual”, utilizada no texto, remete ao sentido de que a mulher não assassinou o namorado sozinha e/ou efetivou o fato, mas foi responsável, juntamente com outros suspeitos, de planejar e articular a morte. Ou seja, ela não participou da execução, mas planejou. Ideologicamente, percebe-se o uso da dissimulação por meio da metáfora, visto que foi atribuído à mulher uma característica que ela não possui, impondo um sentido negativo, pois não é inteligente e nem humano tirar a vida de uma pessoa.

Esse entendimento é reforçado pelo próprio jornalista enunciador que, como estratégia ideológica, direciona o leitor para esse entendimento, quando escreve no texto: “De acordo com o delegado Gustavo Jung, do Grupo de Repressão ao Crime Organizado (Greco), a mulher teria planejado o assassinato junto com o suspeito de ser mandante do crime” (G1/PI, 18/12/2016).

Aparece, assim, outro ator social, desta vez representado e identificado por nomeação e funcionalização (Gustavo Jung, delegado), para legitimar as informações apresentadas pelo enunciador. Nota-se também a existência da racionalização, mais um modo de operação da ideologia apresentada por Thompson (2011), pois, por meio de citação direta do delegado, é construído um raciocínio que procura explicar o assassinato.

A mulher mantinha um relacionamento amoroso ao mesmo tempo com o policial e o suspeito de ser o mandante do crime. Ela foi presa no seu local de trabalho, após o mandado de prisão ser expedido pelo juiz titular da Central de Inquéritos, Luiz Moura. Já estávamos acompanhando ela desde o início das investigações, na certeza que o mandado de prisão iria sair. Temos a convicção de que foi dela e do companheiro a ideia da morte. (G1/PI, 18/12/2016).

Desse modo, a mulher é construída como uma pessoa covarde, traiçoeira e calculista, por ter planejado a morte do próprio namorado. Na matéria há traços da intertextualidade, pois o enunciador utiliza textos e/ou discursos já existentes para

relatar o ocorrido.

A terceira matéria desta categoria, intitulada **Mulher é presa ao transportar cocaína presa ao corpo de SP para o Piauí** (G1/PI, 16/01/2017), trata da questão do tráfico de drogas e da forma inusitada de como uma mulher fez o transporte de cocaína de São Paulo ao Piauí. A maneira como ocorreu o transporte da droga é representado, logo no título, pela metáfora “presa ao corpo”. Essa maneira que o enunciador utiliza para identificar o transporte da cocaína remete ao entendimento de que os traficantes estão mais ousados, pois carregar droga junto ao corpo é um risco tanto para a saúde, como uma forma ousada de enganar a polícia.

No texto, não há nenhuma identificação da mulher e o principal ator social presente na notícia é identificado por nomeação e funcionalização (Menandro Pedro, delegado). É este ator social, por meio de citação direta, e o próprio produtor do texto que geram alguns sentidos sobre a mulher. Ideologicamente percebe-se uma mulher audaciosa, envolvida com o tráfico de drogas e com o crime de desmanche de motos.

As mulheres da Categoria 05 - Mulheres e Crime - são apresentadas sempre, por meio de outras vozes, como cúmplices, calculistas, audaciosas e, mesmo sob investigação, como imersas na criminalidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No espaço de um mestrado, não fazemos jornalismo, literatura, arte, militância. Temos o objetivo de produzir conhecimento, embora esse fazer científico, hoje, no espaço das ciências humanas, não se pretenda puro, nem objetivo, nem neutro [...] o que especifica nosso trabalho é a produção de conhecimento acadêmico. (BRAGA, 2017, p. 03).

Nos dias atuais, em que a produção de conteúdo noticioso é constante e ininterrupta, as análises que envolvem temas atuais, como discursos sobre mulheres na mídia, sempre sofrem atrasos, por isso a pesquisa é um processo inacabado e em construção. Impossível, desta forma, esgotar o tema deste trabalho.

As considerações aqui apresentadas tentam contribuir com alguns estudos de mídia, sob a perspectiva da ADC, que, como o próprio nome sugere, possui abordagem crítica, orientada textualmente e que leva em consideração a interpretação sobre o texto, a fim de observar e analisar os efeitos ideológicos “desencadeados por eles sobre ações, posições e relações sociais, representações, valores e identidades, isto é, como a linguagem influencia ideologicamente nas práticas sociais dos sujeitos” (MELO, 2017, p.128).

Nos estudos em ADC, também se espera uma reflexão crítica, a partir da análise discursiva, com a finalidade de apontar os constrangimentos sociais sobre o texto, além dos efeitos sociais desencadeados por sentidos de textos. Assim, diante da análise realizada, na **Categoria 01 - Mulheres e Política** - as matérias apresentam as mulheres de maneira positiva, ou seja, quando inseridas em um contexto político, a elas é dada voz. Os enunciadores as apresentam com o uso de metáforas, cuja associação remete intertextualmente a discursos oriundos de outros discursos políticos, buscando assim legitimarem e/ou exaltarem suas atividades. Esse destaque também acontece por meio dos ângulos das fotografias. O contexto em que elas aparecem, reforça suas funções e posições influentes socialmente. As mulheres desta categoria são, portanto, apresentadas como mulheres proeminentes. Isto é visível nas três matérias analisadas, mas se torna ainda mais evidente na matéria **No Piauí, vereadora doará salário de R\$ 5,1 mil para instituições sociais**, pois a mulher em questão, além de compor todo o texto como principal ator social, é apresentada, por meio de fotografia em seu ambiente de trabalho, bem posicionada, o que passa a impressão de segurança em suas decisões.

Nas matérias da **Categoria 02 - Mulheres e Educação** - os enunciadores

adotam estratégias enunciativas diferentes. Quando a mulher se destaca por meio da educação, a ela é dada voz, como alguém que pode ser instrumento transformador da sociedade. Há a inclusão de outros elementos/personagens que intertextualmente reforçam/fortalecem este tipo de argumentação. Isto está claramente representado na matéria **‘Me realizei por poder mudar a visão dos alunos’, diz professora trans do PI**. Nela, o principal ator social, Danny Barradas, revela sua história de vida e suas qualidades são destacadas de forma contundente pelo enunciador e reforçadas pelos demais atores sociais que aparecem no texto.

Se forem mulheres que buscam superação por meio da educação, o enunciador utiliza elementos linguísticos para exaltá-las a ponto de ideologicamente ignorar ou obscurecer outras questões, como a desigualdade social, algo forte em nosso país. Isto é representado na matéria **Após deixar curso devido depressão, jovem faz Enem para cursar filosofia**. Quando as mulheres se destacam por fatos negativos, elas logo são silenciadas e não há espaço para mais nenhum tipo de voz.

Embora as matérias da Categoria 02 aparentem uma preocupação com a questão da educação, elas tratam também de outros temas importantes, como a questão do gênero, por exemplo, que aparece na matéria **‘Me realizei por poder mudar a visão dos alunos’, diz professora trans do PI**, com o uso de elementos culturais (intertextualidade) para produzir efeitos de sentido. Além de destacar, em outras matérias, aspectos relevantes, como a desigualdade social, que intertextualmente faz refletir sobre a falta de oportunidade de estudo para muitas pessoas.

As mulheres desta categoria são, portanto, apresentadas como dedicadas, esforçadas, mas também desatenciosas a ponto de perderem as provas do Enem, por descuido com o horário, como se percebe na matéria **Candidatas perdem Enem, mesmo chegando ao local uma hora antes**, por meio de construções linguísticas e de fotografias que reforçam essa característica.

Na **Categoria 03 - Mulheres e Violência** – percebe-se que os atores sociais incluídos nas matérias são os responsáveis por apresentar socialmente as mulheres, geralmente como frágeis e vulneráveis. Quando esses atores são mulheres com legitimidade para representar outras mulheres, como nas matérias **Homem é preso por tentar estuprar filha de delegado em Teresina** e **Mulher é agredida e amarrada após confusão em restaurante no Piauí; veja vídeo**, ideologicamente está presente a racionalização, no sentido de que uma cadeia de argumentos sustenta relações de dominação. A essas mulheres os enunciadores dão destaque, a partir do uso de recursos

linguísticos, colocando-as em defesa das mulheres que sofreram violência.

O uso das metáforas também é uma estratégia enunciativa dos enunciadores para apresentar o sofrimento das mulheres vítimas de violência e para relatar como ela ocorreu, remetendo a efeitos de sentido de que a violência contra a mulher ainda é uma realidade que atinge todas as faixas etárias e classes sociais, não somente no Brasil, mas no mundo. Mesmo com a aplicação da Lei Maria da Penha, muitas mulheres ainda sofrem violência a todo o momento, o que intertextualmente remete ao entendimento de que não é à toa que essa ainda é uma luta presente nos movimentos feministas.

Nas matérias da **Categoria 04 - Mulheres e Saúde** - quando a mulher é destaque por alguma ação na área da saúde, percebem-se relações de poder, como mostra a matéria **Mulheres de Pio IX recebem orientação sobre câncer de mama**. Neste caso, a mulher se destaca por sua ação ou funcionalização e é apresentada como atuante perante o cargo que exerce. Já quando as mulheres sofrem por problemas de saúde, outras vozes são utilizadas para apresentá-las diante da difícil situação, como acontece nas outras duas matérias desta categoria, que, apesar de tratarem do mesmo assunto, utilizam estratégias enunciativas diferentes, de acordo com os interesses de cada portal e a partir do ponto de vista de cada enunciador.

Assim, percebe-se que as mulheres desta categoria são construídas ora como ativas diante de alguma ação que vá beneficiar ou ajudar na saúde de outras mulheres; ora como frágeis, diante de uma doença; ora como solidárias e defensoras de outras mulheres; ora como sofredoras, quando, por exemplo, se encontram em situação financeira difícil.

Nas análises das matérias da **Categoria 05 - Mulheres e Crime** - percebe-se que os enunciadores também utilizam recursos linguísticos, como a metáfora, para relatarem o envolvimento das mulheres na criminalidade. Outros atores sociais as apresentam de forma negativa, como cúmplices, calculistas e audaciosas, como se observa na matéria **Coautora da morte de policial será exonerada do Governo do Piauí**, além de totalmente imersas no crime, mesmo quando ainda estão sob investigação.

Nos textos jornalísticos produzidos pelos portais de notícias piauienses Cidade Verde e G1/PI algumas características inerentes ao webjornalismo, como a interatividade, são pouco utilizadas pelos enunciadores desses meios de comunicação. Os dois portais não possuem espaço para o leitor comentar as matérias, ou seja, não há a participação, interação direta do leitor com o veículo.

Na maioria das matérias, percebe-se um texto construído de maneira subjetiva,

sem utilizar características do jornalismo que remetam à imparcialidade. Muitas matérias são construídas ouvindo apenas um dos lados da notícia. Isso é visível, por exemplo, nas matérias da Categoria 01 - Mulheres e Política.

Dos 15 textos analisados, apenas na matéria **Mulher é agredida e amarrada após confusão em restaurante no Piauí; veja vídeo** é que se percebe a presença da hipertextualidade e da interatividade, por meio da inclusão do vídeo que mostra a agressão à mulher.

Com relação às hipóteses da pesquisa, comprova-se que os portais Cidade Verde e G1/PI mostram a mulher nas diversas esferas sociais, mas o enfoque recai prioritariamente na ótica da atuação política e no contexto da violência social, pois foram encontradas muitas matérias produzidas nestes âmbitos. Nos portais, as mulheres são classificadas pelo biológico, e em muitos casos são representadas pelo que aparentam ser, como se observa na matéria **‘Me realizei por poder mudar a visão dos alunos’, diz professora trans do PI**, que apesar de o principal ator social do texto ser uma mulher, porque é assim que ela se entende, a todo o momento o enunciador utiliza a expressão “transsexual”.

Comprova-se também que os discursos presentes nas matérias jornalísticas dos portais, que trazem a mulher como tema central, contêm evidências de que é dada voz à mulher que possui uma ocupação social de destaque, enquanto as demais são silenciadas por vozes que ocupam lugar de destaque e falam por elas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leonel. A validade dos critérios de noticiabilidade no jornalismo digital. In: RODRIGUES, Carla. **Jornalismo on-line: modos de fazer**. Rio de Janeiro: PUC/Sulina, 2009, p.163- 182.

AGUIAR, Neuma. **Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.

ALMEIDA, Marlise Miriam de M. **Simone de Beauvoir: uma luz em nosso caminho**. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51299>>. Acesso em: 03 de maio/2017.

ARAÚJO, Inesita Soares. O olhar semiológico. In: _____. **A reconversão do olhar**. São Leopoldo: Unisinos, 2000, p. 109-169.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BANDEIRA, Lourdes; MELO, Hildete Pereira de. **Tempos e memórias: movimento Feminista no Brasil**. Brasília: SPM, 2010,

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENETTI, Márcia. Análise do discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BENVENISTE. **Problemas de linguística geral II**. 2. ed. Campinas: Ponts, 1989.

BERALDO, Beatriz. **O que é feminilidade? Papeis sociais e o feminismo contemporâneo**. Disponível em: <http://www.espm.br/download/Anais_Comunicon_2014/gts/gt_cinco/GT05_BERALDO.pdf>. Acesso em: 02 de maio/2017.

BOCCHINI, Maria Otilia; REIMÃO, Sandra. **Participação da mulher na mídia**. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/agora/pmc_agora_entender_eixos_otilia_sandra.pdf>. Acesso em: 30 de jul./2015.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRAGA, José Luiz. **A prática da pesquisa em comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões**. Disponível em: <<http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/665/503>>. Acesso em: 22 de out./2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPOS, Antonia Alessandra Sousa. **A lei Maria da Penha e a sua efetividade**. Disponível em: <<http://esmec.tjce.jus.br/wp-content/uploads/2014/12/Ant%C3%B4nia-Alessandra-Sousa-Campos.pdf>>. Acesso em: 08. de maio/2017.

CARVALHO, Clarissa. **O “bicho mãe” no ciberespaço: gênero e maternidade no blog Mamíferas**. UFPI, Teresina, 2012.

CARVALHO, Guilherme. **Diretrizes para a análise de discurso em jornalismo**. Disponível em: <<file:///C:/Users/Benoni/Downloads/510-1125-1-PB.pdf>>. Acesso em: 02 de set./2015.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAVALCANTI, Ivo Henrique França de Andrade Dantas. **O webjornalismo e suas potencialidades: um estudo de caso do portal NE10**. Recife: O Autor, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 32. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh University, 1999.

CIDADE VERDE. **Candidatas perdem ENEM, mesmo chegando ao local uma hora antes**. Disponível em: <<https://cidadeverde.com/noticias/233714/candidatas-perdem-enem-mesmo-chegando-ao-local-uma-hora-antes>>. Acesso em: 05 de nov./2016.

CIDADE VERDE. **Mãe de jovem que ficou em coma após cesárea lamenta: ‘Não sabemos como vamos fazer’**. Disponível em: <<https://cidadeverde.com/noticias/239298/mae-de-jovem-que-ficou-em-coma-apos-cesarea-lamenta-nao-sabemos-como-vamos-fazer>>. Acesso em: 19 de jan./2017.

CIDADE VERDE. **Mãe de suspeito de assalto aos Correios é presa com armas e dinheiro manchado**. Disponível em: <<https://cidadeverde.com/noticias/232469/mae-de-suspeito-de-assalto-a-correios-e-presa-com-armas-e-dinheiro-manchado>>. Acesso em: 20 de out./2016.

CIDADE VERDE. **Margarete defende PEC estadual e diz que servidor não será prejudicado**. Disponível em: <<https://cidadeverde.com/noticias/237199/margarete-defende-pec-estadual-e-diz-que-servidor-nao-sera-prejudicado>>. Acesso em 20 de Dez./2016.

CIDADE VERDE. **Mulher é agredida e amarrada após confusão em restaurante no Piauí**. Disponível em: <<http://cidadeverde.com/noticias/235138/mulher-e-agredida-e-amarrada-apos-confusao-em-restaurante-no-piaui-veja-video>>. Acesso em: 23 de Nov./2016.

CIDADE VERDE. **Mulheres de Pio IX recebem orientação sobre câncer de mama**. Disponível em: <<https://cidadeverde.com/noticias/232729/mulheres-de-pio-ix-recebem>>

orientacao-sobre-cancer-de-mama>. Acesso em: 27 de out./2016.

CIDADE VERDE. **Patrícia Leal consegue eleger 10 dos 13 vereadores de Altos.** Disponível em: <<http://cidadeverde.com/altos/79572/patricia-leal-consegue-eleger-10-dos-13-vereadores-de-altos>>. Acesso em: 03 de out./2016.

DALMONTE, Edson Fernando. **Pensar o webjornalismo: temporalidade, paratexto e comunidades de experiência.** Salvador: EDUFBA, 2009.

DIAS, Maria Berenice. **A lei Maria da Penha na Justiça.** São Paulo: Revista dos Tribunais, 2007.

DUCROT. Oswald. **O dizer e o dito.** Campinas: Pontes, 1987.

FARIAS, Maria do Socorro de Almeida. **Discurso e construção social de gênero.** Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dlcv/enil/pdf/26_Maria_do_Socorro_AF.pdf. Acesso em: 2 de ago./2017.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** Brasília: UnB, 2001.

_____. **Language and power.** Harlow: Longman Group UK Limited, 1989.

_____. **Analysing discourse: textual analysis for social research.** London: Routledge, 2003.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A atualidade no jornalismo: bases para sua delimitação teórica.** Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Universidade Federal da Bahia. Salvador: 2003. 336 p.

FOULCAULT, M. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREITAS, James Deam Amaral. **Continuidade e ruptura nos estudos de gênero-historiografia de um conceito.** Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/view/14529#.WOI7OVXyvIU>>. Acesso em: 08 de abr./2017.

FRIEDAN, Betty. **Mística feminina.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.

G1/PI. **Após deixar curso devido depressão, jovem faz Enem para cursar filosofia.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2016/11/apos-deixar-curso-devido-depressao-jovem-faz-enem-para-cursar-filosofia.html>>. Acesso em: 05 de nov./2016.

G1/PI. **Coautora da morte de policial será exonerada do Governo do Piauí.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2016/12/coautora-da-morte-de-policial-sera-exonerada-do-governo-do-piaui.html>>. Acesso em: 20 de dez./2016.

G1/PI. **Homem é preso por tentar estuprar filha de delegado em Teresina.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2016/11/homem-e-preso-por-tentar-estuprar-filha-de-delegado-em-teresina.html>>. Acesso em: 19 de nov./2016.

G1/PI. **Jovem fica em coma irreversível após cesariana e família aciona justiça.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2017/01/jovem-fica-em-coma-irreversivel-apos-cesariana-e-familia-aciona-justica.html>>. Acesso em: 19 de jan./2017.

G1/PI. **‘Me realizei por poder mudar a visão dos alunos’, diz professora trans do PI.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2016/10/me-realizei-por-poder-mudar-visao-dos-alunos-diz-professora-trans-do-pi.html>>. Acesso em: 15 de out./2016.

G1/PI. **Mulher é agredida, culpa o cunhado, mas marido é preso como suspeito.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2016/12/mulher-e-agredida-culpa-o-cunhado-mas-marido-e-preso-como-suspeito.html>>. Acesso em: 02 de jan./2017.

G1/PI. **Mulher é presa ao transportar cocaína presa ao corpo de SP para o Piauí.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2017/01/mulher-que-trazia-cocaina-presa-ao-corpo-de-sao-paulo-e-presa-no-pi.html>>. Acesso em: 22 de jan./ 2017.

G1/PI. **No Piauí, vereadora doará salário de R\$ 5,1 mil para instituições sociais.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2017/01/no-piaui-vereadora-doara-salario-de-r-51-mil-para-instituicoes-sociais.html>>. Acesso em: 10 de jan./2017.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade:** sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. 2. ed. São Paulo: Unesp, 1993.

GUERRA, Vania Maria L. **Representação feminina e mídia.** Disponível em: <<http://www2.unemat.br/avepalavra/EDICOES/09/artigos/GUERRA.pdf>>. Acesso: 28 de set./2016.

HAHNER, June Edith. **Emancipação do sexo feminino:** a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850 – 1940. Florianópolis: Mulheres/Santa Cruz: EDUNISC, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 9. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.

HALLIDAY, M. **Introduction to functional grammar.** London: Edward Arnold, 1985.

_____. *Context of Situation.* In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. (Org). **Language, Context and text: aspects of language is a social-semiotic perspective.** London: Oxford; University Press, 1991, p. 3-8.

HERSCOVITZ, Heloiza G. **Características dos portais brasileiros de notícias.** Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/viewFile/197/196>. Acesso em: 20 de maio/2017.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre a população transgênero:** conceitos e termos. Brasília: Autor, 2012.

KNOLL, Graziella Frainer. **Discursos de gênero na publicidade**: análise crítica de textos publicitários em revistas. Rio Grande do Sul: Universidade Federal de Santa Maria, 2012.

LAKOFF, George; JOHSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Trad. (Coord.) Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado de Letras: São Paulo: Educ, 2002.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher**: permanência e revolução do feminino. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LOPES, Paulo Fernando de Carvalho. **O jornalismo na teoria dos discursos sociais**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1786-1.pdf>>. Acesso em: 29 de jul./2015.

MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. **Modelos de jornalismo digital**. Salvador. Edições GJOL; Calandra, 2003.

MAGALHÃES, Laerte. **Veja, isto é, leia**. Teresina: Edufpi, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1993.

_____. **Análise de textos em comunicação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação e identidade**: quem você pensa que é? São Paulo: Paulos, 2010.

MARTINS, André Ricardo Nunes. Discurso, imprensa e racismo. In: MARTINS, André Ricardo Nunes. **A polêmica construída**: racismo e discurso da imprensa sobre a política de cotas para negros. Brasília: Senado Federal, 2011, p. 65-77.

MATOS, Maria Izilda S. de. **Estudos de gênero**: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. Disponível em: <<file:///C:/Users/Benoni/Downloads/8634463-3432-1-SM.pdf>>. Acesso em: 29 de mar./2017.

MATOS, Maria Izilda S. de; SOLER, Maria Angélica. **Gênero em debate**: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: EDUC, 1997.

MATOS, Marlise. **Movimento e teoria feminista**: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do sul global? Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/06.pdf>>. Acesso em: 23 de abr./ 2017.

MELO, Thiago Ramos de. **Enfrentamentos e tensões**: uma análise de discursos de charges sobre o atentado ao Charlie Hebdo. 2016. Disponível em: <<https://www.sigaa.ufpi.br/sigaa/verProducao?idProducao=1029350&key>>. Acesso em: 22 de abr/ 2017.

MENDONÇA, Juliana P.; BRITTO, Diego A. **A importância da Lei Maria da Penha**

como mecanismo de proteção às mulheres no direito brasileiro. Disponível em: <<http://www.revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/view/1428/1114>>. Acesso em: 02 de maio/2017.

MESQUITA, Jennyffer P. de. **Mulheres eleitas:** a produção de sentidos no espaço político local pelos jornais impressos de Teresina. Disponível em: <<file:///c:/users/benoni/downloads/dissertacaofinaljennyffer.pdf>>. Acesso em: 27 de jul./2015.

MOREIRA, Maria Cecília Gonçalves. **A violência entre parceiros íntimos:** o difícil processo da ruptura. Rio de Janeiro: PUC, 2005.

MIELNICZUK, Luciana. Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. (Org.). **Modelos de Jornalismo Digital.** Salvador, Calandra, 2003, p. 38 – 54.

OBSERVATÓRIO DE GÊNERO. Homens recebem salários 30% maiores que as mulheres no Brasil. **Observatório de gênero.** Brasil. Disponível em: <<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/homens-recebem-salarios-30-maiores-que-as-mulheres-no-brasil>>. Acesso em: 27 de jul./2015.

PADILHA, Sônia. **A contribuição do webjornalismo na construção da sociedade do conhecimento.** Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-padilha-webjornalismo.pdf>>. Acesso em: 29 de jul./2015.

PALÁCIOS, Marcos. Ruptura, continuidade e potencialização do jornalismo online: o lugar da memória. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. **Modelos de jornalismo digital.** Salvador: Calandra, 2003.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso:** introdução à análise de discursos. 2. ed. São Paulo: Hacker, 2002.

PIRES, Vera Lucia. **Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin.** Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/29782/18403>>. Acesso em: 06 de maio/2017.

PLOU, Dafne Sabanes. Novos cenários, velhas práticas de dominação: a violência contra as mulheres na era digital. In: NATANSOHN, Graciela (Org.). **Internet em código feminino:** teorias e práticas. Buenos Aires, La Crujia Ediciones, 2013, p.121-135.

PONTE, Cristina. **Para entender as notícias:** linhas de análise do discurso jornalístico. Florianópolis: Insular, 2005.

PORTELA, Cristiane. **Mulher na mídia:** a construção da identidade feminina na revista Veja. Teresina: Edufpi, 2016.

QUEIROZ, Nana. **“Não é só o gênero que é socialmente construído, o sexo biológico também”.** Disponível em: <<http://azmina.com.br/2016/05/nao-e-so-o-genero-que-e-socialmente-construido-o-sexo-biologico-tambem/>>. Acesso em: 09 de maio/2017.

RANKING. **Ranking de sites.** Brasil. Disponível em: <<http://www.rankingdesites.com.br/sites/>>. Acesso em: 27 de jul./2016.

RAMALHO, Viviane. **Constituição da análise de discurso crítica:** um percurso teórico metodológico. SIGNÓTICA. Vol. 17, n.2, p. 275-298, 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/3731/3486>>. Acesso em: 22 de abr./2017.

RESENDE, Viviane M. **Análise de discurso crítica e realismo crítico:** implicações interdisciplinares. São Paulo: Pontes, 2009.

_____. **Análise de discurso crítica:** uma perspectiva transdisciplinar entre a linguística sistêmica funcional e a ciência social crítica. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/53cda_resende_1069a1081.pdf>. Acesso em: 02 de mar./2017.

RESENDE, Viviane M.; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica.** São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Análise de discurso (para a) crítica:** o texto como material de pesquisa. São Paulo: Pontes, 2011.

RIBEIRO, Fernanda; TEMER, Ana Carolina R. P. **As mulheres vítimas de violência sob o olhar do feminino no jornalismo.** Disponível em: <[file:///C:/Users/Benoni/Downloads/Mulher%20telejornalismo%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Benoni/Downloads/Mulher%20telejornalismo%20(1).pdf)>. Acesso em: 30 de jul./2015.

RODRIGUES, Valeria L.; COSTA, Flamarion L. da. **A importância da mulher.** Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/729-4.pdf>>. Acesso em: 04 de jun./2017.

SANCHEZ, Fábio. **O terceiro sexo.** Disponível em: <<http://super.abril.com.br/saude/o-terceiro-sexo/>>. Acesso em: 11 de maio/2017.

SARDENBERG, Cecília M. B. **Feminismo no Brasil, atual e atuante.** Disponível em: <<http://brasileiros.com.br/2010/06/feminismo-no-brasil-atual-e-atuante/>>. Acesso em: 02. maio/2017.

SAVIETTO, Daniele. **Mulheres e mídia global:** uma análise internacional da perspectiva das mulheres sobre suas representações midiáticas. Universidade de Coimbra, 2015.

SCOTT, J. W. **Gender and the politics of history.** Columbia University Press, New York, 1988.

_____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade.** Vol. 20, N. 2, 1995. p 71-90.

SEIXAS, Lia. Gêneros jornalísticos digitais: critérios para definir os produtos do webjornalismo. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. **Modelos de Jornalismo**

Digital. Salvador, Calandra, 2003, p. 78 -100.

SENA, Yala. [Entrevista concedida a autora]. Data: 28 de jul./2015.

SILVA, Tadeu T. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SIQUEIRA, Jaqueline. [Entrevista concedida a autora]. Data: 12 de ago./2016.

SOUZA, Gláucia P. de. **O discurso de mídia em relação à mulher**. Disponível em: <<http://www.ucb.br/sites/100/165/ArtigoseComunicacoes/12Odiscursodamidia.pdf>>. Acesso em: 02 de jun./2017.

SUZANA, Barbosa. Jornalismo de portal: novo formato e categoria para o jornalismo digital. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. **Modelos de Jornalismo Digital**. Salvador, Calandra, 2003, p. 160- 186.

TEIXEIRA, Nírcia R. Borges; VALÉRIO, Maristela S. **A "nova" mulher**: o estereótipo feminino representado na revista Nova/Cosmopolitan. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/versoereverso/article/viewArticle/5758/5216>>. Acesso em: 02 de ago./2015.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VAN DIJK, T. **Discurso e poder**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

VERON, Eliseo. *Quand lire c'est faire: l'enunciation des discours de l apresse écrite in Semiotique II*. Paris: IREP, 1983.

_____. **Teoria da midiaticização**: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. REVISTA MATRIZES, 2014, vol. 8, p. 13 - 19.

WASELFISZ, Julio J. **Mapa da violência 2015**. Homicídio de mulheres no Brasil. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf>. Acesso em: 29 de abr./2017.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, v. 4, n. esp., p. 223 - 243, 2004. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/297/313>. Acesso em: 29 de maio/2017.

ANEXOS

ANEXO 01

Patrícia Leal consegue eleger 10 dos 13 vereadores de Altos

Cidadeverde.com



Com exatos 17.175 votos, a atual prefeita de Altos, Patrícia Leal (PT), garantiu a reeleição na prefeitura do município e, conseqüentemente, conseguiu eleger 10 dos 13 vereadores da Câmara. A coligação "Mais mudança, mais trabalho" era formada pelo PT, PP, PPS, PSC, PV, DEM, PSL, PROS e PR.

Os vereadores eleitos Gerson Fernandes (PP), Kiko Fontenele (PP), Adaildo Pancadão (PP), Maxwell da Mariinha (PSC), Regina (PP), Juniel Pinheiro (DEM), Zé Ernandes (PT), Rumão Rocha (PT); Hamilton Pereira (PPS) e Doutora Maria Teresa (PV) formarão a base de apoio da prefeita.

Na oposição foram eleitos os parlamentares Hélio Inácio (PSB), João Campelo (PSD) e Neide da Barroquinha (PDT). O segundo candidato nas eleições contabilizou 7.194 votos, o que compreende 29,52% dos votos válidos, contra 70,48% da candidata eleita.

“Fizemos uma campanha linda, com propostas, conversando com as pessoas. Agradeço de coração a todos os 17.175 votos de confiança recebidos. Dedico, de forma especial, mais essa vitória ao meu pai, César Leal, que sempre foi amado pelo povo de Altos. Nosso trabalho vai seguir da mesma forma: incansável, propositivo, com a participação do povo e sempre pensando na cidade como um todo. Agora é seguir com nosso planejamento, efetivar nossas propostas e buscar parcerias para fazer ainda mais por nossa cidade”, conclui a prefeita reeleita. A petista é filha ex-prefeito César Leal - assassinado em 1996 no exercício do cargo.

Graciane Sousa

gracianesousa@cidadeverde.com

ANEXO 02

Margarete defende PEC estadual e diz que servidor não será prejudicado

Cidadeverde.com

POLÍTICA

2019/2/18, 10:10

Margarete defende PEC estadual e diz que servidor não será prejudicado

FACEBOOK TWITTER G+

Imprimir



Thiago Amaral

A governadora em exercício Margarete Coelho (PP) defendeu a votação da PEC estadual, que acontece nesta manhã(20) na Assembleia Legislativa, e disse que as manifestações dos servidores são legítimas, mas devem ocorrer de forma a contribuir com a discussão.

A governadora em exercício Margarete Coelho (PP) defendeu a votação da PEC estadual, que acontece nesta manhã(20) na Assembleia Legislativa, e disse que as manifestações dos servidores são legítimas, mas devem ocorrer de forma a contribuir com a discussão.

“As manifestações são legítimas e elas são possíveis que aconteça, apenas se espera que aconteça de forma ordeira que todos participem do processo de forma contributiva e o debate está com deputados estaduais com muita responsabilidade”, declarou.

Margarete ressaltou que todos os cuidados para não deixar a máquina engessada foram tomados e que não prejudicará o servidor.

“PEC do governo do Estado inclusive prevê que não haja diminuição dos salários, mesmo com o aumento da alíquota da Previdência, por exemplo, que isso não seja

impactado no servidor. Todo cuidado foi tomado para que a PEC seja benéfica para o Piauí, mas que não prejudique o servidor”, afirmou a governadora em exercício. As declarações foram dadas durante a inauguração de novos leitos de UTI do Hospital Getúlio Vargas (HGV) nesta terça-feira(20). A partir desta terça-feira (20), a unidade de saúde contará com 20 leitos e a previsão é que o número dobre em 2017. O secretário de Saúde, Francisco Costa, também participou da inauguração.

Caroline Oliveira
carolineoliveira@cidadeverde.com

ANEXO 03**No Piauí, vereadora doara salário de R\$5,1 mil para instituições sociais**

Iris Moreira (PP) foi a vereadora mais votada em Valença do Piauí. Parlamentar disse que pretende fiscalizar contas públicas do município.

Patrícia Andrade do G1/PI



Vereadora Iris Moreira (PP) foi eleita com 899 votos em Valença do Piauí (Foto: Iris Moreira/Arquivo Pessoal)

Uma vereadora de Valença do Piauí, no Sul do estado, resolveu abrir mão do salário como parlamentar para doar a instituições de assistência social na cidade. A decisão de Iris Moreira (PP) foi anunciada durante a solenidade de posse que ocorreu no domingo (1º). Iris foi a vereadora mais votada, com 899 votos e se junta a outros 10 parlamentares que irão compor o legislativo municipal pelos próximos quatro anos. Atualmente, o salário de um vereador em Valença é de R\$ 5,1 mil. Com a decisão de doar seus vencimentos, a vereadora deverá repassar durante todo o mandato aproximadamente R\$ 244 mil. Iris Moreira, tem 47 anos, é casada, professora da rede municipal e também empresária.

“Durante a campanha, andando pela cidade a gente realmente vê a realidade, que geralmente não enxerga no dia a dia, no trajeto de casa para o trabalho. Foi quando decidi que ia doar. É um dinheiro que não vai me fazer falta porque antes eu já não tinha ele. Minha intenção é ajudar as pessoas que precisam”, falou a vereadora ao **G1**.

Iris Moreira explicou que pretende fazer da doação um processo transparente e que para isso irá usar 50% do salário para contratar auditores para cuidar da prestação de contas. Segundo a parlamentar, as associações que devem receber o dinheiro são as que trabalham na capacitação de jovens e também entidades ligadas à igreja.

“Quero ajudar na geração de emprego, ajudando na capacitação. É como se fosse uma emenda parlamentar destinada para isso. Quero trabalhar pela cidade ajudando na fiscalização das contas públicas. Valença cresceu bastante, mas não se desenvolveu. Precisamos acompanhar de perto e trabalhar junto ao povo”, falou.

Valença do Piauí tem uma população com 20.360 habitantes e Índice de Desenvolvimento Humano de 0,647 segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

ANEXO 04

‘Me realizei por poder mudar a visão dos alunos’, diz professora trans do PI

Danny Barradas é professora de argumentação em escola de destaque. No dia do professor, ela conta ao G1 sobre as descobertas em sala de aula.

Beto Marques do G1/PI



Danny sonha em deixar para a posteridade uma biblioteca com 100 mil livros (Foto: Beto Marques/G1)

O sonho dela era ser médica, mas ao mostrar suas dissertações aos pais e irmãos, se deu conta de que poderia enveredar pela carreira jurídica. Ao chegar à faculdade de direito foi desafiada por um docente a ser professora. Hoje, Danny Barradas, 29 anos, transexual dá aulas de argumentação para uma das escolas mais respeitadas do Brasil, o Instituto Dom Barreto, em Teresina. Neste dia do professor, 15 de outubro, ela falou ao **G1** sobre as descobertas encontradas em sala de aula.

Como professora, ela se descobriu como uma transformadora de pensamentos, sobretudo de alunos que demonstravam comportamentos carregados de preconceitos. “Sendo professora, eu percebo que tenho uma vida totalmente diferente. Me realizei por poder mudar a visão dos alunos, principalmente, por estar mudando a visão dos alunos do que é ser transexual, ser gay ou ser lésbica”, explica.

Mas antes de estar a frente de uma sala de aula, foram oito anos tentando fazer medicina, mas para ela nunca foi possível estudar a quantidade necessária. Danny seguiu a rotina intensa de estudos, elaborando textos argumentativos e que lhe davam ainda mais prazer.

“Mas aí eu comecei a escrever meus textos e meu pai viu que eu estava mais para o direito que para medicina. Quando eu passei para o curso de direito em 2012, comecei a estudar, também, outras coisas, como alemão, além das minhas leituras de literatura e filosofia foram se intensificando”, conta.

Se afirmando

Danny lembra de Erving Goffman, sociólogo canadense autor do livro *Estigma*, que diz que para alguém tirar o estigma de si é necessário remanejar a sua impressão. “Ou seja, tem outras coisas que você pode fazer que mudam a impressão que os outros têm de você: uma é dinheiro e a outra é estudo”, acredita.

O pai dizia que como médica ela iria ser mais uma, mas seguindo na carreira jurídica era certo o seu destaque. Foi então que em 2013 ela decidiu “se revelar”. Ao conversar com Lucas Villa, vice-presidente da OAB Seccional Piauí, que era então seu professor de direito penal, encontrou forças para se assumir como trans.

“Se você continuar estudando com a mesma dedicação que você faz hoje, você vai chegar num nível de competência que as pessoas não vão estar preocupadas se você estará de saia ou de terno”, me disse ele”, contou Danny.

Hoje como professora ela tem a certeza de que não importa as suas vestimentas e que seus argumentos têm contribuído para destruir qualquer tipo de preconceito. “Não importa mais a forma como me visto. O que importa na hora da aula é eu dar aula, discutir o tema usando diversos pensadores, pois no dia da redação, não são as roupas que eu estou usando que eles vão escrever, mas o que sai da minha boca”, garante.

Através das redes sociais, Danny publicou um texto para que todos entendessem a sua identidade de gênero. “Eu não exigia nem apoio, nem respeito e nem aceitação, pois depende dos outros e vincular nossa felicidade aos outros, já é o primeiro passo para você ser infeliz. Eu, pelo menos, queria que eles compreendessem por parte do raciocínio de cada um”, lembra.

Ao se assumir, ouvia de muitas pessoas que não iria conseguir emprego, que o sofrimento estava próximo, que teria que enfrentar todo preconceito e a carga que a sociedade tradicional tentava impor, sobretudo, a quem fosse estudante do curso de direito. Mas nada abalava o seu sonho de se tornar a primeira juíza transgênero do Brasil.

Missão professora

Em uma livraria de Teresina, Danny conheceu mais um personagem que facilitaria a missão de educar. Ela foi desafiada por uma professora de redação a explicar sobre a ‘moral de Kant’ (filósofo prussiano, autor de diversos livros), e demonstrou excelente didática.

O desafio não parou por aí: ela foi convidada a substituir a amiga professora por uma semana em 15 escolas, lecionando sociologia. A receptividade dos alunos deixou Danny surpresa.

Eles próprios deram a ideia de que ela criasse um curso de argumentação para debater temas da atualidade e que serviriam de pano de fundo para as redações. Foi então que ela alugou uma sala em um colégio particular da capital e, rapidamente, tinha cerca de 140 alunos matriculados.

Substituindo um professor em outra escola particular de Teresina por dois meses, ela ainda não tinha a certeza de que a sala de aula se tornaria um ambiente transformador. “Os alunos chegaram a fazer um abaixo-assinado. Mas eu dizia: gente, eu passei dois meses sem ler um livro. Posso é ganhar R\$ 100 mil, mas eu não quero uma vida que eu não tenha tempo para ler”, lembra.

Deste colégio, foi chamada para dar uma palestra sobre intolerância religiosa no Instituto Dom Barreto em maio deste ano e desde junho está contratada como professora dando aulas de argumentação.

“Quando alguém me vê, acha que tenho o estereótipo de uma travesti, que, infelizmente, muitas vezes, são prostitutas, vivem na rua e se drogam. E quando me conhecem, percebem que sou tudo, menos aquilo que o estereótipo demonstra”, diz.



Os livros são os principais recursos de diversão para Danny (Foto: Beto Marques/G1)

Sonho de 100 mil livros

Danny gasta seu salário com livros e poupa para ir à Áustria aperfeiçoar o alemão. Quando era mais jovem usava, escondida dos pais, sava os R\$ 600 de mesada para comprar livros. Caso não consiga chegar a ser juíza e nem ir ao exterior, ela pensa em morar num sítio da família onde pretende passar um bom tempo estudando astronomia.

Ela pretende ainda deixar a sua marca para os que virão. “Quero morrer deixando uma biblioteca média de 90 a 100 mil livros. Sei que adolescentes têm muitos problemas existenciais e percebi que mudei a vida de vários, só por eles terem contato com grandes nomes como Schopenhauer, Nietzsche, Shakespeare, Dante e quero que eles possam mudar a vida deles através de citações destes autores”, diz.

Danny Barradas pensa ainda na possibilidade de gravar vídeos na internet explicando seus argumentos sobre os mais diversos assuntos. Entretanto, explica a professora, ainda é algo que parte de pedidos de amigos, que desejam que suas ideias reverberem para o mundo inteiro.

ANEXO 05

Candidatas perdem Enem, mesmo chegando ao local uma hora antes

Cidadeverde.com

05/11/16, 12:20

Candidatas perdem Enem, mesmo chegando ao local uma hora antes

Imprimir



Duas candidatas perderam a prova do Enem no campus Poeta Torquato Neto, da Universidade Estadual do Piauí (Uespi), mesmo tendo chegado ao local uma hora antes. As duas mulheres foram juntas fazer o exame neste sábado

Duas candidatas perderam a prova do Enem no campus Poeta Torquato Neto, da Universidade Estadual do Piauí (Uespi), mesmo tendo chegado ao local uma hora antes. As duas mulheres foram juntas fazer o exame neste sábado (5), mas ficaram do lado de fora aguardando para entrar nos minutos finais, contudo, se confundiram com o horário de verão e terminaram perdendo o prazo.

Uma delas, de nome Conceição (foto acima), disse apenas que achava que os portões iam fechar somente às 13h. Chateadas, saíram do local sem falar com a imprensa.

Muitos candidatos chegaram em cima da hora e tiveram que correr minutos antes do portão fechar, às 12h.

Nesse primeiro dia os estudantes vão responder a 90 questões de ciências humanas e ciências da natureza. Os candidatos terão quatro horas e 30 minutos para concluir as provas.

A área de ciências da natureza e suas tecnologias abrange os conteúdos de química, física e biologia. Em ciências humanas e suas tecnologias, as provas são de geografia, história, filosofia, sociologia e conhecimentos gerais.

Neste ano, pela primeira vez, haverá identificação biométrica dos estudantes. O objetivo é prevenir fraudes. As impressões digitais serão colhidas durante as provas.

O aluno poderá deixar o local após duas horas do início da prova. Só é possível sair com o caderno de questões nos últimos 30 minutos antes do fim das provas. Caso descumpra qualquer uma dessas regras, será eliminado.

Maria Romero (Flash)

Hérton Moraes (Da Redação)

redacao@cidadeverde.com

ANEXO 06**Após deixar curso devido depressão, jovem faz Enem para cursar filosofia**

Caroline Tajra, revelou ter se afastado da universidade devido a doença. Um total de 198.234 estudantes estão inscritos para fazer o Enem no Piauí.

Beto Marques e Patrícia Andrade **Do G1 PI**



Caroline Tajra, 28 anos, tentará vaga para filosofia na UFPI (Foto: Beto Marques/G1)

O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) é para muitos candidatos uma oportunidade para renovar as esperanças e tentar um recomeço. É o caso de Caroline Tajra, que após sofrer com depressão pretende voltar ao curso de filosofia na Universidade Federal do Piauí (UFPI). A jovem, que abandonou o curso por conta da doença, neste sábado (5) faz a prova do exame para reconquistar a vaga.

"Isso foi há cinco anos. Filosofia é minha paixão. Cheguei a fazer turismo, mas não me identifiquei. Passei por uma depressão muito forte que me afastou da universidade, mas estou otimista que vou conseguir voltar", disse a estudante de 28 anos.



Claudia Valeria, de 43 anos, faz o exame pela terceira vez (Foto: Beto Marques/G1)

Outra que também pretende dar a volta por cima e voltar à universidade é a dona de casa Claudia Valeria, de 43 anos, que pela terceira vez presta o exame. Ela foi uma das primeiras a entrar no local de prova, no campus Torquato Neto, da Universidade Estadual do Piauí, Zona Norte de Teresina.

"A fase mais difícil foi quando tive minha quarta filha, quando desisti de estudar. Cheguei a passar por tantas dificuldades até mesmo de conseguir algo para eles se alimentarem", relatou. Ela sonha em fazer o curso de direito.

Neste sábado (5) os portões abrem às 11h, fecham às 12h e as provas têm início às 12h30. As provas de hoje serão compostas por 45 questões objetivas de ciências da natureza e suas tecnologias e outras 45 de ciências humanas e suas tecnologias. A duração total é de 4h30 neste primeiro dia.

Enem no Piauí

Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), no Piauí 198.234 estudantes estão inscritos para fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) este ano. No entanto, por conta das ocupações em alguns locais de prova, o exame teve que ser adiado para 1.912 candidatos no estado.

Em todo o país, foram 8.732.184 inscritos. O exame é a única forma de ingresso em universidades federais e institutos federais, que adotaram o Sistema de Seleção Unificada (Sisu). No Piauí, 19.938 farão o Enem para garantir a certificação de conclusão do Ensino Médio.

O Inep afirmou, no fim da tarde da sexta-feira (4), que todos os candidatos da edição 2016 do Enem que não receberam qualquer aviso sobre o adiamento do local de provas deve realizar o exame neste fim de semana.

Os locais onde as provas foram adiadas são: Os locais são: o campus Professora Cinobelina Elvas da Universidade de Federal do Piauí (UFPI), na cidade de Bom Jesus, e o campus Sul do Instituto Federal de Educação (IFPI), em Teresina.

O que levar para a prova

O edital permite que os participantes levem comida e bebida para a sala de provas. É possível que o candidato leve garrafa com água e lanches leves. O candidato pode levar potes de comida transparentes.

Não é permitida a entrada com bonés ou óculos escuro, smartphones e tablets. Não é obrigatório imprimir cartão de confirmação, mas o Inep recomenda levar cartão impresso, para ver detalhes sobre local de provas.

A caneta a ser utilizada para marcar o cartão-resposta deverá ser de tinta preta. O candidato não pode esquecer de levar o RG.

Segurança e transporte

Um efetivo de 950 policiais militares vai realizar a segurança em todo o Piauí durante a aplicação das provas do Exame Nacional do Ensino Médio. Segundo a Secretaria de Segurança Pública, o trabalho principal dos policiais é garantir a escolta dos malotes das provas e manter a ordem e segurança nos 490 locais de aplicação.

Para garantir a mobilidade dos estudantes, a Prefeitura de Teresina organizou uma operação especial no local onde haverá maior fluxo de veículos, além de manter a frota normal no domingo - dia da semana em que ela geralmente é reduzida.

Além disso, a Superintendência Municipal de Transportes e Trânsito (Strans), responsável pelas ações de trânsito na cidade, estará com equipes de agentes de trânsito nos locais de maior fluxo de veículos para evitar congestionamentos.

ANEXO 07**Homem é preso por tentar estuprar filha de delegado em Teresina**

Vítima e agressor são vizinhos e residem na Zona Leste de Teresina
Suspeito tem 27 anos, é surdo e mudo e está preso desde sexta-feira (18).

Beto Marques do G1/PI



Delegada Vilma Alves, titular da Delegacia da Mulher do Centro
(Foto: Catarina Costa / G1)

Uma estudante de 27 anos e filha de um delegado de polícia civil do Piauí foi vítima de tentativa de estupro pelo próprio vizinho. O agressor é deficiente auditivo foi preso na sexta-feira (18). A vítima, de acordo com a delegada titular da Delegacia da Mulher do Centro de Teresina, Vilma Alves, encontra-se em estado de choque e bastante lesionada, por travar luta corporal contra o homem.

A tentativa de estupro aconteceu enquanto a estudante universitária saía de sua residência, situada no bairro São João, Zona Leste da capital. Era por volta da meia-noite quando ela encontrou o homem

“Eles foram criados juntos e moram em frente um ao outro. Ela informou que estava à noite na rua de casa com ele, quando o agressor foi se aproximando e fazendo gestos obscenos. Foi aí que ela começou a estranhar e ao sair correndo lutou contra o homem”, disse a delegada Vilma Alves.



Central de Flagrantes de Gênero de Teresina
(Foto: Fernando Brito/G1)

O homem, que é surdo e mudo, deu uma ‘gravata’ na jovem quando ela reagiu às agressões e gestos obscenos. Foi então, como relatou a delegada, que os dois travaram uma luta corporal. “Foram socos, puxões de cabelo e até mesmo ela foi jogada no chão. Acredito que o agressor deva ter visto alguém e saiu”, falou.

A mulher vítima da tentativa de estupro saiu correndo pelas ruas do bairro São João, onde os dois residem, em busca de ajuda. Em uma praça encontrou uma guarnição da Polícia Militar.

“Os policiais mandaram ela ir dormir. Achei isso um absurdo, mas na madrugada ela foi à Central de Gêneros prestar queixa. Ficamos por horas tentando buscar o homem, mas ele já está preso. O agressor chegou a ‘brincar’ e disser que não daria em nada, mas se depender de nós ele permanecerá preso”, acrescentou a delegada.

Mesmo por ser deficiente auditivo, a delegada informou que o agressor deve permanecer preso, desde de que seja comprovado transtorno mental.

Ainda de acordo com Vilma Alves, outras mulheres do bairro já foram vítimas dos assédios do homem. Ele encontra-se preso na Central de Flagrantes, no Centro de Teresina.

ANEXO 08**Mulher é agredida e amarrada após confusão em restaurante no Piauí;
veja vídeo**

Cidadeverde.com

Uma mulher com transtornos mentais foi amarrada e agredida em via pública na cidade de Gilbués, a 797 km de Teresina. A situação revoltou moradores que gravaram pelo celular as agressões. O caso ocorreu na última segunda-feira (21). As cenas são chocantes e mostra a vítima esperneando diante da violência.

Uma testemunha- que não quis ser identificada- conta que a vítima ficou agitada após ser expulsa com agressividade de um restaurante.

"A confusão teve início em um restaurante por conta de um troco. A mulher foi agredida com um pedaço de madeira e expulsa do local. Ela ficou agitada e começou a arremessar pedras, momento em que foi novamente agredida e, desta vez, amarrada. Pisaram na cabeça dela e a trataram como um animal", disse o morador.

Outra testemunha é a Bacharel em Direito, Neide Vieira, que ia passando pelo local. Inconformada com a situação, ela parou e tentou ajudar a vítima. Segundo ela, os dois homens que aparecem na gravação são o vice-prefeito de Gilbués, Tiago Tavares , e um empresário identificado apenas como Ricardo.

"Quando eu cheguei, eles estavam amarrando a mulher para contê-la. Daqui a pouco eu vi o empresário pisando na cabeça dela, a boca toda cheia de sangue e ele continuando a pisar. Quando eu pedi para ele parar de pisar, ele fez como se não fosse nada e continuou pisando. Só parou após alguns minutinhos. Largaram ela no chão até que chegou uma menina e com ajuda de outra pessoa foram desamarrando", disse Vieira.

De acordo com testemunhas, os agressores justificaram o ato porque teriam acionado a Polícia Militar que, em primeiro momento, não compareceu ao local. Sem a presença dos policiais, os suspeitos teriam resolvido contê-la sozinhos.

"Quando a polícia chegou, o Ricardo foi até posto dentro do carro da polícia, só que não sei porquê não foi levado. A vítima foi encaminhada ao hospital, mas não realizaram exame de corpo de delito de imediato só depois que eu fui à delegacia e questionei", reitera a bacharel.

Neide Vieira questiona ainda a omissão da Polícia Militar.

"O tenente Getúlio Salviano (comandante da Polícia Militar em Gilbués) disse que não tinha sido feito exame de corpo de delito porque o hematoma teria sido derivado da contenção. Então, eu falei: quem tem que decidir se foi ou não foi é o juiz. O exame era importante para uma eventual representação. Ela tem esquizofrenia e é totalmente incapaz. Ela errou? errou. Então, tenta conter de uma forma não degradante, mas de uma forma decente e aciona os órgãos competentes, a assistência social, a família", relatou Neide Vieira.

A TV Cidade Verde tentou contato com o vice-prefeito da cidade e o empresário, mas não obteve retorno. O delegado de Polícia Civil e comandante da PM na cidade também não foram localizados.

Graciane Sousa

gracianesousa@cidadeverde.com

ANEXO 09**Mulher é agredida, culpa o cunhado, mas o marido é preso como suspeito**

Vítima tem 22 anos, está grávida de dois meses e chegou a desmaiar. Marido foi preso e delegado diz que mulher pode responder por calúnia.

Juliana Barros do G1 PI



Madeira usada para agredir a vítima (Foto: Divulgação/ Polícia Militar)

Uma mulher de 22 anos, grávida de dois meses, foi agredida pelo marido com uma paulada na cabeça e tentou colocar a culpa no cunhado. O caso aconteceu na cidade de José de Freitas, localizada a 52 km de Teresina. Segundo a Polícia Civil, somente após investigação os policiais conseguiram chegar ao marido como o verdadeiro responsável pelas agressões. O homem foi preso na quarta-feira (21).

“Ela foi encontrada com um corte no olho esquerdo e desmaiada, foi socorrida e encaminhada para o Hospital Nossa Senhora do Livramento. Na ocasião, ela informou para a polícia que a lesão foi provocada pelo seu cunhado. Iniciamos diligências e conseguimos localizar o cunhado que negou ter agredido a vítima. Em depoimento, ele informou que estava com a esposa, o irmão e a cunhada bebendo em uma residência e em determinado momento o irmão disse que ia sair, mas a cunhada disse que não e que se ele fosse seguiria ele”, explicou o delegado Jarbas Lima, da cidade de José de Freitas. Diante das informações, a polícia realizou uma investigação minuciosa e conseguiu chegar a testemunhas que relataram que o marido teria agredido a mulher com uma paulada. “Depois que ele saiu e ela foi atrás eles iniciaram uma discussão e ele usou um pedaço de pau para agredir a mulher que chegou a desmaiar. Essa foi a informação

passada por testemunhas que viram os dois discutindo. Familiares também confirmaram a versão das testemunhas, inclusive o pai da vítima”, disse o delegado.

O marido foi preso em flagrante e autuado por violência doméstica. O delegado arbitrou a fiança de cinco salários mínimos, mas ele permanece detido na delegacia de José de Freitas à disposição da justiça.

Os dois estão há sete meses em união estável. A mulher foi encaminhada para Teresina pra realização de exames pois existe a possibilidade de que com as agressões ela possa ter perdido o bebê. O delegado ainda informou que a mulher pode responder por denúncia caluniosa.

O delegado chama atenção para o caso uma vez que, mesmo agredida, a mulher se negou a colocar a culpa no marido. “Mesmo com o olho lesionado e tendo levado quatro pontos, ela defendeu arduamente o marido mesmo sendo o principal suspeito do crime. Poderíamos ter colocado na cadeia um inocente”, contou.

ANEXO 10**Mulheres de Pio IX recebem orientação sobre câncer de mama**

Cidadeverde.com

Mais de 50 mulheres piononenses participaram semana passada de uma roda de conversas sobre câncer de mama. A ação, realizada no auditório da Secretaria Municipal de Educação, foi promovida pelo Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC Vida Saudável), em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde de Pio IX.

O evento é alusivo ao Outubro Rosa, celebrado anualmente, e estimula a participação da população no controle do câncer de mama.

Durante o encontro, foi trabalhada a importância da prevenção do câncer de mama e colo do útero, bem como o seu diagnóstico precoce e a necessidade de realizar o autoexame de mama.

"O movimento Outubro Rosa é internacional e a nossa luta contra o câncer de mama é diária. O câncer de mama é a segunda causa de morte entre mulheres, por isso apoiamos essa importante ação", pontua Regina Coeli, prefeita de Pio IX.

Editoria de cidades

redacao@cidadeverde.com

ANEXO 11

Mãe de jovem que ficou em coma após cesárea lamenta: Não sabemos como vamos fazer

Cidadeverde.com



Dona Elisângela chora ao falar da situação da filha. Ela parou de trabalhar e praticamente mora no HGV . Fotos: Roberta Aline/Cidade Verde

Dona Elisângela Maria, 37 anos, era vendedora ambulante na porta de festas, mas teve de largar o trabalho para morar com a filha no Hospital Getúlio Vargas (HGV), em Teresina (PI). Karen Rafaela completou 17 anos, na última segunda-feira (16), em um leito do hospital, internada depois uma cirurgia cesariana que a família ainda tenta entender.

Alegando erro da equipe que atendeu a jovem na maternidade do bairro Buenos Aires, zona Norte, a mãe acionou a justiça contra os possíveis responsáveis por sua filha estar em coma até hoje. E depois de tanto tempo, resolveu desabafar. Disse que deu entrada com a filha no dia 8 de setembro na maternidade do Buenos Aires já com a bolsa da filha rompida. Ela confirmou que a jovem também apresentava um quadro de infecção urinária.

"Ela entrou com dois centímetros de dilatação e internaram ela imediatamente. Eles não fizeram a cesariana na hora porque não quiseram e ela ficou sofrendo até fazerem o parto. Assim que ela voltou para a enfermaria, ela começou a reclamar de dores por volta do meio dia. As enfermeiras diziam que era normal e que era por conta da anestesia, mas somente às oito da noite levaram minha filha para a Evangelina Rosa", disse a mãe de Karen Rafaela.

Hoje morando no hospital com a filha, Elisângela relata que chegando na maternidade, a jovem foi levada direto para a sala de cirurgia, onde teria sido descoberto o rompimento de uma artéria e uma hemorragia interna. A adolescente teve uma parada cardíaca, que

segundo a mãe durou cerca de 25 minutos, e em seguida foi reanimada e ficou em coma.

"Ela permaneceu no estado de coma até novembro. Há dois meses ela acordou, mas agora em estado vegetativo. Ela não tem movimentos e não fala. Apenas tem estímulos corporais de dor. Mas eu tenho certeza que minha filha consegue me ouvir", acrescentou.



Antes da cesariana da filha, Elisângela trabalhava como vendedora ambulante. Ela teve de abandonar o trabalho para cuidar exclusivamente da filha, que mora há quatro meses no hospital Getúlio Vargas. A mãe da adolescente pede ajuda das pessoas porque a família não teria como arcar com os custos de uma UTI domiciliar.

"Hoje em dia ela usa cerca de três pacotes de fraldas por dia. Eu tive de largar o emprego para cuidar dela e minha outra filha cuida do bebê. Não sabemos como vamos fazer agora pois ela já está em processo de alta, mas precisa de uma UTI em casa e não temos condições."

Elisângela explica ainda que não havia tornado o caso público porque move um processo judicial contra todos os envolvidos no atendimento a Karen Rafaella. Contudo, o momento a fez revelar o drama da família. As mensagens se espalharam pelas redes

sociais. "Eu já não aguentava mais. Eu precisava contar isso para as pessoas para que não aconteça com outras moças o que aconteceu com ela", contou emocionada.

A ambulante chora ao relembrar da filha e diz ter esperança de vê-la curada. "Minha filha é uma pessoa maravilhosa. Falava muito, ajudava em casa e sempre foi uma boa menina. Hoje, ao vê-la nessa situação, só consigo me sentir triste. E precisava fazer esse alerta para que outras mães não passem pelo mesmo", conclui.

O bebê de Karen nasceu saudável e tem quatro meses. O pai da criança também é adolescente e tem ajudado da forma que pode, segundo a mãe da jovem.



Maternidade nega erro

Em contato com o Cidadeverde.com, a maternidade do Buenos Aires disse que a paciente deu entrada na maternidade para tratamento clínico de uma infecção e não em trabalho de parto como foi divulgado. Segundo a diretora Rosélia Sena, somente dois dias após chegar ao hospital, a gestante iniciou trabalho de parto.

"Ela realmente foi paciente da maternidade, mas ela tratou de uma infecção. O trabalho de parto foi dois dias depois. A cirurgia ocorreu normalmente e somente na enfermaria ela começou a se queixar de dor", afirmou.

Rosélia acrescenta que a jovem foi encaminhada para a Evangelina Rosa onde foi atendida em relação as dores. "Quando ela saiu daqui, estava bem, consciente e estável. Pedimos o prontuário na maternidade para checar o que houve por lá, mas vamos investigar o caso", pontuou a diretora.

Já a maternidade Evangelina Rosa, para onde Karen Rafaela foi transferida, informou que abriu sindicância para apurar se houve responsabilidade da equipe da unidade de saúde no caso. Um corpo de médicos trabalha na elaboração de um relatório, que será encaminhado ao departamento jurídico.

Rayldo Pereira (flash)

Fábio Lima (da Redação)

redacao@cidadeverde.com

ANEXO 12

Jovem fica em coma irreversível após cesariana e família aciona justiça

Irmã de Karem Rafaela acusa o hospital do Buenos Aires de negligência.
Família está fazendo campanha para conseguir instalar UTI em casa.

Catarina Costa do G1/PI



Karem Rafaela encontra-se em estado vegetativo em hospital de Teresina
(Foto: João Cunha/G1)

A família da adolescente Karem Rafaela, 17 anos, resolveu acionar a Justiça após a jovem ficar em coma irreversível depois de ser submetida a uma cesariana em uma maternidade pública de Teresina. Os familiares pedem indenização pelos danos causados à jovem. O caso também está sendo investigado pela Polícia Civil e Conselho Regional de Medicina do Piauí (CRM-PI).

Sem dinheiro para continuar com o tratamento, familiares e amigos estão fazendo uma campanha para conseguir recursos e montar uma mini Unidade de Terapia Intensiva (UTI) em casa. A irmã Ângela Silva acusa o hospital de negligência médica.

Segundo a família, Karem Rafaela deu entrada no Hospital do Buenos Aires, Zona Norte da capital, no dia 9 de setembro do ano passado quando começou a sentir dores e a previsão inicial do médico, que fez o pré-natal, era de que o parto fosse normal. No entanto, após dois dias internada, a jovem, que na época tinha 16 anos, não apresentou dilatação e a equipe médica decidiu por realizar uma cesárea. O bebê, do sexo masculino, nasceu bem e atualmente está com quatro meses.

"Ao retornar da cirurgia, minha irmã ficou se queixando de fortes dores abdominais e fraqueza. Ela ainda conseguia falar e se movimentar. De 9h até 21h, disseram que os sintomas eram normais e somente na troca de plantão no turno da noite, a médica

percebeu a gravidade e encaminhou ela à Maternidade Evangelina Rosa", relatou Ângela Silva.

Para Cintia Andrade, advogada da família, o período pós-cesárea sem atendimento médico foi decisivo para a deterioração do estado de saúde de Karen.



Irmã da jovem acusa hospital de negligência médica
(Foto: João Cunha/G1)

“Os vários laudos que coletamos apontam que provavelmente uma artéria foi cortada durante a cirurgia. Após isso, Karen ficou 12 horas esperando por uma avaliação médica. Nesse meio tempo, apenas enfermeiros a acompanharam. Por volta das 21h, uma enfermeira acionou uma médica, que percebeu que a jovem estava em choque hipovolêmico (grande perda de sangue). Essa foi a maior negligência”, afirmou.

Em nota, a Fundação Municipal de Saúde (FMS) disse que segundo a diretoria do Hospital Buenos Aires, a paciente Karem Rafaela deu entrada no hospital para tratamento de uma infecção preexistente. No terceiro dia de internação, ela entrou em trabalho de parto que evoluiu para a indicação de cesariana.

"O procedimento foi feito normalmente com a paciente encaminhada para a enfermaria e depois transferida com consciência para a maternidade Evangelina Rosa, referência para gravidez de risco em Teresina", diz trecho da nota. A FMS disse que o caso está sendo investigado para detectar as causas da complicação.

Ainda de acordo com a irmã de Karem, na Maternidade Dona Evangelina Rosa a jovem passou por uma segunda cirurgia por conta de uma hemorragia no abdômen, teve uma parada cardíaca de 30 minutos e ficou em coma induzido. A adolescente passou 15 dias na maternidade e depois transferida para o Hospital Getúlio Vargas (HGV).

O **G1** procurou a direção da Evangelina Rosa que informou ter aberto sindicância sobre o caso. Segundo a maternidade, a comissão de ética médica está concluindo relatório para ser entregue aos órgãos jurídicos que solicitaram.

"No HGV ela passou por uma terceira cirurgia. Depois disso ela, entrou em coma vigil ou estado vegetativo. Ela não responde, faz movimentos aleatórios e, segundo os médicos, a situação dela é irreversível. Nós queríamos que a Karem voltasse para casa bem tendo noção das coisas", contou a irmã.

Há uma semana, Karem Rafaela teve alta médica e pôde retornar para casa, mas a família alega não ter local apropriado para cuidar da jovem, que se alimenta por sonda e depende de equipamentos médicos para sobreviver. A irmã e a mãe se revezam para acompanhar Karem no hospital e ainda cuidar do pequeno Kauan Rafael.

"Já realizamos bingos, rifas, tudo para ajudar no tratamento da Karem. Entramos com processo contra o hospital do Buenos Aires porque acreditamos que houve negligência

médica. Ainda sem resultado, iniciamos a campanha nas redes sociais porque precisamos montar uma mini UTI no quarto dela, mas precisamos também de fraldas, óleo de girassol, protetor de colchão, pomadas para assaduras e lençóis", relatou Ângela.

CRM, polícia e Justiça acionados

A advogada da família de Karen afirmou que o caso da jovem está sendo tratado em três vias. O Conselho Regional de Medicina do Piauí (CRM-PI) foi acionado para apurar administrativamente o que de fato aconteceu desde a entrada de Karen no Hospital do Buenos Aires até sua chegada ao coma. Ao mesmo tempo, a Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA) já começou a investigar o ocorrido, ouvindo testemunhas, processo que deve culminar com a abertura de um inquérito policial.

Por fim, a família acionou a Justiça na esfera cível pedindo indenização pelo ocorrido. "Demos entrada no mês de dezembro no processo, que está na fazenda pública, já mesa do juiz. Foi pedido antecipação de tutela com relação aos gastos que a família tá tendo atualmente, para a instalação de um home care. O intuito é que Karen fique em casa, mas isso só é possível com a instalação de equipamentos", afirmou a advogada Cintia Andrade.

Obstetra fala sobre complicações

O **G1** procurou uma especialista para falar sobre o caso. Segundo o obstetra Antônio Nascimento, uma paciente com infecção pode ser uma pessoa vulnerável a qualquer outro tipo de patologia e geralmente só é detectada durante ou após a cirurgia.

"A infecção pode ser generalizada e comprometer qualquer órgão. No caso do útero, a paciente pode ter tido uma peritonite [inflamação no abdômen] localizada ou generalizada. Nesse caso, a pessoa às vezes apresenta indicativo de infecção, mas geralmente já vem comprometida e somente durante a cirurgia é que se detecta a patologia. Um simples hemograma é capaz de diagnosticar a infecção", explicou.

O obstetra acredita que Karem pode ter apresentado uma trombose, já que não é comum este quadro por infecção, no entanto, somente um laudo mais detalhado poderá apontar as causas para o quadro.

ANEXO 13

Mãe de suspeito de assalto a Correios é presa com armas e dinheiro manchado

Cidadeverde.com

A idosa Maria do Livramento, cerca de 51 anos, foi presa na noite de ontem (19) com armas, dinheiro manchado por dispositivo de segurança de caixas eletrônicos e um colete dos Correios. Ela é mãe de Rafel, conhecido como "Bicudo", suspeito de assalto a agências dos Correios em todo o Piauí. A polícia informou que ele já trocou tiros com a polícia em um assalto a banco no Maranhão.

Segundo o major Flávio Pessoa, comandante do 5º Batalhão de Polícia Militar, responsável pela prisão, a mulher foi presa na Vila Santa Bárbara, zona Leste da capital. A polícia chegou até ela após denúncia anônima e encontrou todo o material.

"A prisão aconteceu após parceria com o serviço de inteligência da PM, sendo que a entrada na casa se deu por volta das 20h. O filho é um conhecido assaltante, saiu há poucos dias da Casa de Custódia. Ela ficou presa na Central de Flagrantes e vai responder por posse ilegal de arma de fogo", informou o comandante.

Ele informou que na residência foram encontradas uma pistola 9mm, um carregador de uma sub metralhadora com capacidade para 35 munições, um carregador pertencente à carga da Polícia Civil do Piauí, 52 munições de 9mm, 15 munições de pistola 380 e uma pistola ponto 40. O dinheiro localizado estava manchado com tinta vermelha do dispositivo de segurança de caixas eletrônicos, além de um colete dos Correios.

Segundo o policial, ainda não há detalhes sobre quais assaltos a agências dos Correios no estado teriam participação de Rafael. No total, a polícia encontrou R\$ 2.218,00 em notas manchadas.

Cinco em um mês

Cinco caixas eletrônicos foram explodidos em Teresina em menos de um mês. Na madrugada da última terça-feira (18), por volta das 4h, bandidos arrombaram o portão de uma faculdade particular na Zona Leste de Teresina e explodiram o terminal de autoatendimento.

Segundo o comandante, a polícia está em busca de Rafael e disse que o policiamento está sendo reforçado nos locais que podem vir a ser alvos dos bandidos.

"Os crimes estão sendo cometidos por uma quadrilha especializada que está tentando criar uma rotina de arrombamentos. O policiamento está sendo mobilizado, indo aos caixas na madrugada para coibir e prender quem tentar invadir e arrombar os caixas", disse.

Maria Romero

redacao@cidadeverde.com

ANEXO 14

Coautora da morte de policial será exonerada do Governo do Piauí

Mulher era diretora de hospital psiquiátrico e teria planejado assassinato. Secretaria de Saúde confirma envio de ofício para Palácio de Karnak.

Carlos Rocha e Ellyo Teixeira do G1/PI

A Secretaria Estadual de Saúde (Sesapi) encaminhou ofício na última sexta-feira ao Palácio de Karnak solicitando a exoneração da namorada do policial Claudemir Sousa, apontada pela Polícia Civil como coautora intelectual da morte do militar. Ela era diretora administrativa de um hospital psiquiátrico, em Teresina, no qual foi presa na última sexta-feira (16).

A Secretaria de Saúde informa que a exoneração será publicada nesta semana. A ex-diretora administrativa, segundo a Sesapi, não vai enfrentar processo administrativo, devido a ocupar um cargo comissionado, de livre nomeação e exoneração.

Claudemir Sousa foi morto a tiros no dia 6 de dezembro, quando ele saía da academia onde treinava no bairro Saci, na Zona Sul de Teresina. Nove pessoas foram indiciadas pela morte do policial, entre elas, as sete pessoas suspeitas presas um dia após o crime, a namorada da vítima e um instrutor de autoescola. De acordo com o delegado Gustavo Jung, do Grupo de Repressão ao Crime Organizado (Greco), a mulher teria planejado o assassinato junto com o suspeito de ser mandante do crime.

“A mulher mantinha um relacionamento amoroso ao mesmo tempo com o policial e o suspeito de ser o mandante do crime. Ela foi presa no seu local de trabalho, após o mandado de prisão ser expedido pelo juiz titular da Central de Inquéritos, Luiz Moura. Já estávamos acompanhando ela desde o início das investigações, na certeza que o mandado de prisão iria sair. Temos a convicção de que foi dela e do companheiro a ideia da morte”, afirmou o delegado.

Durante as investigações, a polícia também descobriu que a mulher possui um apartamento ao lado do imóvel do suposto mandante do crime.

“Ao prestar depoimento ela não declarou no auto de interrogatório que possuía esse apartamento. No decorrer das investigações descobrimos o endereço e cumprimos mandado de busca e apreensão no local. Esse é um elemento a mais de que os dois mantinham um relacionamento amoroso e se encontraram antes e depois do crime”, disse Jung.

A mulher passou pelo Instituto de Medicina Legal de Teresina (IML) para fazer exame de corpo de delito e logo em seguida transferida para uma cela especial no presídio feminino.

Fraude INSS

O delegado do Greco explicou que no dia da prisão do suspeito de ser o mandante do crime, os agentes encontraram uma vasta documentação de várias pessoas no apartamento dele. O material foi encaminhado para a Polícia Federal.

“Foi encontrado muitos documentos do INSS [Instituto Nacional do Seguro Social] na residência do suspeito, que são atribuídos tanto a mulher presa nesta sexta-feira como ao homem, sendo que um trabalhava para o outro. Como existe indícios de fraude junto a aposentadoria, nós encaminhamos todo o material encontrado para Polícia Federal, que em seu devido prazo irá fazer uma investigação”, comentou.



Policial foi morto quando saía de academia no bairro Saci, Zona Sul de Teresina. (Foto: João Cunha/G1)

Crime eluciado

Para a polícia, o crime está elucidado e as motivações seriam emocionais e profissionais, uma vez que coautora tinha um relacionamento simultâneo com o policial e o suspeito de ser o mandante, um funcionário da Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (Infraero) que ofereceu o valor de R\$ 20 mil pela execução.

"A motivação profissional seria pelo fato de nas investigações foram encontrados indícios de que ela e o suposto mandante realizavam fraudes ao INSS. O receio dos dois é que o policial atrapalhasse de alguma forma o esquema, caso tomasse conhecimento", disse o delegado Gustavo Jung, responsável pelo inquérito.

Conforme o delegado, a mulher passou a ser investigada após prestar depoimento e apresentar contradições em sua fala. Em seu depoimento, ela negou relacionamento amoroso com o mandante do crime e confirmou ter namorado há dois anos o policial do Bope, mas terminou depois da convocação dele para a Força Nacional.

Prisões

Um dia após o crime cinco homens suspeitos de participar da morte do policial e uma mulher que teria avisado os atiradores foram presos.

De acordo com o secretário de segurança, Fábio Abreu, um dos suspeitos usava tornozeleira eletrônica e a partir do monitoramento dele os policiais chegaram aos demais envolvidos no assassinato, inclusive, ao mandante, que é funcionário da Infraero. Também entre os presos está um taxista, apontado como o agenciador dos atiradores.

A sétima pessoa presa foi também no dia 7 e admitiu ter sido contratado para matar Claudemir Sousa e que receberia R\$ 5 mil pelo serviço. A informação foi confirmada pelo capitão Paulo Silas, comandante da Companhia do Independente do Promorar.

ANEXO 15

Mulher é presa ao transportar cocaína presa ao corpo de SP para o Piauí

Mulher foi recepcionada por outro suspeito na rodoviária de Teresina. Polícia seguiu dupla e os prendeu no bairro Renascença, Zona Sudeste.

G1/PI



Mulher trouxe droga presa ao corpo de São Paulo à Teresina
(Foto: Divulgação/Polícia Civil)

A Polícia Civil do Piauí prendeu na tarde do domingo (15) uma dupla suspeita de traficar drogas do Estado de São Paulo para Teresina. A polícia chegou até os suspeitos através de uma denúncia anônima pelo aplicativo da Delegacia Especializada de Prevenção e Repressão a Entorpecentes (Depre), de que uma mulher iria desembarcar na rodoviária de Teresina transportando as drogas.

O delegado titular da Depre, Menando Pedro, disse que ao chegar à rodoviária, a mulher foi recepcionada por um homem em uma mota preta. A polícia resolveu não abordar a dupla no local e os seguiu a até uma residência no bairro Renascença, Zona Sudeste, onde efetuou a prisão em flagrante dos suspeitos.

•



Delegado Menandro Pedro, coordenador da DEPRE.
(Foto: Divulgação/Polícia Civil)

“Ao chegarmos ao local demos voz de prisão aos suspeitos e apreendemos a droga. Descobrimos que a casa é um local para onde se levam motos roubadas e fazem o desmanche. Encontramos algumas carcaças de motos com chassis raspados”, informou o delegado.

Segundo a polícia, foi apreendida a quantidade de um 1kg de cocaína que veio presa ao corpo da mulher.

“No Piauí nunca tivemos um caso de uma pessoa trazer cocaína presa no seu corpo. Ela passou três e três noites, duração da viagem, sem poder nem tomar banho”, disse o delegado.

O Serviço de Polícia Interestadual (Polinter) irá investigar o caso do desmanche das motos.